

Anastácio Ferreira de Oliveira

**IGREJA DOS POBRES E IMAGENS DE DEUS À LUZ DA TEOLOGIA
DO POVO DE DEUS EM JOSÉ COMBLIN:
convites à práxis cristã emergentes da Missão Ibiapina no
semiárido nordestino**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. João Batista Libanio

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte

2013

Anastácio Ferreira de Oliveira

**IGREJA DOS POBRES E IMAGENS DE DEUS À LUZ DA
TEOLOGIA DO POVO DE DEUS EM JOSÉ COMBLIN:
convites à práxis cristã emergentes da Missão Ibiapina no
Semiárido nordestino**

Dissertação apresentada ao Departamento
de Teologia da Faculdade Jesuíta de
Filosofia e Teologia, como requisito parcial
à obtenção do título de mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da Práxis
Cristã.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Libanio

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

O48i Oliveira, Anastácio Ferreira de
Igreja dos pobres e imagens de Deus à luz da teologia do povo de Deus em José Comblin: convites à práxis cristã emergentes da Missão Ibiapina no semiárido nordestino / Anastácio Ferreira de Oliveira. - Belo Horizonte, 2013.
157 p.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Libanio
Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Povo de Deus. 2. Igreja dos pobres. 3. Missão Ibiapina. 4. Comblin, José. I. Libanio, João Batista. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 25

ANASTÁCIO FERREIRA DE OLIVEIRA

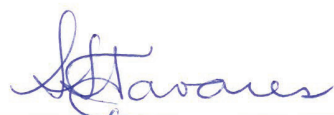
**“IGREJA DOS POBRES E IMAGENS DE DEUS À LUZ DA TEOLOGIA DO POVO
DE DEUS EM JOSÉ COMBLIN: convites à práxis cristã emergente da Missão Ibiapina
no semiárido nordestino”**

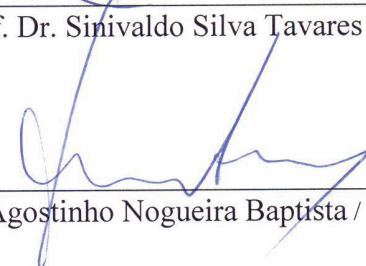
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 30 de julho de 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof. Dr. João Batista Libanio / FAJE (Suplente)


Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares / FAJE


Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista / PUC-Minas (Visitante)

Dedico este trabalho a todas as vítimas da indústria da seca no semiárido nordestino. Embora impedidos pelas cercas do latifúndio e dos preconceitos, ter acesso aos direitos básicos à vida, os empobrecidos aprenderam com a sabedoria dos cactos da caatinga a guardar em si a seiva da fé e da esperança de um mundo novo. E quando parecem morrer brotam em novas formas de convivência com o seu habitat na luta pela vida. De maneira especial dedico a uma flor chamada Margarida Alves Ferreira sertaneja cheia de vitalidade e alegria, minha mãe-avó. Nasceu na grande seca de 1915, gerou 18 filhos, e fez jus ao nome na superação das adversidades da vida até os seus quase 98 anos em que foi colhida pelo Jardineiro Eterno para a plenitude da vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus fonte da vida, da sabedoria e de toda graça.

À Igreja diocesana de Iguatu-CE, na pessoa de D. João José Costa pelo apoio e confiança, e a todo o povo de Deus que me acompanhou com as orações e incentivo.

À minha família que desde a gestação até hoje acompanha todos os passos na oração, doação, gratuidade e amor.

Ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), pelo incentivo e apoios dados através da Coordenação de Pós-graduação.

À Comunidade Carmelitana Santa Edith Stein de Belo Horizonte pela acolhida fraterna, generosa e solidária, local de hospitalidade, oração e estudo que me permitiu produzir este trabalho.

À FAJE pela competência e ensino de excelência a nós propiciado.

Ao orientador professor Dr. João Batista Libanio, pela orientação e testemunho de vida intelectual e eclesial a serviço do povo de Deus.

Aos funcionários da FAJE em geral, de maneira especial à bibliotecária Zita Mendes Rocha e Aldair Leite Duarte, pela competência técnica e humanística;

Às comunidades e paróquias de Belo Horizonte, e de outras dioceses que tive a graça de conviver e partilhar a fé e a esperança: povo de Deus em Ribeirão das Neves, Campo Alegre, São Sebastião e São Vicente, São Miguel. À paróquia de Senhora Santana na Arquidiocese de São João Del Rei e Nossa Senhora do Bom Despacho, Diocese de Luz.

Ao povo de Deus das CEBs da Diocese de Itabira/Coronel Fabriciano, Arquidiocese de Mariana e às CEBs da Micro-região II de Minas Gerais.

Ao professor Paulo Augusto da Silva pelo auxílio generoso e fraterno na correção da dissertação.

Ao padre Francisco Roserlândio de Souza, companheiro desde a formação presbiteral no seminário, pelas excelentes discussões e reflexões que travamos e muito contribuíram no processo de construção da dissertação.

Aos colegas do mestrado, pelo apoio e incentivo de modo especial à Ir. Rosana Araujo Viveiros, ao Padre Harley Caldeira Mourão e o Fr. Jonas Nogueira.

A todos e todas que partilhamos a vida, os projetos, alegrias e angústias, e construímos uma amizade sincera: muito agradecido!

“Os pés dos romeiros são como lápis. Nós pobres, somos de poucas letras, Mas a gente também escreve com os pés. Só que para ler essa escrita precisa de conhecer os chãos da vida e das estradas duras. E é preciso curtir o couro dos pés. Pezinhos de pele fina não deixam quase nada escrito nos caminhos da vida”.

Depoimento de um romeiro.

Olheiro e aprendiz dos sinais dos tempos e das lutas mais queridas. Amante e servidor da dama liberdade, farejador e acolhedor do sopro do Espírito. Crente do pobre-povo-de-Deus ...

No trânsito da história nos antigos e novos rumos das ideias ele percebe mais, bem mais do que apenas sinais vermelhos, amarelos e verdes...

Não se atém nem se retém nos postos institucionais. Não empaca nos míopes avisos: Errado! Certo! de cúrias e incúrias.

Vai seguindo indo e vindo com sua enxada teológica revolvendo teologias, cavando e desencavando eclesiologias, no campo e na cidade. Com sua simplicidade já euro-nordestina nas entranhas do Evangelho.

Minha gratidão nordestina cria audácia na imaginação... Adivinho-o crítico e amoroso, sério e de fino humor; de ouvido afiado ao que é mais abafado na dignidade dos pobres. Movido pelo amor, apressando as horas daquela urgência que não permite esperar!

(Apressador de Urgências; Irmã Agostinha Vieira de Mello, homenagem nos 80 anos do Pe. José Comblin).

RESUMO

Objetivamos estudar nesta dissertação, à luz do conceito de povo de Deus em Comblin, a emergência da Igreja dos pobres latino-americana na experiência da Missão Ibiapina no semiárido nordestino. Encontramos respaldo para a pesquisa nas obras desse autor que falam sobre a ação do Espírito Santo. Estruturamos a pesquisa através do método genético-estrutural e apresentamos de que modo Comblin analisa a presença do povo de Deus na história. Percorremos, no capítulo 1, a construção conceitual de povo de Deus desde a Igreja antiga, na consciência que a caracterizou como tal à luz do critério da práxis de Jesus: o Reino e os pobres. Adentramos na história e percebemos o distanciar-se do ideal da Igreja povo de Deus e o adequar-se às estruturas do império no exercício do poder autoritário e concentrador. Aliada aos reis e nobres, organizou-se por mais de 15 séculos, de forma piramidal, e afastou os pobres da missão de povo de Deus. Convocado o Concílio Vaticano II, retorna-se à Bíblia e emerge a teologia do povo de Deus. Sonha-se com a superação da Igreja Imperial para uma Igreja pobre, acolhedora e servidora. Salientamos no capítulo 2 que o sonho de João XXIII encarnou-se na América Latina. Os pobres e marginalizados emergem no cenário eclesial e social como povo de Deus que luta pelo direito à vida. Cresceu a consciência do sacerdócio comum dos fiéis, muitos leigos assumiram a tríplice missão. Estimulou-se a criação de conselhos de pastoral e o poder como serviço descentralizado. Apresentamos a Missão Ibiapina, no Nordeste brasileiro do século XIX, como precursora da Igreja dos pobres. Para Comblin, uma experiência eclesial autóctone com o rosto dos sertanejos. Refletimos no capítulo 3 que as imagens de Deus baseadas na metafísica grega, fortaleceram a Igreja Imperial. Retornar à Bíblia permitiu o reencontro com a face do Deus misericordioso e solidário que se esvaziou, entrou na história ao encontro do ser humano. É convite permanente e desafiador à Igreja: retornar aos evangelhos, reencontrar Jesus e aderir à sua práxis.

Palavras-chave: Povo; Igreja imperial; Bíblia; Retornar; Imagens de Deus; Igreja dos pobres.

ABSTRACT

This dissertation aims at studying the emergence of the poor people's Church in Latin America, from the experience of the Ibiapana Mission, in the northeastern semi-arid of Brazil, and in light of Comblin's concept of the People of God. Our research is based on the works that talk about the action of the Holy Spirit. This research was based on the genetic structural approach. We presented how the theologian Comblin analyses the presence of the people of God in History. We will go through the conceptual construction of the people of God, starting from the Ancient Church and the conscience that characterized it as such, taking as a criterion Jesus' praxis: the kingdom of the poor. As we move through history, we can observe how this ideal of a Church for the people of God is being kept away in order to conform with the structures of the Empire in the exercise of authoritarian and concentrative power. Through alliances with kings and nobles, for over 15 centuries, the Church organized itself in a pyramidal way and drove the poor away from the mission of the people of God. Since the Second Vatican Council, we have returned to the Bible and the theology of the people of God has emerged, with the dream of overcoming the Imperial Church in order to go back to a Church that is poor, welcoming and servant. Chapter III highlights the fact that John XXIII's dream has incarnated itself in Latin America. The poor and the marginalized emerge in the social and ecclesial scenario as the people of God who are fighting for their right to live. The consciousness of the common priesthood of the faithful has risen and many lay people have taken on the triple mission. The setting up of pastoral councils has been stimulated and the power conceived as decentralized service. We present the Ibiapina mission in XIX century northeastern Brazil as a precursor of the Church of the poor. This was, for Comblin, a local ecclesial experience showing the true face of the *Sertanejo* people. Chapter IV reflects on how the images of a God based on Greek metaphysics have strengthened the Imperial Church. By returning to the Bible, the face of the merciful and sympathetic God that had vanished from human story has been rediscovered. One of the permanent and challenging invitation for the Church is to return to the Gospels, re-encounter Jesus and adhere to his praxis.

Keywords: People; Imperial Church; The Bible; Re-encounter; God's images; The Church of the poor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: O CAMINHAR DO POVO DE DEUS ENTRE LUZES E SOMBRAS ANTES DO CONCÍLIO VATICANO II.....	17
1.1 O Reino de Deus e os pobres como centro da práxis de Jesus.....	18
1.1.1 De humilde serva de Cristo a Senhora com os senhores do mundo - onde ficaram os pobres de Jesus na Sociedade Perfeita?.....	22
1.1.2 Beguinhas: mulheres leigas a serviço do povo de Deus	29
1.1.3 O Espírito traz os pobres à luz: mendicantes desposam a Dama Pobreza!.....	32
1.2 O espírito evangélico dos mendicantes ressuscita o povo de Deus!.....	35
1.2.1 Reformas no século XVI: emergência dos preferidos de Deus?.....	39
1.2.2 Nas lutas operárias, os pobres ressuscitam – o Espírito sopra onde quer!.....	44
1.2.3 A grande espera dos pobres – “Que os ventos do Espírito adentrem na Igreja”	46
1.3 Concílio Ecumênico Vaticano II: no retorno à Palavra emerge o povo de Deus!.....	49
1.3.1 Centralidade da Palavra e historicidade da Revelação: o Verbo se faz carne no povo de Deus!.....	51
1.3.2 O Mistério do povo querido por Deus na história como “Luz dos povos”!.....	58
1.3.3 No coração da Igreja palpitam “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias da humanidade”	62
1.4 Conclusão do capítulo.....	166
CAPÍTULO 2: AMÉRICA LATINA: POVO DE DEUS SE ENCARNA NA IGREJA DOS POBRES.....	68
2.1 Os crucificados em movimentos de ressurreição na América Latina.....	68
2.1.1 Povo de profetas, testemunhas da Palavra!.....	70
2.1.2 O povo de Deus é o povo dos pobres reunido em comunidade	74
2.1.3 Um povo de pastores: organizar para realizar as ações do Bom Pastor!.....	76
2.2 As características do povo de Deus segundo José Comblin.....	78
2.2.1 O povo é Esperança em busca da utopia do Reino	79
2.2.2 O povo é liberdade profética.....	82
2.2.3 O povo é Aliança na solidariedade.....	86
2.3 No semiárido nordestino Comblin descobre a Igreja dos pobres	90
2.3.1 “Não percam tempo” buscai a eternidade na reconciliação e no trabalho!.....	95

2.3.2 Na força da Palavra liberdade para anunciar “Ninguém é pequeno. Grande só Deus!..	98
2.3.3 O Bom Pastor faz Aliança com os pobres para o bem viver: “Nada faltará”	101
2.4 Conclusão do capítulo 2.....	105
CAPÍTULO 3: DA MISSÃO IBIAPINA À NAÇÃO ROMEIRA DO JUAZEIRO –	
INFLUXOS E CONTINUIDADES NO SEMIÁRIDO NORDESTINO.....	107
3.1 Imagens de Deus e Igreja dos pobres em Comblin.....	108
3.1.1 Deus é Vida e Liberdade manifesta na história: do Deus inacessível e impassível ao Deus Misericórdia.....	112
3.1.2 Do Deus Imutável Todo-poderoso ao Deus que se esvazia e se faz peregrino.....	116
3.1.3 Do Deus Onisciente, Juiz vingativo ao Deus Espírito: liberdade, Alegria e Esperança!.....	120
3.2 Missão Ibiapina e Catolicismo Romanizado no semiárido – Quais imagens de Deus e qual práxis?.....	125
3.2.1 Imagens de Deus que moveram a práxis missionária do Padre Ibiapina	126
3.2.2 Influxos das imagens de Deus e práxis do Padre Ibiapina no apostolado do Padre Cícero.....	130
3.2.3 A práxis pastoral de José Comblin no semiárido – edificar a Igreja dos pobres.....	136
3.3 À luz da teologia do povo de Deus e da ação pastoral do Padre Ibiapina – convites à práxis cristã hoje no semiárido nordestino	140
3.3.1 Pedagogia Pastoral e método do Padre Mestre Ibiapina.....	141
3.3.2 Encarnação da Igreja dos pobres no Semiárido nordestino.....	143
3.3.3 Proximidades entre a práxis pastoral dos Padres Ibiapina, Cícero e José Comblin.....	144
3.4 Conclusão do capítulo 3.....	146
CONCLUSÃO.....	148
REFERÊNCIAS.....	153

INTRODUÇÃO

A sociedade atual anseia por participação nas decisões, autonomia, autenticidade e coerência. Eclodem gravíssimos problemas ecológicos, crise financeira, exclusões, tráfico de pessoas, corrupções, questões relacionadas à bioética, vidas ameaçadas pela pobreza e violência permeadas de relações utilitaristas, fluídas, virtuais e individualistas que deságuam na grande crise existencial. Quais seriam as atitudes e palavras da Igreja para testemunhar Jesus Cristo em meio aos “novos areópagos”?

Dos séculos XVI ao XIX a Igreja preocupada em defender-se do Protestantismo e da Modernidade manteve-se surda aos anseios e desafios dos pobres como também diante dos avanços técnico-científicos. A resposta foi: fechamento e condenações.

Constata-se nas últimas décadas na Igreja católica uma forte tendência à centralização de poder, fechamento e volta às condenações, numa perceptível falta de diálogo e sensibilidade às interpelações da realidade. Houve um forte recrudescimento à Igreja pré-Concílio Vaticano II deixando-se de lado os horizontes abertos nos últimos 50 anos.

Acentua-se na Igreja a necessidade da visibilidade da autoridade do poder clerical e dos sinais eclesiais, enquanto o mundo espera o grande sinal da acolhida, do diálogo e compaixão solidária, gestos concretos de amor e misericórdia.

Elevam-se torres e catedrais. Promovem-se eventos de massa. Investe-se nas vestimentas clericais. Enquanto os empobrecidos, exilados, migrantes, perseguidos ainda aguardam o sinal do amor. O desejo de João XXIII no discurso inaugural do Concílio Vaticano II em 11/10/1962: “A Esposa de Cristo deve usar mais do remédio da misericórdia que o da condenação”, pareceu ser esquecido ou ignorado.

Retomar as inspirações primeiras de João XXIII por uma Igreja povo de Deus é algo urgente no atual contexto eclesial. Aprofundar a teologia do povo de Deus e redescobrir a Igreja dos pobres que Medellín e Puebla conseguiram concretizar, é desafio à missão profética dos cristãos. Para Comblin, urge o retorno aos evangelhos para reencontrar Jesus, sua liberdade kenótica e profética.

Nestes tempos de individualismo exacerbado, entranhado em todas as relações sociais, inclusive em muitas experiências religiosas, Comblin nos relembra que o “povo de Deus” é o conceito que mais expressa o “espírito” do Concílio Vaticano II. Segundo Comblin, o Vaticano II trouxe para a Igreja a lembrança de que ela é povo de Deus.¹

¹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 9.

Contudo, o Concílio Vaticano II não conseguiu chegar à Igreja dos pobres como desejou o papa João XXIII. Esse passo foi dado na América Latina, em Medellín e Puebla, onde se percebeu claramente que o “povo de Deus” é, na realidade, o povo dos pobres.

Comblin faz parte da tradição de Medellín e Puebla que recolheu os grandes gritos e anseios dos pobres de Deus do continente latino-americano e seus movimentos de libertação. Com vários outros teólogos latino-americanos, articulou fé cristã e engajamento social, e reencontrou os pobres de Jesus. Assim fez o teólogo peruano Gustavo Guitérrez em seu livro *Em busca dos pobres de Jesus* sobre o frei Bartolomeu de Las Casas que encontrou o Rosto de Cristo nos indígenas do século XVI.²

Para Comblin, não procedem as insinuações de que a teologia do povo de Deus tenha caráter sociológico. A sociologia e a filosofia utilizam mais o termo “sociedade civil”, pouco utilizam a categoria “povo” que possui uma conotação muito mais religiosa e espiritual do que sociológica e material.

O tema analisado centra-se no conceito de povo de Deus e a concretização da Igreja dos pobres em Comblin, portanto, a dissertação caminha por um viés eclesiológico e pastoral. Algumas obras fortaleceram o embasamento teórico e a reflexão teológica proposta, por isso mais citadas: *A força da palavra*, *O povo de Deus*, *Vocação para a liberdade*, *A profecia na Igreja*, *As instruções espirituais do Padre Ibiapina* e, a mais recente, *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus*, obra póstuma. Muito contribuiu a biografia de Comblin escrita por Mônica Maria Muggler.

Reiteramos que esta pesquisa não objetivou fazer análise sociológica da Igreja dos pobres. Fizemos o percurso histórico com Comblin, guiados pelo Espírito, e percebemos com os olhos da fé e da esperança que o povo de Deus, mesmo jogado nas sombras, resistiu fortalecido pelo Espírito, animado pelos movimentos proféticos.

Desejamos fazer uma leitura teológico-pastoral, iluminada biblicamente, dos dados obtidos na pesquisa bibliográfica, e oferecê-los à reflexão da práxis eclesial de hoje. Desde a adolescência tivemos a oportunidade da formação eclesial mais crítica, na perspectiva da caminhada da Igreja dos pobres latino-americana. Fizemos experiência missionária nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na Pastoral da Juventude do Meio Popular e Comissão Pastoral da Terra.

Durante o período do seminário maior entramos em contato com a realidade urbana de Fortaleza-CE, participamos da Pastoral Operária e das lutas dos sem-teto. A experiência de

² COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 242.

sete anos na coordenação diocesana de pastoral em Iguatu e, os dois anos na coordenação estadual da Pastoral da Terra fortaleceram o projeto de Igreja que acreditamos. Para edificar a Igreja povo de Deus faz-se necessário investir recursos e energias na formação integral dos leigos, motivo pelo qual escolhemos a temática da dissertação.

Através do método genético-estrutural, acompanhamos como Comblin analisou a presença dos pobres desde a Igreja primitiva. Passamos pela Igreja da Cristandade e Sociedade Perfeita, e vislumbramos a saída dos pobres das sombras na longa caminhada do povo de Deus até chegar ao Concílio Vaticano II.

No capítulo segundo abordamos a emergência da Igreja dos pobres na América Latina à luz das características do povo de Deus em Comblin. Apresentamos os elementos do conceito de “povo de Deus” que estiveram presentes na ação missionária do Padre José Antonio Maria Ibiapina, no Nordeste do Brasil durante o século XIX, em plena Romanização.

No contexto de Igreja hierárquica, estática, que se afirmava distante do mundo, presa aos “espaços sagrados”, aliada das elites agrárias e ausente da dor dos empobrecidos, padre Ibiapina exercerá a sua missão. Foi ao encontro das vítimas do cólera-morbo, das órfãs em vulnerabilidade de violência sexual e prostituição. Exerce o apostolado itinerante ao encontro de Deus nos rostos dos pobres. Entre os sofrendores e abandonados pelo Estado e pela Religião ele experimenta o Sagrado.³

Perguntamos pela experiência de Deus que moveu o presbítero, que ficou conhecido como Padre Mestre e Apóstolo da caridade no Nordeste, a grande novidade que ele representou em sua época para o povo de Deus, os pobres, e em que ele nos inspira hoje.

Padre Ibiapina pregou com liberdade profética que “Só Deus é bom e grande! Só Deus faz dos fracos fortes e os valentes são esmagados”⁴. Numa sociedade senhorial, marcada pela violência dos coronéis, relembra aos pobres sua dignidade de filhos (as) de Deus.⁵

Descobrimos que a Missão Ibiapina alimentou a Igreja dos pobres através dos séculos XIX e XX pelos sertões nordestinos. Ainda hoje alimenta a fé, a esperança e a caridade de milhões de pessoas na fé peregrina, que se faz presente no Juazeiro do Norte.

Identificamos traços da concepção de povo de Deus com a “Nação Romeira” de Juazeiro. A autonomia e liberdade no processo de organização do povo empobrecido para participar e fazer a Romaria, é sinal de esperança de vida digna e certeza de que a Igreja dos

³ HOORNAERT, Eduardo. *Crônica das casas de caridade fundadas pelo padre Ibiapina*. São Paulo: Loyola, 1981. p. 14, 20, 23.

⁴ OTTEN, Alexandre H. “*Só Deus é grande*”: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo: Loyola, 1990. p. 269.

⁵ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 214-215, 222-223.

pobres continua viva.

Encontramos nos romeiros (as) de Juazeiro grande maioria de gente simples, humilde, que busca dias melhores. São rostos de Cristo revelados nas Conferências do Magistério latino-americano. É povo cheio de esperança no qual identificamos a Igreja dos pobres desejada por João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II.

À luz do pensamento de Comblin percebemos que a Igreja povo de Deus, povo dos pobres, teve concretude na ação missionária do Padre Ibiapina e possíveis influxos no apostolado do Padre Cícero do Juazeiro. De Pe. Ibiapina, o Pe. Cícero herdou o amor ao povo sofrido, o atendimento religioso, a moral ascética, a escrita de cartas, o apoio concreto ao artesanato e a entrega das terras aos pobres para trabalhar. O lema de Padre Cícero era: “Aqui se reza e aqui se trabalha”.

Nesta hora delicada da história, alguns estudiosos da Igreja falam de crepúsculo do cristianismo e ao mesmo tempo perguntam por uma nova aurora. Percebemos no fenômeno religioso e espiritual dos pobres, que frequentam o Juazeiro da Mãe das Dores e do Padre Cícero, elementos que fortalecem a Igreja povo de Deus e reanimam a esperança.

Sob a liderança do padre Ibiapina e do padre Cícero, em nome da fé, os pobres se uniram para construir sua sobrevivência com dignidade e liberdade. Havia na palavra desses dois presbíteros uma força agregadora e mobilizadora que ainda continua presente na memória dos pequenos.

As sementes do Verbo Encarnado e sua práxis libertadora no mistério da paixão e ressurreição, lançadas na missão Ibiapina, motiva ainda hoje o pobres do Nordeste a enfrentarem a dureza da realidade. Continuaram a organização em comunidades na partilha das tarefas e nos mutirões de solidariedade.

Como dizia o profeta D. Hélder Câmara, o povo de Deus se configura como “minorias abraâmicas”, consciente da vocação de comunidade seguidora de Cristo que vivencia o múnus sacerdotal, profético e pastoral, não se contentando em ser apenas ovelhinha obediente.

No terceiro capítulo a partir da perspectiva de Comblin, fazemos uma leitura das imagens de Deus emergentes na práxis missionária do Padre Ibiapina e seus influxos na ação pastoral do Padre Cícero, como também na práxis da Igreja dos pobres na América Latina. Refletimos sobre a práxis de Comblin no semiárido nordestino e sua contribuição para edificar a Igreja povo de Deus.

Reconhecemos sinais de continuidade da práxis pastoral do padre Ibiapina e do padre Cícero nas Comunidades Eclesiais, Cáritas e Pastorais Sociais na superação da “Indústria da seca” através da palavra profética e das ações de convivência com o semiárido e defesa da

vida.

Desejamos com este trabalho alimentar a esperança na construção de uma Igreja povo de Deus, participativa, missionária e solidária, fiel ao tríplice múnus de Jesus Cristo. A aurora que raiou na ação pastoral do papa João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II, e sua conclamação à Esposa de Cristo ao reencontro com o seu Amado na Palavra e nos pobres, ainda brilha e ecoam forte em muitos corações.

A resposta histórica da Igreja da América Latina em abrir-se ao diálogo solidário com o mundo de hoje, ao encarnar as inspirações da *Gaudium et Spes* no chão latino-americano à escuta dos gritos dos pobres e injustiçados, reacendeu a chama profética nos seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré. Que os apelos dos pastores e profetas, D. Hélder Câmara e Pe. José Comblin nos animem na caminhada com os pobres de Jesus: “Não deixem cair a profecia”, “Não deixem cair a esperança dos pobres”.

CAPÍTULO 1: O CAMINHAR DO POVO DE DEUS ENTRE LUZES E SOMBRAS ANTES DO CONCÍLIO VATICANO II

Apresentamos no primeiro capítulo da dissertação o percurso histórico do conceito de povo de Deus. Será feito a partir de um viés eclesiológico-pastoral e bíblico, presente em algumas obras do teólogo belga José Comblin e de outros especialistas do tema. Explicitaremos alguns traços marcantes das comunidades cristãs primitivas, as proximidades ou distanciamentos da práxis de Jesus.

À luz do pensamento de Comblin, analisaremos de que maneira os pobres foram acolhidos e respeitados em sua dignidade de partícipes do tríplice múnus de Jesus Cristo. De que forma o povo de Deus, configurado no Cristo através do Batismo, foi tratado pela Igreja quando ela se compreendia como a Sociedade Perfeita? Onde estavam os pobres?

O autor escolhido para aprofundamento e iluminação do tema da dissertação, o teólogo belga José Comblin, viveu 53 anos na América Latina, entre o serviço ao povo de Deus, a profecia e o exílio. Ligado à tradição latino-americana de Medellín e Puebla, expressou a vivência e compreensão da fé na Teologia da Libertação. Teólogo de pensamento profundo e incisivo nas questões eclesiais e sociais, dada a sua preparação acadêmica e profícua experiência pastoral, desenvolveu vasta obra teológica.

Comblin deu aulas em alguns países latino-americanos e na Europa desde 1958. Partilhou da caminhada eclesial e assessoria direta a Dom Hélder Câmara no Recife, a Dom Manuel Larraín em Talpa – Chile, a Dom Leônidas Proaño em Riobamba – Equador, e a alguns outros bispos que chamava de Santos Padres da América Latina.

Atravessou o Concílio Vaticano II, vivenciou e apoiou profeticamente a emergência do povo de Deus nas CEBs e movimentos sociais, nas décadas de 1960 e 1970. Quando assessor de Dom Hélder Câmara e professor de teologia no seminário de Olinda-PE sofreu represálias por parte da ditadura instalada no Brasil em 1964, inclusive o exílio no Chile. Suas obras são densas de informações e reflexões, fundamentadas na história, na Bíblia e na Tradição da Igreja.

Será apresentada neste capítulo a compreensão de Comblin sobre a emergência do povo dos pobres nos vários momentos da história, enquanto ações do Espírito de Deus. As lutas por participação nas decisões eclesiais, por liberdade e justiça, foram, para Comblin, expressões do Espírito do Crucificado-Ressuscitado no Mistério de seu Corpo Místico, presente na história através dos pobres os seus preferidos.

1.1 O Reino de Deus e os pobres como centro da práxis de Jesus

Retornar aos evangelhos significa redescobrir a centralidade do Reino de Deus e dos pobres na práxis de Jesus de Nazaré.⁶ O grande impacto é que Jesus retoma a tradição profética e denuncia o sistema religioso que domina e exclui os pobres em nome de Deus. Jesus recoloca os pobres e marginalizados como os primeiros destinatários do Reino de Deus⁷, que haviam perdido a centralidade em Israel.⁸

Comblin analisa a maneira como o Cristianismo distanciou-se da práxis de Jesus, à medida que assimilou vários elementos do judaísmo em seu interior, mais ainda, da cultura greco-romana a partir dos séculos III e IV.

Em meio a um conflito surgido entre as equipes missionárias, o apóstolo expõe o critério primeiro e comum a todas as comunidades cristãs, como fundamento para a unidade na pluralidade da realidade missionária: Eles pediram apenas que nos lembrássemos dos pobres e isso eu tenho procurado fazer com muito cuidado (Gl 2,20). Jamais esquecer os prediletos de Deus, os pobres, foi o ponto de unidade colocado por Paulo.

Nunca esquecer os pobres foi o critério de unidade entre as equipes missionárias e comunidades do cristianismo primitivo. Critério de fidelidade àquele que é o fundamento, a pedra rejeitada pelos homens, que se tornou a pedra principal. O referencial ético dos primeiros cristãos é Jesus que assumiu a tradição messiânica e profética do Servo Sofredor de Iahwéh (Mt 8,16-17; 9,1-13.35-38; Mc 6,30-44). Ele se aproximou dos excluídos da religião e do convívio social.

Tornar-se próximo dos pobres e marginalizados, significou pra Jesus também ser marginalizado. Por denunciar uma religião discriminadora e dominadora⁹, foi perseguido e condenado à morte: “Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês fecham o Reino do Céu para os homens. Nem vocês entram, nem deixam entrar aqueles que desejam” (Mt 23,1.13).

Jesus desmascara o ritualismo judaico e revela a face amorosa e misericordiosa do Pai, chama Deus de Abbá e anuncia que o Reino de Deus chegou (Mt 12,28; Mc 1,14-15). Mais ainda escandalosamente, diz que o Reino é dos pobres, misericordiosos e pacíficos (Lc 4,18; 6,20-26) e que os avaros, os violentos e dominadores não têm vez neste Reino, caso não se

⁶ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de (Org.). *A opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 183.

⁷ Ibidem, p. 195.

⁸ Ibidem, p. 185.

⁹ Ibidem, p. 186.

convertam (Lc 16,19-31; 18,18-30; 19,1-10; 22,24-30).

Jesus assume publicamente sua missão no meio do povo, entre os pobres, doentes e marginalizados. Não se reserva a espaços sagrados. Com seu jeito de louvar ao Pai, reanima o povo na missão sacerdotal, como “nação santa”, constituída por Deus para bendizê-lo com sua vida. Ao retornarem da missão, os discípulos partilham com Jesus as suas alegrias e o fazem prorromper no Espírito Santo: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10,21).

Jesus celebra a partir da vida de seu povo, irrompe de alegria no Deus que se revela aos pequeninos, nos que se abrem ao Espírito e assumem sua missão de povo de Deus (Mt 11,21-25). Ao reanimar a missão sacerdotal e profética do povo de Deus, Jesus despede-se numa ceia, lava os pés de seus amigos (Jo 13,1-13) e pede que mantenham viva a memória da sua entrega dando também as suas vidas por amor (Jo 15, 1-15).

Colocar-se a serviço da vida é o melhor culto a Deus. Assassinado fora da cidade santa, longe do lugar dos sacrifícios, Jesus realiza a grande liturgia de entrega gratuita na maior prova de amor (Jo 15,12) e denuncia o culto do templo desencarnado da realidade do povo: “Não quis ser adorado. Manifestou-se como um pobre artesão da Galiléia. Queria ser seguido. Queria que os seus seguidores seguissem o mesmo caminho. Ele já tinha iniciado o Reino de Deus pela sua ação. Não quis poder nenhum”¹⁰.

Assimilar que pobres e excluídos são os destinatários primeiros do Reino inaugurado por Jesus não foi tão simples, nem mesmo para os apóstolos, muito menos para os que se apropriaram da religião em seu tempo. Os judeo-cristãos estavam bastante impregnados das concepções excludentes e discriminatórias do sistema religioso judaico. Para Comblin, o que está em jogo é a concepção de Deus que foi transmitida pelo sistema e assimilada na sociedade:

O que é menos conhecido é a correlação entre o lugar dos pobres no Cristianismo e a figura de Deus que predomina: o Deus dos Evangelhos, o Pai de Jesus, ou o Deus comum das religiões e das filosofias que é também o Deus que os profetas do Antigo Testamento combateram. Onde predomina o Deus dos Evangelhos, os pobres terão um lugar privilegiado. Se predomina o Deus comum, os pobres não terão nenhum lugar importante, mas poderão pedir esmola na porta da Igreja e se beneficiarem das obras de caridade.¹¹

Segundo Comblin, quem irá garantir a fidelidade à mensagem e práxis de Jesus será o Evangelho de Marcos. Escrito cerca de quarenta anos depois da morte e ressurreição de Jesus

¹⁰ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, op. cit., p. 184.

¹¹ Ibidem, p. 186-187.

já é uma profecia em defesa do verdadeiro Jesus, pois já estavam adequando-o ao judaísmo. Para os judeus, os pobres sofriam porque eram impuros e pecadores, por isso eram excluídos pela religião e sociedade. Jesus desmascara a religião excludente e revela o Deus da misericórdia aos pobres e diz que o Reino pertence a eles.¹²

No século II, ao distanciar-se do horizonte judaico e encontrar-se com a cultura helênica, o Cristianismo também irá sofrer os influxos destes que agora formavam a maioria nas comunidades, os convertidos vindos do paganismo. Os gentio-cristãos levaram certo tempo para passar de suas concepções sobre o divino e assimilar o Deus de Jesus.

Comblin fala das repercussões do gnosticismo para a vivência da fé, ao misturarem temas de filosofia neoplatônica com mitologias e elementos da tradição cristã. O resultado dessa penetração foi um Cristianismo espiritualizado e ritualizado, com o risco de “deixar de lado o que Jesus queria: O Reino de Deus neste mundo”:

Progressivamente, sobretudo, desde o século II, a reunião comunitária dos discípulos para recordar o Evangelho de Jesus, sua vida e sua ressurreição foi substituída pelo culto [...] Jesus foi tratado como objeto de culto, mais do que como companheiro na grande viagem da missão no mundo [...] Até hoje muitos católicos acham que o Cristianismo é um culto [...] Que o Cristianismo possa ser o caminho para mudar o mundo não cai na mente de quase ninguém [...].¹³

Com a tendência espiritualista de influência gnóstica no cristianismo, desprezavam-se as coisas materiais, o que significava despreocupar-se com as condições de vida do povo de Deus e voltar-se apenas para “as coisas da alma”. Além destes desvios da vivência primeira do movimento de Jesus, o cristianismo sofrerá forte influxo de sua ligação com o Império Romano, sob os imperadores. Segundo Comblin:

Cristo foi apresentado como Imperador e Deus era o Superimperador. Os atributos do poder foram destacados com muita força. A ideologia imperial teve muita influência nas liturgias cristãs e ela ainda sobrevive nas liturgias atuais. O clero separou-se cada vez mais do povo cristão. Estava revestido de sinais de poder [...] A Igreja assumiu o papel de religião do Império, religião obrigatória. As suas atividades religiosas eram parte da atividade política do Império. Nestas condições era grande a tentação de considerar que o Império tornado cristão era a realização terrestre do Reino de Deus.¹⁴

É ao Reino de Deus que a Igreja é chamada a ser servidora. Um Reinado do qual ela deve ser sinal para uma sociedade que domina e exclui. Em Jesus Cristo e na unção do

¹² COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, op. cit., p. 187.

¹³ Ibidem, p. 189.

¹⁴ Ibidem, p. 190-191.

Espírito, ela é chamada e enviada pelo Pai a brilhar como Sacramento de comunhão e participação, misericórdia, esperança e serviço à vida.

Percebemos que no primeiro século, mesmo com alguns indícios de institucionalização, a Igreja dos Apóstolos manteve a lógica da revelação feita por Jesus. Revelação de um Deus encarnado na história, próximo do seu povo. As pessoas sentiam a presença do Crucificado-Ressuscitado nas ações dos apóstolos.

Iniciado o processo de institucionalização, com a entrada de elementos do judaísmo e do helenismo nos séculos seguintes, as comunidades cristãs correram o risco de perder a perspectiva reinocêntrica inaugurada por Jesus. Retornar ao sistema religioso de um culto dominador, desligado da vida e excludente dos pobres, foi a tentação. Lembra-nos Comblin:

Como todos os povos, o povo de Deus deve encarnar-se em instituições para poder existir no mundo. Aliás, ele se institucionaliza espontaneamente. As estruturas institucionais da Igreja como estavam no início, eram muito simples e flexíveis. Poucas coisas estavam determinadas. Somente havia o batismo, a eucaristia e a eleição dos doze com Pedro no centro, como estrutura estabelecida por Jesus. A partir desse núcleo original, a história fez crescer o aparelho institucional, de maneira muitas vezes inconsciente, para responder às necessidades à medida que iam aparecendo. Nem os doze pensaram numa estrutura de um bispo para cada área geográfica. Não pensaram no surgimento de ministros inferiores nem na existência de presbíteros distintos dos bispos. Não pensaram que se fazia uma separação de classes ou de castas entre clero e leigos.¹⁵

Explicitamos alguns traços marcantes das comunidades cristãs primitivas que, ainda hoje, são basilares para a vivência cristã. Perseveravam na oração na escuta da Palavra de Deus e anunciavam a boa nova da ressurreição de Jesus com vigor missionário. Eram assíduos no ensino dos apóstolos, viviam o espírito de serviço, na comunhão com os irmãos e entre comunidades; realizavam a partilha do pão e a ação de graças – Eucaristia.

A Igreja primitiva, movida pelo Espírito da compaixão, abre-se às necessidades de outras comunidades que passam pelo flagelo da fome, se solidariza com os sofredores, realiza a partilha dos bens (2Cor 9,1-9). Lembradas pelo apóstolo Paulo, mantinham em comum na missão: o cuidado com os pobres (Gl 2,20).

¹⁵ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 354.

1.1.1 De humilde serva de Cristo a Senhora com os senhores do mundo - onde ficaram os pobres de Jesus na Sociedade Perfeita?

A partir do século V, a Igreja trouxe para seu seio estruturas de organização que não a diferenciavam da sociedade em que estava inserida. A estreita relação com o Império Romano, os privilégios com que foi contemplada e a sua adequação à estrutura imperial, acabou obnubilando as dimensões messiânica e escatológica, tornando-a Senhora com os senhores do mundo. O novo povo de Deus foi aos poucos se distanciando da missão de ser sinal do Reino de Deus, de levar o sabor do serviço e da solidariedade num mundo indiferente ao sofrimento do próximo, de ser a luz de Cristo em meios às trevas das injustiças e dominações da sociedade. Comenta Alberigo:

Entre os séculos IV e V, a Igreja cristã sofre modificações profundas e não apenas quantitativas. O número de batizados e das comunidades cresce enormemente; os cristãos estão presentes em todas as camadas sociais e em todos os ambientes; o fim da luta contra o cristianismo enfraquece a expectativa escatológica e a consciência de serem ‘estrangeiros’ na sociedade.¹⁶

Fazer-se Senhora entre os senhores da terra, significou para Igreja de Cristo correr o risco de perder seu Múnus Profético, apagando a chama da esperança escatológica e conformar-se às estruturas de dominação e injustiças da sociedade. É a esperança profética que leva à crítica sem cair no pessimismo e a enxergar a realidade com os olhos de Deus, numa visão de beatitude e de misericórdia, detectando os sinais do Reino presentes já na história. Aconteceu que a Igreja aproximou-se tanto das estruturas do Império que acabou assimilando tudo como expressão de conversão.

Encantada com os privilégios e a quantidade de pessoas que “aderiam” ao cristianismo, a Igreja perdeu a noção da missão de ser luz nas estruturas sociais e a qualidade do sal e fermento que os cristãos devem temperar o mundo. Com a grande decadência da sociedade romana surgirá entre os séculos V e VI o movimento monacal, numa espécie de contestação ao distanciamento que a Igreja estava tomando da proposta original do cristianismo.

Inicia-se no século VI o movimento monacal que, desde o começo, retira-se da decadente sociedade imperial romana, como “uma volta” à proposta do Cristianismo primitivo, na busca da austeridade de vida, na fraternidade comunal e vida de oração. Este

¹⁶ ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na história*. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 16.

movimento nasceu do desejo de autenticidade cristã e, ao mesmo tempo, representou uma atitude profética diante dos grandes perigos que rondavam a vida cristã, numa sociedade em decadência ética e moral em todos os seus níveis. Corria-se o risco de os cristãos se adequarem àquela situação principalmente pelas conveniências e privilégios oferecidos pelo Império, que os afastava, por completo, da vivência do Evangelho. Comenta Comblin:

Com a integração no Império, muitos cidadãos do Império tornaram-se cristãos por motivos políticos ou culturais, o que enfraqueceu a presença do Evangelho. Eles traziam o seu Deus e nem sequer perceberam que o Pai de Jesus era bem diferente [...] Essa evolução provocou uma reação extraordinária. O movimento monástico foi um imenso protesto contra a corrupção da Igreja, a volta ao Evangelho e a escolha de uma vida de pobreza absoluta. Os monges foram os pobres e representavam a Igreja dos pobres. Durante séculos os monges foram os que transmitiram a tradição evangélica.¹⁷

Com o passar do tempo, os monges também se distanciaram do povo de Deus, enclausurando-se e dedicando-se mais às “coisas de Deus”, deixando de lado ou em segundo plano, as “coisas materiais” como o serviço direto aos pobres. A santidade ficou encastelada nos mosteiros. Aos pobres restou o trabalho pesado com as mãos. Aos monges, a vida de oração e contemplação. Ao alto clero, o Governo da Igreja e da sociedade, ora junto com os imperadores, ora em conflito com eles. Segundo Alberigo, entre o século VI e X, a Igreja não é mais representada horizontalmente como comunhão de comunidades irmãs, mas verticalmente como uma pirâmide.¹⁸

Como reagiram os pobres e trabalhadores, diante da sua exclusão no sistema eclesiástico durante quase dez séculos e de uma Igreja aliada aos nobres? Como o Espírito os inspirou e moveu nesta realidade de exclusão social e eclesial? Para Comblin, nem sempre foi aceito tão harmoniosamente a hierarcologia na base da Igreja católica, da mesma forma que a sociedade estamental do feudalismo, foi também contestada:

Desde o século XI apareceram alguns movimentos sociais que apelaram para o povo e afirmaram a existência do povo em face ao predomínio do clero. No século XII esses movimentos aumentaram, destacando-se duas vertentes. De um lado, os movimentos sociais que procuraram dar-se um espaço de autonomia dentro sistema feudal em que tudo pertencia ao clero e à nobreza, por exemplo, nas conquistas da terra por agricultores independentes, há uma afirmação de ‘povo’. Entram em conflito muitas vezes com a hierarquia proprietária. Por outro lado, havia movimentos espirituais lutando por uma Igreja livre de corrupção, uma Igreja evangélica, uma Igreja pobre e dos pobres.¹⁹

¹⁷ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, op. cit., p. 191.

¹⁸ ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na história*, op. cit., p. 17-18.

¹⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 64-65.

Mesmo com toda a contestação dos leigos, acentuou-se cada vez mais na Igreja o aspecto hierárquico de seu governo. Fortaleceu-se a tendência jurídica, que tinha como base uma teologia carregada de conceitos metafísicos, que justificavam a existência das diferenças radicais entre os membros da Igreja (hierarquia) e o povo de Deus. Uma teologia da Capitalidade mostrava a Igreja como Corpo de Cristo, cujo representante maior na terra era o papa, seguido dos bispos nas dioceses e dos padres nas paróquias. A questão é que se atribuíam totais poderes à cabeça, papa, bispos e padres, com isto concentravam todos os ministérios.

Construiu-se um organismo eclesial anômalo, num corpo de cabeça gigantesca e membros totalmente atrofiados. As virtudes principais do povo de Deus eram a fé na doutrina definida e sua aceitação traduzida em obediência total à hierarquia. O contrário disto era tido como heresia.

A concepção eclesial piramidal-hierárquica e jurídica tem seu fundamento teórico no famoso dito de Graciano. Segundo Comblin, o canonista fundador da ciência do direito canônico colecionou os textos cristãos que podiam ter valor jurídico, em vista de estabelecer uma base para a sociedade cristã:

O dito de Graciano foi repetido milhões de vezes durante 800 anos: *‘Duo sunt genera christianorum’*. Mais interessante é a descrição desses dois gêneros de cristãos que há na Igreja. Esses dois gêneros formam duas ‘ordens’ bem separadas. Em primeiro lugar, segundo Graciano, ‘há o gênero dos clérigos, que, sendo dedicado ao serviço divino e dado à contemplação e à oração, está dispensado da agitação das coisas temporais’. Há o outro gênero de cristãos que é o dos leigos. Pois ‘laos’ quer dizer povo. A eles é permitido ser proprietários, embora somente para o uso. A eles se concede casar-se, cultivar a terra, ser juízes colocar as oblações no altar, pagar o dízimo e dessa maneira poderão salvar-se, mas com a condição de evitar os vícios.²⁰

Atribuir aos clérigos funções espirituais e do “sagrado” e aos não clérigos a ocupação das coisas ditas materiais e carnis é mais próxima de correntes filosóficas como o estoicismo e maniqueísmo, do que da tradição das comunidades cristãs primitivas. Para Comblin, a Igreja católica no decorrer da história pensou-se e situou-se muito mais como entidade puramente espiritual, acima do mundo e fora da história.²¹ Criou-se oposição entre Igreja e mundo. As forças do mal sob o domínio de satanás atuam no mundo. Os leigos, à mercê do inimigo, refugiam-se na Igreja para se salvar.

²⁰ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 41-42.

²¹ Ibidem, p. 81.

Encontramos na base da Igreja espiritualista uma antropologia dualista, dicotômica que opõe alma e corpo, espiritual e carnal. Como na Grécia Antiga, os escravos, trabalhadores e militares cuidavam da satisfação das necessidades do corpo, aos filósofos cabia o governo da cidade. Assim, na Cristandade, os cristãos leigos por ocupar-se das coisas materiais e carnavais não podiam participar do governo dos bens espirituais.

Cresceu a separação hierarquia e povo, clero e mundo. Cristalizou-se a estrutura hierárquica. A Igreja entrou num processo de hostilidade e condenação de tudo que não fosse conforme a visão hierárquica da realidade. Foi fortalecido o processo de compreensão da Igreja Sociedade perfeita e o povo escolhido por Deus para ser “luz das nações” vê-se convocado pela hierarquia da Igreja a sair do mundo. Convocação feita a partir da concepção negativista de que nas realidades do mundo, onde vivem os fiéis batizados, está estabelecido o reinado do diabo. A humanidade para se salvar deveria adentrar na Igreja, que se compreendia a “barca da salvação”.

Perdeu-se a lógica da Salvação assumida em Jesus: *kenósis* e Encarnação. O Cristo, que mergulhou na história e fez-se o servidor de todos (Cf. Fl 2,1-11), não era mais o paradigma eclesial. A Igreja passou a existir apenas para si mesma, envolvendo-se com seus próprios interesses, defendendo seus privilégios, compreendendo-se numa missão meramente *ad intra*. Abdicou de sua dimensão histórica e assumiu uma visão estática. Caminhou-se para a uniformização do pensamento e isolamento do mundo, vistos como glória de uma Igreja impassível e inabalável diante dos conflitos sociais.²²

Impassível diante dos desafios da história, a Igreja parecia ter esquecido sua razão de ser: luz de Cristo no mundo. Enfraqueceu a concepção de Mistério, no sentido de instituição chamada por Deus em Jesus Cristo, e enviada ao mundo, na unção do Espírito para servir. Esvaiu-se a dimensão missionária. A missão foi restrita à ida ao templo para “assistir” aos rituais, e os fiéis, pouco se sentiam parte edificante do “edifício espiritual”.

Desapareceu aos poucos o sentimento de pertença do povo eleito, em ser a nação santa e sacerdotal. É como se os eleitos à santidade fossem apenas os membros do clero. Igreja era sinônimo de hierarquia que concentrava em si os ministérios, cada vez mais exclusivos e excludentes para uma minoria que não casava e podia tocar no sagrado.²³

Os cristãos leigos passam a ser tratados como uma categoria de baixo escalão na pirâmide eclesial, pois são pessoas que estão em contato direto com o mundo pecador, casam

²² COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 31-32.

²³ ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na história*, op. cit., p. 17.

e têm relações sexuais e trabalham com as mãos. A santidade vai se restringindo e enclausurando-se nos mosteiros, onde se vive a castidade e a contemplação. A leitura da Palavra de Deus, a vida de oração, o controle da liturgia e do “sagrado” são restritos a um grupo seletivo, separado, portanto, “santo”.

O estudo da teologia e das verdades da fé, a cultura religiosa fica nas mãos de uma minoria, clero e monges, que comanda a grande maioria de “ignorantes”, os fiéis não clérigos, que não estudam e não sabem teologia, por isso, devem calar e obedecer.

Ao pretender ser, o próprio Reino, uma Sociedade Perfeita, a Igreja preocupa-se em definir um corpo doutrinal no qual todos deviam obedecer, sem questionamento algum. Para isto, fez-se necessário definir uma rígida disciplina para reger seus fiéis e manter sua unidade. Acentua-se fortemente o aspecto institucional, como se a Igreja dependesse mais do governo humano, prescindindo da ação de Deus, ou que a estrutura hierárquica como estava se fazendo, era uma ação mesma de Deus, totalmente inquestionável.

O teólogo João B. Libanio diz que, com isso, o campo da ação da graça de Deus ficava, de fato, restrito a seu interior. Tal compreensão impedia-a de ver suas fraquezas, seus pecados, suas necessidades de conversão. Perdia-se de vista uma instância crítica fundamental.²⁴ Comblin nos fala do início desta concepção jurídica da Igreja:

A eclesiologia católica nasceu como disciplina autônoma no século XIV dentro do contexto da luta entre o papa e o império, entre poderes que se queriam supremos. Por isso, ela se inspira nos textos canônicos que regiam o governo da Igreja desde o século XI. Por conseguinte, nasceu como concepção jurídica da Igreja. Esta se define como sociedade perfeita, completa, que não reconhece nenhum poder humano acima dela. O elemento formal, constitutivo, que gera a sociedade e a dirige, é a hierarquia com seus poderes de ordem e jurisdição.²⁵

Entranhou-se na estrutura eclesial, na teologia e liturgia, uma concepção imperial de igreja como sociedade onde reina a “perfeita harmonia”, em que alguns elaboram, definem as leis e decretos, e a grande maioria obedece e cala. Deu-se uma grande ênfase às funções de mando, assemelhando-se mais aos governos do mundo no exercício do poder, do que ao Senhor Jesus, “Pois bem: eu que sou o Mestre e o Senhor, lavei os seus pés; por isso vocês devem lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,12-13). Libanio apresenta a formulação da concepção de Igreja sociedade perfeita e desigual, até desaguar na concentração de poder por parte do clero, numa verdadeira hierocracia.²⁶

²⁴ LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 121

²⁵ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 52-53.

²⁶ LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 94-95.

Conceber a Igreja, em nome da unidade, como uma instituição jurídica de poder concentrado e inquestionável, distante dos leigos e pobres, significou afastá-la da práxis de Jesus de Nazaré e das primeiras comunidades cristãs. Perdeu-se a consciência do sacerdócio comum dos fiéis na igual dignidade em Cristo, abandonou-se a dimensão comunal da partilha dos bens e das decisões. As dimensões messiânico-profética e escatológica foram alijadas na instituição eclesial, que cada vez mais se enchia de poderes e privilégios do mundo.

Esvaziar-se de todo poder e majestade, e revestir-se do serviço como fez Jesus, é a tônica da teologia paulina na Carta aos Filipenses (2,1-2). O Verbo de Deus se encarnou e se fez peregrino, assim apresenta a tradição joanina (Jo 1,14; Ap 3,18-20).²⁷ Percebe-se que, ao contrário, a Igreja revestiu-se dos sentimentos triunfalistas da sociedade imperial. Fundamentada na filosofia neoplatônica grega do Uno, e no direito romano, elaborou os conceitos para falar de Deus e de sua missão, muito mais do que na Bíblia.²⁸

Desenvolveu-se em toda a Cristandade medieval, e entrou pela Modernidade, grande preocupação em elaborar e definir conceitos precisos sobre Deus, Igreja e as verdades da fé. Objetivava-se enfrentar as heresias e manter a unidade da Igreja. Qualquer questionamento sobre o exercício do poder e das verdades definidas era sinônimo de heresia e desobediência. Restringiu-se a liberdade na Igreja, fechou-se o diálogo em nome da unidade que se traduziu em uniformidade.

Para Comblin, a “ideologia do Uno” justificava a centralização do poder em nome da unidade “À medida que o papa perdia poder na sociedade, aumentava o seu poder na Igreja – tudo em nome da unidade. O tema da unidade fascinou. Só o UM pode fazer a unidade”²⁹. Lembra-nos que na Bíblia a unidade vem da Aliança entre vários. O povo de Israel vem da Aliança de doze tribos e a Igreja de Cristo está fundada no colégio dos doze apóstolos. Na Bíblia e na tradição cristã o tema fundamental da Igreja é a Aliança e não o um.³⁰ O novo Israel, a Igreja, tem a missão de testemunhar a fé no Deus que fez a Aliança definitiva com a humanidade em Jesus Cristo e apresentar ao ser humano a proposta de fazer parte do povo de Deus.

Pertencer ao Corpo de Cristo pelo Batismo é, para o cristão participar plenamente do Múnus sacerdotal, profético e pastoral. A Igreja, ao apresentar-se como a sociedade perfeita e harmônica sob a direção da hierarquia, identificada com ela, coloca o leigo num papel

²⁷ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 67-68.

²⁸ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 53.

²⁹ Ibidem, p. 54.

³⁰ Ibidem, p. 54-55.

subalterno e de obediência. Subalternidade que nega a igual dignidade dos fiéis pela participação no tríplice Múnus de Cristo; o que representa uma grave ruptura com a missão recebida do próprio Jesus: “Ide por todo o mundo e fazei discípulos meus” (Mt 28,20).

Manter alianças com os poderes do mundo significava manter subalternos os pobres, negar a dignidade do povo de Deus. Refletirmos sobre a longa fase que a Igreja pretendeu ser a sociedade perfeita leva-nos a perguntar: Qual a razão de ser da Instituição senão preservar para as gerações futuras as experiências significativas para a existência humana? Teria a Igreja, em nome da unidade, dado mais importância ao jurídico e ao poder e menos importância ao critério do divino e humano Jesus, de que seus seguidores iluminariam o mundo com a gratuidade do serviço e da humildade? Sob quais aspectos foi continuada a experiência de Jesus de Nazaré e sua práxis em favor dos pobres e excluídos? Em que houve rupturas com a proposta e práxis do Verbo de Deus Encarnado na história?

Falar de rupturas é lembrar que Deus pela sua Palavra fez Moisés romper com as estruturas do palácio do Faraó e com a religião dominante do Egito, para se colocar ao lado do povo escravizado. A Palavra do Senhor queimou como fogo ardente na boca dos profetas e os fez denunciar as injustiças e idolatrias. Finalmente, fez-se carne humana no Filho Jesus solidarizando com a humanidade.

Perguntamos pelo lugar da Palavra de Deus neste longo período da Igreja Sociedade. Qual a força da Palavra de Deus na sociedade perfeita? Onde estava aceso o pavio da profecia? Que imagens de Deus foram elaboradas e transmitidas na história? Onde estava o Deus da Aliança com os injustiçados e oprimidos? Para termos clareza das rupturas e continuidades com o movimento de Jesus faz-se necessário um permanente retorno aos evangelhos.

Retornar aos Evangelhos é deparar-se com Jesus que age no meio do povo, de maneira simples, participando da vida das pessoas, exercendo a autoridade na acolhida misericordiosa. Encontramos um Senhor preocupado com as ovelhas abandonadas, sofredas e sem o cuidado de pastores (Mt 9,35-37).

Volver aos evangelhos é vislumbrar o Senhor que se identifica como o Bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas e exerce o senhorio do amor sem domínio, sem luxo e riqueza (Jo 10,1-10). Ao contrário, assume a radicalidade de um movimento itinerante e mendicante, livre para servir ao próximo e até dar a vida, sem apegos e nem similaridade com os poderes do mundo (Jo 13,4-17).

Vemos o distanciamento abismal da Igreja hierárquica em relação à práxis de Jesus. A Igreja aproximou-se demais do poder imperial, assemelhando-se às suas práticas, como foi a

experiência da conquista europeia na América Latina sob o regime do padroado.

As alianças da Igreja hierárquica com os poderosos do mundo a impediram de contrapor-se às práticas exploradoras e dominadoras junto aos povos conquistados. Sofrerá influência das alianças com os reinos e impérios a evangelização e a catequese desenvolvidas nas novas terras. Abandonou-se as imagens do Deus Libertador do Êxodo, de Jesus de Nazaré como o Servo Sofredor de Javé, ocupam seus lugares as imagens do Cristo Rei e Senhor do Universo, ou mesmo do Juiz Universal, revelando a imagem de um Deus Supremo, Onipotente, Inacessível e Impassível diante da dor e massacre dos povos.

O Deus Misericordioso e amoroso, que se esvaziou e encarnou-se em Jesus de Nazaré, fazendo-se peregrino na história, vai ficar como uma lembrança teimosa na mente e coração do povo de Deus. Neste período onde estavam o povo de Deus, os pobres de Jesus? Como foram tratadas as pessoas e movimentos que questionaram este processo histórico da Igreja? Onde estavam os profetas, o “resto de Israel” fiel ao Deus da Bíblia, de Jesus de Nazaré dos Apóstolos e mártires? É o que iremos tratar no próximo item, a permanência do povo de Deus na história e seu lugar na Igreja.

1.1.2 Beguinhas: mulheres leigas a serviço do povo de Deus

Participar da vida eclesial e sonhar com uma Igreja segundo o Evangelho de Cristo tem sido um ideal alimentado pelos cristãos leigos católicos no decorrer da história. O povo de Deus foi excluído e silenciado durante séculos. Qualquer manifestação deste desejo ou questionamento das estruturas de poder era tratada como desobediência e heresia. Contudo, em momentos e lugares diferentes, houve reações variadas e inspirações de movimentos, de pessoas cristãs, que movidas pelo Espírito, recolocaram a vivência dos valores do Evangelho como prioridade para vida eclesial. Questionaram, com o testemunho de suas vidas, a estrutura clerical dominadora e excludente dos pobres, dos fiéis que queriam vivenciar o tríplice múnus de Cristo recebido no Batismo.

Entre os séculos XII e XIII, várias cidades do Ocidente emanciparam-se de seus senhores civis e eclesiásticos, conquistaram liberdades e direitos, inclusive autonomia financeira. Nestas cidades emancipadas promoviam-se inúmeros serviços públicos e sociais, o que levou algumas delas a receberem o título de Comunas. Estes serviços eram prestados por cristãos leigos e, em alguns momentos, realizados em conflito com o bispo local.

Emergiram movimentos leigos que vivenciavam uma profunda espiritualidade na base da Cristandade. Cuidavam da formação da fé popular e serviam aos pobres, desenvolviam

uma mística própria, não entravam para a vida monacal e questionavam a estrutura eclesial quanto à fidelidade ao Evangelho. Grande parte destas pessoas eram mulheres excluídas do sistema patriarcal.³¹ Era permanente e latente, na base da Igreja e da sociedade, entre os cristãos leigos, o anseio de participação nos serviços e decisões. Comblin apresenta preciosas informações sobre a espiritualidade leiga surgida na Europa nos séculos XII e XIII³², com protagonismo de mulheres que cuidavam da porção do povo de Deus e serviço aos pobres.

Poderíamos pensar que o apostolado das beguinhas, nas cidades medievais do Ocidente, foi verdadeira presença do Espírito Santo, alimentando a fé e esperança do povo humilde, dos pobres, dos preferidos de Deus? Acreditamos que sim! A vida de oração daquelas mulheres leigas, seu desprendimento, o cuidado com os pobres, doentes e anciãos, e os exercícios de piedade em conjunto, mesmo sem fazerem voto algum, são sinais de que o Crucificado-Ressuscitado não abandona o povo eleito por Deus (Mt 28, 20). Talvez o que incomodasse o alto clero fosse a liberdade daquelas leigas em atuarem de maneira autônoma com relação ao poder constituído. Para Comblin, essa independência “tornou-as suspeitas”³³.

Favorecer o conhecimento das verdades da fé a partir da realidade popular, era o serviço da beguinhas. Contribuíam para a formação do povo de Deus, em especial dos pobres, que não tinham acesso ao latim e grego. A hierarquia da Igreja considerava inadmissível uma vivência autônoma da fé, numa espiritualidade e teologia própria dos leigos, ainda mais de mulheres, já que estas atividades eram restritas aos homens, diga-se, clero. Simplesmente, criou-se na Igreja o temor do livre pensar.

Para o clero medieval permitir que os leigos fizessem teologia incorria-se no perigo das heresias, o que poderia quebrar a harmonia da Cristandade. Fazia-se necessário o controle

³¹ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 123-124.

³² Ibidem, p. 126. Nasceu uma espiritualidade leiga cujas protagonistas foram essencialmente as mulheres. Elas estiveram também excluídas da filosofia e da teologia, já que essas ciências eram reservadas aos homens, os clérigos. No entanto, desde aquele tempo as filhas da aristocracia recebiam uma formação semelhante à dos seus irmãos, e mesmo nas cidades mulheres aprendiam a ler e escrever em grande número. As mulheres estavam afastadas do clero, porém deram a formação espiritual ao povo das cidades. Os leigos eram formados por mulheres e os clérigos formavam um mundo separado – o mundo dos poderes. Deram a essas mulheres o nome de “beguinhas”, sem que se saiba exatamente a origem desse nome. Essas iniciativas desenvolveram-se, sobretudo no norte da Europa, Países Baixos e Renânia. Multiplicaram-se nos séculos XII e XIII. Depois foram vítimas de muitas reservas – até mesmo condenações de parte de papas ou bispos.

³³ Ibidem, p. 127-128. “O mais notável foi a intensa vida espiritual e mística que essas mulheres viveram e a literatura espiritual que produziram [...] Ensinares pelos seus escritos uma vida espiritual de contato direto com Deus. A sua mística inspira-se na poesia amorosa, assim como os antigos se inspiraram no Cântico dos Cânticos. A relação com Deus é puro amor cantado à maneira do amor humano [...] A piedade que elas praticam e ensinam pouco tem que ver com os ensinamentos da hierarquia. Praticam tudo o que ensinam os padres, mas a sua espiritualidade é própria. Não mencionam todo o sistema de crenças, dogmas, preceitos e rituais católicos. Por isso elas foram suspeitas de heresia. Margarida Porete foi condenada e queimada viva em Paris em 1302”.

destas expressões livres dos fiéis leigos. Criou-se um espírito de uniformidade que levou a hierarquia sempre a olhar e tratar as expressões populares da fé com desconfiança e preconceitos.

Mesmo sofrendo sanções por parte da hierarquia, as beguinas tinham a simpatia e apoio do povo, pela sua espiritualidade encarnada nas cidades.³⁴ Elas difundem na Cristandade, juntamente com os mendicantes, sobretudo franciscanos, as devoções que os pobres se identificam, de um Jesus mais humanizado, pertinho dos pobres, que serão as bases do catolicismo popular até hoje.

Desenvolveram, por exemplo, a devoção ao presépio, difundida por Francisco de Assis, que permitiu o povo de Deus aproximar-se do Mistério da Encarnação.³⁵ Foi ideia de Juliana de Cornillon as procissões na festa de Corpus Christi, que colocam a Eucaristia na rua mais próxima do povo simples, já que o latim das missas a tornava fora da compreensão das pessoas mais simples.³⁶

As beguinas traduziram a doutrina oficial da Igreja em linguagem popular³⁷. Sua inserção no meio do povo das cidades, numa vida austera e a independência em relação ao clero, geraram medo e insatisfação na hierarquia aliada dos reis, abastada e distante dos pobres. Comblin relata que:

Em 1310, um decreto de Clemente V, declara as beguinas como hereges. O Concílio de Viena, em 1312, renova as mesmas condenações [...] Um cronista da época escreveu: 'Naqueles dias Deus manifestou sua potência por intermédio do sexo fraco, nessas servidoras que encheu do espírito profético'. Elas queriam uma renovação da Igreja e, sobretudo, uma renovação do clero deformado pelo sistema feudal. Os seus temas preferidos eram 'novidade', 'liberdade' e 'pobres'. Não rejeitaram a instituição eclesiástica que queriam reformar. Mas a sua religião é a busca de Deus. A sua moral pode ser resumida pela célebre frase de S. Agostinho: *Ama et fac quod vis* (Ama e faça o que quiser).³⁸

Alinhar-se com os poderes feudais e tornar-se um deles, na riqueza e na força, fez o clero negar a igual dignidade do povo de Deus e a enxergar os pobres apenas como objeto de suas esmolas. Os pobres não foram tratados como povo de Deus, nem seus gritos por justiça, em meio às opressões, foram ouvidos. Foi assim que o sistema religioso judaico agiu quando deixou de lado a verdadeira tradição Mosaica e dos profetas, de um Deus libertador, presente na história, celebrando um culto desencarnado da realidade, o que lhes impediu de reconhecer

³⁴ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 126.

³⁵ Ibidem, p. 128.

³⁶ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 146.

³⁷ Ibidem, p. 147.

³⁸ Ibidem, p. 148-149.

em Jesus o Messias vindo de Deus.

Foi ao sistema religioso judaico que Jesus se opôs, especialmente à falta de compaixão dos chefes religiosos para com os sofrimentos dos pobres. Ele denunciou um sistema no qual os pastores usufruíam das ovelhas e as ovelhas serviam aos pastores. É este tipo de cristianismo da hierarquia, longe da práxis de Jesus, que muita gente vai questionar no decorrer da história. Não se trata de rejeição a Deus ou à religião, mas o tipo de religião que acoberta e apoia os privilégios e dominações.

Numa época que tinha como máxima “não há nada de novo de baixo do sol”, as beguinhas trazem a novidade da vivência cristã a partir dos pequeninos, dos pobres, que não contavam na sociedade feudal. A austeridade de vida das beguinhas e as suas atitudes humildes e caridosas conquistaram o povo de Deus. Elas não se contrapunham ao Cristianismo, mas à forma como ele estava sendo conduzido pela hierarquia católica.

Despojadas diante da riqueza e dos poderes, o testemunho das beguinhas já representava uma denúncia profética do modo de viver do clero. É o Espírito da profecia que se manifesta no anúncio, renúncia e denúncia daquilo que não condiz com o projeto de Deus. O Espírito continua a suscitar novidades e ressuscita a esperança dos pobres na história, como o fez há dois mil anos na palestina do século I.

1.1.3 O Espírito traz os pobres à luz: mendicantes desposam a Dama Pobreza!

Em plenos séculos XII e XIII, a hierarquia da Igreja, além de separar-se do povo de Deus, enriqueceu-se desmesuradamente tornando-a indiferente ao sofrimento dos pobres. Desenvolveu-se um culto pomposo misturado com injustiças. A riqueza da Igreja tornou-se causa de grande escândalo. Numa sociedade de aparências cristãs, o movimento franciscano vai dar uma reviravolta e impactar muita gente. Contudo, paulatinamente, a hierarquia conseguiu influir nos rumos da obra franciscana, que acabou entrando no esquema hierárquico.

A figura de Francisco foi romantizada, a força profética amortecida. No entanto, pela proximidade que teve com a práxis de Jesus, o carisma de Francisco interpelou o modo de vida da hierarquia e mobilizou e mobiliza, ainda hoje, milhões de pessoas no mundo inteiro. Comblin fala da grande importância desta figura, que surge na Igreja como “um milagre” do Espírito:

Para muitos o advento de São Francisco apareceu como sinal de um mundo novo,

mundo inspirado pelo Espírito, de pobreza absoluta, de surgimento do povo dos pobres independente do clero. O movimento franciscano apareceu como um milagre. A sua expansão foi fulminante. Em poucos anos o movimento estendeu-se pela Europa inteira, juntando milhares, dezenas de milhares de membros e a simpatia de milhões de cristãos. Francisco era a realização concreta das aspirações dos movimentos populares [...]. Além disso, a vida de Francisco era virtualmente contestação radical de toda a Igreja – antes de mais nada, do modelo hierárquico da Igreja, apesar do imenso respeito que são Francisco sempre manifestou aos representantes da hierarquia.³⁹

Comblin evidenciou pontos fundamentais da ação de Francisco. Enquanto leigo, não participou da hierarquia e pôde agir sob a liberdade do Espírito do Evangelho. Não confrontou o poder clerical e incorporou em sua existência os valores vividos por Jesus em sua época, questionando o modo de viver do clero.

Em meio ao ressurgimento e desenvolvimento das cidades, emergem conflitos que envolvem Francisco, levando-o a se posicionar contra o sistema de valores, cujos adeptos digladiavam-se pelo poder. Mesmo sendo rico, descobre a pobreza e dá visibilidade a ela. Enxergou na economia monetária a fonte da acumulação e das desigualdades, por isso não aceitou o dinheiro.

Francisco foi ao encontro dos pobres e reconheceu neles o próprio Jesus e com eles se solidarizou. Experimentou a fraternidade com seus companheiros, rejeitando ostentar qualquer sinal de superioridade, numa época de contradições, conflitos e transformações. Olhou com beatitude a natureza, as pessoas, inclusive a mulher, que era discriminada na época. Viveu a itinerância, enquanto a nobreza e o alto clero se alojavam em amplos castelos. Procurou contato permanente com a natureza, com os pobres e doentes, mesmo tendo seus momentos de solidão.⁴⁰

Os mendicantes, com liberdade recolocam no centro da vida cristã a temática da pobreza, o que naquele contexto estava completamente silenciada. De maneira humilde e profética, retornando na prática ao Evangelho e à vida das primeiras comunidades cristãs, eles questionam a abusiva riqueza e o poderio da Igreja.⁴¹

Após Francisco de Assis virá à tona a grande questão dos espirituais, que querem continuar a radicalidade dele numa vida austera, em contraposição aos frades conventuais que se adequaram às comodidades da alta hierarquia da Igreja, enriquecida de maneira escandalosa.

Os debates e querelas sobre a pobreza e os pobres, e, o acúmulo de bens na Igreja vão

³⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 66-67.

⁴⁰ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, op. cit., p. 135-140.

⁴¹ Ibidem, p. 137-138.

durar décadas até a “solução” do Concílio de Viena (1313) que desvinculou o voto de pobreza do “uso pobre” dos bens, ou seja, da vida austera. Comblin relata a perseguição aos espirituais, sob o papado de João XXII (1316-1334):

Em 1317 uma Bula os condenou, começando a repressão e muitos deles foram queimados vivos em Marseille. A Bula *Cum inter nonnullos* condenou a pobreza defendida pelos espirituais e definiu que Jesus também tinha propriedade e que não praticava a pobreza defendida por eles. Depois disso, já não se pôde mais falar em pobreza. O tema da pobreza foi reassumido eventualmente por alguns grupos, mas ficou fora da doutrina oficial da Igreja e foi sempre suspeito até o século XIX e na América Latina até 1950. O chamado voto de pobreza já não tinha nada a ver com os pobres e com a verdadeira pobreza.⁴²

Percebemos que a Igreja, enquanto seguidora e servidora do peregrino de Nazaré, estava completamente desfigurada, manchada pela idolatria do poder e do ter. Isto afastou pessoas e despertou a indignação evangélica em muitos. A instituição querida pelo Deus de Moisés, dos profetas e de Jesus, não se distinguia dos impérios na dominação e no acúmulo de riquezas. Perdeu a liberdade diante dos tronos e bens e cassou a liberdade do povo.

Enquanto instituição humana e divina, a Igreja agiu muito mais sob a influência dos poderes terrenos. No entanto, o Espírito manteve a sua integridade no povo de Deus e suscitou em pessoas e grupos uma volta à inspiração inicial, ressuscitando no povo de Deus o anseio por reformas na instituição, para que esta buscasse a fidelidade à sua missão.

As ordens mendicantes convidam a Igreja a volver seu olhar primeiro a Jesus e seu movimento itinerante. Lembrou-se o caráter mendicante, desapegado dos bens e honrarias, o que favoreceu a total liberdade frente aos poderes da época. Por isso, Jesus alerta “Não podeis servir a Deus e a Mamom (dinheiro)” (cf. Lc 16,13).

Para Comblin, a questão de fundo aqui é a liberdade. A aliança da Igreja com os impérios, reis e nobres medievais, e a quantidade de bens e privilégios da instituição eclesial, impediam sua autonomia para questionar qualquer exploração, abandono dos pobres e autoritarismo.

Interpretou-se como herético qualquer questionamento aos poderes que reivindicavam para si as bênçãos divinas. O clero aprisionado por esta situação luta para manter os seus privilégios e os leigos, ao reivindicarem participação nas decisões sociais e eclesiais, tornam-se os inimigos contra os quais a Igreja e reis precisam defender-se.⁴³

Os mantenedores do *status quo*, tanto religioso quanto político, interpretam a

⁴² COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, op. cit., p. 142-143.

⁴³ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 130.

participação do povo como uma ameaça à estabilidade e à continuidade deles. A grande massa popular sustenta o trono de César e de Pedro, mas em escala quase total, fica excluída dos processos de participação e decisão. Sustentado pelo Espírito, o povo dos pobres sobrevive nos subterrâneos da sociedade e da Igreja e ressuscita como povo de Deus em vários momentos da história, segundo a ação do Espírito.

1.2 O espírito evangélico dos mendicantes ressuscita o povo de Deus!

Vislumbramos nos séculos XII e XIII o ressuscitar do povo de Deus, pelo Espírito, na liberdade, humildade e austeridade das beguinhas e dos mendicantes, em sua ida aos pobres de Jesus, e no desapego do poder. Uma Igreja serva e pobre, despojada das ilusões das honrarias sociais, sobreviveu em plena Cristandade, nos fiéis, que tomaram consciência de sua participação no múnus sacerdotal, profético e pastoral do Cristo. Adentramos o século XIV, marcados pelas condenações da Igreja, às beguinhas e espirituais franciscanos, sob o papado de João XXII. Diz-nos Comblin:

Francisco conseguiu convencer o papa Inocêncio III e o seus sucessores imediatos. Apoiando-se no papa, Francisco soube emancipar-se do clero, dos bispos e dos padres. Aparentemente o papa achava que tanto Francisco como Domingos podiam ajudá-lo a reformar a Igreja, sem ter de passar por um clero que não queria reformar-se [...] Mas já se podia prever que os papas não aceitariam que se realizasse na Igreja o modo de viver de Francisco, nem o seu pensamento ou a sua maneira de entender o evangelho. Esse evangelho de Francisco não correspondia ao dos papas [...] Os papas quiseram integrar os mendicantes na sua política própria. Então veio a divisão com a rebeldia dos espirituais. Estes queriam o reino do Espírito Santo do abade Joaquim, e naturalmente, os papas não podiam adotar tal perspectiva.⁴⁴

É grande no século XIII e XIV o desejo dos cristãos leigos em participar e assumir responsabilidades na Igreja, numa atitude de superação da visão depreciativa do laicato que predominava na alta hierarquia, fruto da teologia imperial. Para Alberigo, os leigos rechaçavam a situação de “cristãos de segunda categoria”, como também as atitudes meramente “passiva e consumista” de receber os sacramentos, ou de concorrência com o clero. Ele nos fala do compromisso de comunhão com os irmãos e do compromisso real de Igreja das Confrarias *dei Bianchi e Dei Battuti* ou a *Devotio Moderna*⁴⁵, na autenticidade de uma condição cristã não-clerical.⁴⁶

⁴⁴ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 67-68.

⁴⁵ Sobre a *Devotio Moderna* ver detalhes: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004. p. 551-553.

⁴⁶ ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na história*, op. cit., p. 20.

Durante três séculos foi grande a expectativa do povo de Deus de que a Igreja hierárquica, verticalista, uniformizada e autoritária passaria por um processo de conversão e reforma, à luz dos princípios do Evangelho. Ansiava-se por uma reconciliação entre o alto clero e o povo de Deus, que lutava por uma Igreja ministerial, comunitária, pluralista e participativa, enfim, uma Igreja próxima da práxis de Jesus.

Diz-nos Comblin que existiram movimentos menos radicais que foram reconhecidos pela hierarquia – como as confrarias e as ordens terceiras. Essas funcionavam como uma busca da promoção dos leigos e tentavam compatibilizar os interesses do clero e do povo de Deus.⁴⁷

Os cristãos leigos formados nas Ordens Terceiras e Confrarias foram também semeadores do espírito dos mendicantes nas cidades, apoiando e fortalecendo as aspirações democráticas no interior da Igreja. No entanto, quando os mendicantes se clericalizaram, as ordens terceiras passaram pelo mesmo processo e perderam sua autenticidade de leigas. Transformaram-se, após o Concílio de Trento, em grupos de piedade.⁴⁸ Alberigo nos informa mais sobre as Confrarias e Ordens Terceiras.

[...] é preciso recordar os grandes fenômenos organizativos dos cristãos comuns nas Confrarias e nas Ordens Terceiras. Foram tentativas que aceitavam substancialmente o estado de coisas existente, procurando obter – mediante a participação nos grandes privilégios espirituais concedidos principalmente aos Mendicantes – uma assimilação, embora parcial, à condição de objetiva vantagem em que os clérigos se encontravam.⁴⁹

Comblin compreende que Francisco de Assis teve a intuição do problema maior da Igreja no segundo milênio, que era a concentração de riqueza. Considera Francisco um milagre que conseguiu viver como viveu, sem ser condenado pelos papas, talvez pela sorte de encontrar papas sensíveis e inteligentes e também pela sua humildade e submissão.

Interpretamos, como uma verdadeira ação do Espírito as manifestações dos cristãos leigos entre os séculos XII e XIV, a emergência dos pobres, a Igreja povo de Deus, não obstante as perseguições, silenciamento e até extermínio físico de muitos destes por parte dos poderes constituídos.

A proclamação do papa João XXII, de que Jesus não era pobre e a proibição de se falar na pobreza impactou a consciência dos cristãos que ansiavam pelas reformas. Os mendicantes foram clericalizados pelo papa e os que permaneciam leigos entre eles tornaram-

⁴⁷ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 68.

⁴⁸ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 132.

⁴⁹ ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na história*, op. cit., p. 20.

se verdadeiros empregados dedicados às tarefas materiais – eram os empregados dos padres, absolutamente controlados.⁵⁰

As Confrarias e Ordens Terceiras, e no mesmo plano o movimento leigo da *Devotio Moderna*, nos séculos XIV e XV, tiveram como mérito a revalorização da vocação dos cristãos e sua participação no sacerdócio comum dos fiéis, e disporão de grande adesão popular.

Quando no século XVI estourou a reforma protestante, que reivindicava a igual dignidade dos cristãos batizados, e negava a separação entre ministros ordenados e povo de Deus, percebeu-se haver uma sintonia de perspectiva com a teologia destas organizações católicas, que aos poucos foram sendo marginalizadas.⁵¹

Para a alta hierarquia da Igreja, havia na organização laical independente um perigo iminente de desobediência e de heresia. Segundo o caminho escolhido pelo Concílio de Trento, em reafirmar a teologia imperial, os leigos conscientes e organizados não eram bem vistos, nem bem quistos. As Confrarias, Ordens Terceiras e movimentos leigos, deveriam ser controlados por um clero bem preparado teologicamente, para evitar qualquer tipo de rebeldia.

Constatamos que, não obstante séculos de domínio da eclesiologia imperial ter adentrado e se fixado na Igreja, ela é obra de Deus. A Igreja é Mistério querida por Ele, reunida no Cristo e animada por seu Espírito. Espírito da Liberdade, que não parou de suscitar mulheres e homens a reunir-se e viver em comunidade e grupos a proposta do Deus Comunhão, de ser o seu povo sacerdotal, profético e pastoral na história.

Por muitos séculos, compreendeu-se e exigiu-se que o maior sinal da comunhão do povo, sobretudo dos pobres na Igreja, seria o de obedecer e silenciar. No entanto, o Espírito que sopra onde quer, inspirou muitas formas de sobrevivência do “resto de Israel” que teimosamente mantinha aceso o pavoio que fumegava. O resto de Israel fortalecido pelo Espírito mantém viva a memória da aliança e suscita profetas do povo para comunicar a vocação à liberdade aos leigos pobres (Is 49. 8-9ab).

Para Comblin, o fermento dos fundadores das Ordens Mendicantes foi tão forte que estoura nas reformas das ordens domesticadas pela clericalização. O Evangelho da liberdade e da justiça irrompe nos mendicantes dominicanos e franciscanos, que vieram à América Latina durante conquista europeia nos séculos XV e XVI.

⁵⁰ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 130-132.

⁵¹ ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na história*, op. cit., p. 21.

Percebemos a ação do Espírito no falar e no agir profético dos frades dominicanos na ilha de Espanhola (República Dominicana e Haiti atuais), nos quais destacamos Pedro de Córdova, Bartolomeu de Las Casas e Antón Montesino. Opuseram-se profeticamente à dominação e extermínio dos povos nativos da América por parte da colonização que buscava ouro sob o manto da evangelização. A fala dos frades foi assumida de maneira coletiva no discurso elaborado para o IV domingo do advento sob o título “sou a voz do que clama no deserto”, dirigido aos exploradores e dominadores espanhóis⁵² com grandes repercussões.

Interpreta Comblin que toda a trajetória dos conflitos entre o povo de Deus e a hierarquia católica significou um declínio paulatino da liberdade cristã, que havia se animado nos séculos XIII e XIV. A esperança de uma reconciliação entre “a Igreja de cima e a Igreja de baixo” foi mais uma vez frustrada com o pontificado de Bonifácio VIII.⁵³

Com os papas de Avignon (1309-1378) aumentou a crise, por conta dos altos impostos cobrados ao povo, pelo fechamento e incapacidade de escutar os apelos dos leigos à liberdade.⁵⁴ Diz-nos Comblin: “A Igreja de cima não quer passar para a pobreza. Não quer libertar-se. Pelo contrário: mergulha nos negócios mundanos mais do que nunca. Não pode entender os apelos para a liberdade”. Como consequência, radicalizaram-se os movimentos místicos, que chegaram a rejeitar todo o sistema eclesiástico: dogmas, moral e sacramentos. Caminhou-se para cismas, heresias, espiritualismos.

Desenvolveu-se uma espiritualidade intimista, a liberdade “refugia-se na pura devoção espiritual. Dá-se uma fuga para longe dos compromissos no meio do mundo”. A grande peste e a Guerra dos Cem Anos aumentaram a miséria, a desordem e a violência da decadente sociedade feudal que se findava, o que fez surgir também uma espiritualidade de cunho penitencial.

A fé cristã refugia-se na interioridade e o mundo é abandonado à secularização da modernidade que nasce. Como a aliança entre a hierarquia e o povo de Deus não foi reatada entre os séculos XIII e XV, o resultado é a secularização que começa dentro da Igreja e desemboca na descristianização da vida do mundo. Contudo, “o fato maior, a etapa final do declínio da liberdade, foi – depois de 300 anos de vãs súplicas por uma reforma – a revolta protestante”⁵⁵.

Comblin traça um panorama do contexto que antecedeu a reforma protestante, no que

⁵² GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo*. Tradução Sérgio José Schirato. São Paulo: Paulus, 1995. p. 38-48, 61-71.

⁵³ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 132.

⁵⁴ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 68.

⁵⁵ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 133-134.

diz respeito a tentativas de uma conciliação entre clero e povo cristão, e as consequências do fracasso desta empreitada:

A política dos papas provocou revolta, que se manifestou de diversas maneiras. No final daquele século a teologia de John Wyclif tornou-se a primeira representação de uma Igreja leiga a contestar os poderes da hierarquia. Em 1377 Wyclif foi condenado por Gregório XI. Com o cisma do Ocidente (1378-1415) e a coexistência de dois, e depois de três papas rivais, o poder do papa entrou em crise. Dessa maneira a lembrança do conciliarismo serviu para levantar barreiras mais fortes contra as aspirações do povo de Deus [...]. Todos os esforços para restaurar o papel ativo institucionalmente reconhecido do povo cristão foram vãos. Todas as aspirações do humanismo cristão encontraram oposição sistemática de Roma e, finalmente, não encontraram instituição que as pudesse respaldar.⁵⁶

Havia no século XV um considerável número de cristãos leigos cultos, bem preparados numa espiritualidade eclesial, que bebiam da mística flamenga e renana e também da *Devotio Moderna*. Embora independentes da hierarquia, reconheciam o poder do clero e cultivavam uma convivência pacífica, eram evoluídos, adultos na fé. Uma grande maioria destes leigos, amadurecidos na fé e desejosos de uma abertura maior na Igreja, foi atraída pela mensagem dos reformadores.⁵⁷

A grande espera do povo de Deus, em ser reconhecido e valorizado como partícipe do múnus de Cristo, obteve como resposta da Igreja hierárquica, quando não o silêncio, a perseguição e a condenação. Esse processo vai desaguar na reforma protestante do século XVI.

Comblin analisa que “a revolta protestante foi o sinal do fracasso do modelo imperial. Porém, em lugar de reconhecê-lo, o Concílio de Trento consolidou o esquema e até hoje a Igreja não quis retificar a orientação tomada então”⁵⁸. Os leigos mais instruídos conheciam a estrutura eclesial e sonhavam com uma Igreja fiel ao Evangelho e livre das amarras dos privilégios sociais.

1.2.1 Reformas no século XVI: emergência dos preferidos de Deus?

A forma imperial que a Igreja assumiu nos decorrer dos séculos, cassou a liberdade dos fiéis de se organizar e alijou a igual dignidade dos cristãos pelo batismo na corresponsabilidade da missão evangelizadora. Comblin compreende que “a razão

⁵⁶ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 68-70.

⁵⁷ Ibidem, p. 70.

⁵⁸ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 135.

fundamental da revolta protestante está na liberdade cristã”⁵⁹. A perspectiva bíblica do povo eleito, querido por Deus, chamado e enviado por Ele, a ser nação santa, povo sacerdotal e dar o testemunho do amor do Senhor entre as nações da terra, assumida pelo Novo Israel, a Igreja de Cristo, foi retomada e reafirmada pela reforma protestante.⁶⁰

O que fez estourar a reforma protestante foi o valor da construção da Basílica de São Pedro e a forma de angariar os recursos para realizar a obra, através da venda de indulgências. Este será um dos pontos básicos que os reformadores irão combater: a simonia. A reforma apresentar-se-á como um retorno às origens do Cristianismo e, neste sentido, irá congregar um grande número de insatisfeitos com a estrutura clerical católica e a sua indiferença aos anseios do povo. Diz-nos Comblin:

No século XVI o protestantismo apresentou-se como a ‘outra’ Igreja, fundada por Jesus e era fiel à Bíblia. Pela primeira vez a ‘outra’ Igreja adquiriu existência histórica. A Igreja Católica não conseguiu, não quis, não pôde entender os sinais dos tempos – não reconheceu a voz do povo de Deus. Abafou essa voz como se fosse heresia, apostasia, negação do cristianismo.⁶¹

[...] Em lugar de realizar sua própria conversão, a Igreja condenou os reformadores como rebeldes, orgulhosos e temerários. Os movimentos de reforma foram atribuídos ao diabo. Numa palavra, fez o que os escribas, os sacerdotes e fariseus fizeram com Jesus.⁶²

Lembramos que Jesus se opôs ao sistema do Templo, que usava o nome de Deus para excluir as pessoas, impedindo o povo de Deus viver a sua vocação com dignidade. O que enchia Jesus de uma ira santa, o que talvez possamos chamar de indignação ética, era a dureza do coração das lideranças religiosas que colocavam as leis e preceitos religiosos acima da dignidade humana dos filhos e filhas de Deus.

Comblin avalia que os cristãos leigos e reformadores não se opunham à religião ou a Cristo, mas ao sistema hierárquico imperial, verticalista, autoritário e excludente. O povo de Deus não contava, não participava das decisões, e por isso questionava e rejeitava o monopólio de um poder cuja vocação reconhecida e proclamada, mas não posta em prática e, dolorosamente até impedida, era a de ser serviço comunitário. É doloroso perceber que era o povo cheio de valores cristãos, com o desejo de seguir Jesus e servi-lo através de sua Igreja, que estava sendo

⁵⁹ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 135.

⁶⁰ Ibidem, p. 136.

⁶¹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 61.

⁶² COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 135.

impedido por aqueles que deveriam promover o tríplice múnus do povo de Deus.⁶³

Era a “outra Igreja”: o povo que trabalhava, pagava impostos e mantinha a estrutura social e eclesial com o seu suor, mas que não contava na hora das decisões, impedido de aproximar-se do altar, das “coisas sagradas” e até mesmo da Palavra de Deus. Estes fiéis despertaram a consciência de povo e de cristãos, de maneira processual até formularem uma concepção de povo de Deus. É a “Igreja de baixo” desejosa de seguir fielmente a Jesus Cristo, que busca sua força na força da Palavra, na comunhão com todos e na preferência pelos preferidos do Deus da Bíblia. Voltar à Bíblia, ao Deus da Bíblia, é a marca dos que queriam uma reforma na Igreja.

Por expressarem o desejo de terem voz e vez, muitos cristãos do Ocidente foram considerados hereges, inimigos de Cristo e da Igreja, cismáticos e verdadeiros enviados de satanás. O seu pecado consistiu em rejeitar a Igreja piramidal, verticalista, autoritária e excludente. Os que não foram expulsos ou silenciados ficaram em situação desconfortável diante do sistema eclesial.⁶⁴

A hierarquia, imperial, fechada aos questionamentos e anseios do povo cristão, não se apercebia de onde estava o perigo. O que de fato ameaçava a obra de Deus eram as alianças feitas com os impérios e reinos, a transposição das formas destes governos para a estrutura eclesial, o apego aos bens, cargos e privilégios. Não ouviu a voz do povo, não ouviu o que o Espírito falava, fechou-se ao diálogo.

A Igreja perdeu a hora da conversão e, ainda hoje, padece as consequências. Compreender-se como sociedade perfeita fez a Igreja identificar-se ao próprio Reino de Deus e consequentemente sentiu-se inquestionável, imutável e cristalizada em seu poderio e privilégios.

Para Comblin, todo o fechamento da Igreja resultou na grave explosão da Reforma, que foi um desastre imenso. A cristandade ficou dividida entre dois polos: um invocando o poder da hierarquia, e o outro invocando o povo cristão e o poder da Bíblia. A Igreja católica faz a sua reforma com o Concílio de Trento. Em vez de enfrentar os problemas surgidos no povo de Deus, consolidou o passado e as suas estruturas e fechou todas as portas para o povo cristão. Todo o cristianismo pós-Trento vai girar ao redor da obediência. Ser cristão e santo era ser obediente e submisso à vontade da hierarquia.⁶⁵

Contentar-se com a condição de ovelhinhas obedientes e subservientes aos seus senhores, foi o que a Igreja dispôs aos seus fiéis, que não suportavam mais essa situação e

⁶³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 61-63.

⁶⁴ Ibidem, p. 63.

⁶⁵ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 71-72.

exigiram as reformas. Grande número de leigos cresceu e amadureceu na consciência de pertença ao Corpo de Cristo pelo batismo e reivindicou sua participação ativa no corpo eclesial. Com a rejeição e fechamento da hierarquia católica às demandas populares, a Reforma ganhou um caráter maior de protesto.

Era abismal, nos séculos V ao XV, o distanciamento e a descontinuidade das ações da Igreja católica em relação à práxis de Jesus e das primeiras comunidades cristãs. Os reformadores propuseram retomar a concepção bíblica de povo de Deus. Retornaram ao tema da aliança feita por Deus com os escravos, com os pobres e sua proposta de constituir um povo livre, uma nação santa e sacerdotal que levasse seu nome entre os povos. Criticaram a hierarquia da Igreja, que restringiu a teologia da eleição a um pequeno grupo de consagrados do clero. Foi recolocado o tema do sacerdócio comum dos fiéis pelo sacramento do batismo e os ministérios serem assumidos de fato como serviço gratuito e comunitário.

Os discursos anticlericais dos reformadores, a crítica à simonia e riquezas da Igreja e a proposta de valorização do povo de Deus na fidelidade à Bíblia, fizeram eco aos anseios por liberdade que há séculos germinavam. Porém, o protesto dos reformadores contra o autoritarismo e enriquecimento da hierarquia católica romana, fruto das alianças estabelecidas pela Igreja com a nobreza feudal, impérios e reis, vai esbarrar na questão da coerência das lideranças protestantes.

Os reformadores para escaparem das perseguições se aliam aos burgueses em ascensão e aos reis que queriam livrar-se da influência da Igreja católica e do resquício de domínio da nobreza feudal. Como ser fiéis aos ideais da Reforma e ao povo cristão aliando-se aos novos dominadores e exploradores dos pobres de Deus? Como ficou o povo de Deus nessa história?

Constatamos que, em todas as lutas populares por democracia e libertação no Ocidente, era imensa a participação dos cristãos e que não obtiveram apoio da Igreja católica, por a mesma estar aliada aos dominadores. Mas, e as Igrejas da Reforma como se posicionaram diante dos pobres e suas demandas? Os movimentos de libertação dos cristãos empobrecidos na Europa também não contaram com o apoio das Igrejas históricas da Reforma.

Comblin fala que emergiram duas tendências antagônicas dentro movimento protestante: os que evitaram ruptura com as tendências políticas e sociais; eram os luteranos, anglicanos e calvinistas que preferiram manter a aliança com os reis e príncipes.

A outra tendência era composta dos protestantes mais radicais: os anabatistas de Münster na Alemanha, os puritanos ingleses e os reformadores da Holanda. Estes optaram por manter a herança da liberdade do povo cristão na Idade Média, mesmo que marginalizados

socialmente, lutar pela libertação plena de seus povos⁶⁶. Diz-nos Comblin:

A Reforma despertou no povo grande esperança de libertação. Lutero preferiu o apoio e a segurança oferecidos pelos príncipes. Calvino e Zwinglio buscaram apoio na nova burguesia que surgia. Para o povo sobrou a amargura das derrotas e das decepções. O que se salvou no desastre da reforma popular foram os movimentos anabatistas que encontraram refúgio na Holanda, e, depois, na Inglaterra [...]. O que nos interessa é a maneira como o povo de Deus entra na história. Entra realmente por um caminho derivado. Rejeitado pela Igreja católica e pelas próprias Igrejas da Reforma, o povo de Deus manifesta-se numa seita paralela. Ora, este caminho influenciou muito na orientação ulterior da vida do Ocidente. Rejeitado pelas grandes Igrejas o povo de Deus mais tarde secularizar-se-á e entrará em conflito com as Igrejas dominantes.⁶⁷

A Igreja católica ameaçada pela Reforma protestante e respaldada nas decisões de Trento, gasta suas energias no combate ao protestantismo, fecha-se cada vez mais às críticas anticlericais iluministas. Em vez de abrir-se às aspirações populares de participação, a Igreja simplesmente convoca os seus fiéis ao enfrentamento com os protestantes.

Perdeu-se na Igreja a compreensão do movimento da história naquele momento. Durante séculos o sistema hierarcológico católico contou com o apoio das grandes massas rurais, por sua vez, analfabetas, não conheciam a estrutura eclesial, que se expressava em latim, e da mesma forma ignorava também a Bíblia.⁶⁸

Até o século XVII, a burguesia europeia não tinha poder político, era produtora de riqueza e acumuladora de capital, ainda tratada com desdém pela nobreza aristocrática e clero, ainda próxima dos pobres na escala política. Os movimentos humanistas, renascentistas, o racionalismo e empirismo modernos, vão culminar no século XVIII com o iluminismo e possibilitarão a milhares de pessoas o acesso ao conhecimento através da leitura.

A ciência moderna e a técnica avançavam junto com as ideias políticas liberais. A burguesia iluminista, já detentora de maior poder econômico e cultural, apropria-se dos ideais cristãos da liberdade, igualdade e fraternidade e, em nome destas bandeiras, utiliza a classe trabalhadora do campo e cidade, os pobres, para conquistar sua hegemonia política para depois descartá-los e mantê-los nos “porões da humanidade”⁶⁹.

⁶⁶ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 73-75.

⁶⁷ Ibidem, p. 74.

⁶⁸ Ibidem, p. 59.

⁶⁹ A expressão “porões da humanidade” foi utilizada pelo Frei Carlos Mesters, biblista, cofundador do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI), em seu livro *Seis dias nos porões da humanidade*. É uma metáfora sobre o povo empobrecido que é jogado nos porões da história e, somente de quatro em quatro anos, período das eleições é procurado pelos políticos para serem usados e depois jogados novamente nas sombras dos porões.

Mais uma vez o povo é deixado de lado.⁷⁰ As ideias sociais e políticas até o século XVIII terão caráter anticlerical, contrárias ao sistema hierarcológico católico, mas, ainda não são antirreligiosas ou ateias. O anticlericalismo iluminista ganha uma dimensão maior na Revolução Francesa, que humilha o poder papal e espalha-se por todo o Ocidente⁷¹. O povo dos pobres, jogado mais uma vez nos porões da história, ressuscitará no século XIX, em plena Revolução Industrial, nas lutas operárias por justiça e liberdade.

1.2.2 Nas lutas operárias, os pobres ressuscitam – o Espírito sopra onde quer!

Então ele me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eles dizem: ‘Nossos ossos estão secos, nossa esperança acabou, estamos perdidos! Por isso profetiza e dize-lhes: Ó meu povo, vou abrir vossas sepulturas! Eu vos farei sair de vossas sepulturas e vos conduzirei para a terra de Israel [...]’ Quando incutir em vós o meu espírito para que revivais, quando vos estabelecer em vossa terra, sabereis que eu, o Senhor, digo e faço – oráculo do Senhor. (Ez 37,11-12.14).

Envolvida no combate aos protestantes, e encastelada para proteger-se dos ataques anticlericais, a Igreja perdeu a capacidade do diálogo com os intelectuais europeus e não conseguiu compreender os avanços técnico-científicos. A perda dos Estados Pontifícios no século XIX significou uma interferência cada vez menor da Igreja nos poderes temporais. Voltou-se para dentro de si, exaltando seu poder espiritual e concentrando-o ainda mais na pessoa do Papa e na Cúria romana. A sociedade perfeita de caráter imperial vai tomar maior forma sob a liderança dos papas Pios.⁷²

Onde estavam os pobres nesta Igreja imperial? As pessoas e movimentos que falassem naquele momento de direitos do povo de Deus na Igreja eram acusados de anticlericais, rebeldes, inimigos de uma Igreja que se definiu como hierarquia. O Concílio Vaticano I reforçará as definições de Trento. Para proteger-se, a Igreja, concentra mais as decisões, define a infalibilidade do papa e fecha-se completamente à teologia do povo de Deus.⁷³

Os ideais cristãos de liberdade, fraternidade e igualdade, usados pela burguesia na revolução francesa para conquistar o poder, criaram corpo novamente no movimento operário do século XIX. O operariado que lutava contra a exploração capitalista, esperava o apoio da Igreja, daquela que deveria ser o próprio povo de Deus.

A Igreja católica não percebeu a urgência histórica de se fazer aliada dos

⁷⁰ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 76.

⁷¹ Ibidem, p. 61.

⁷² Ibidem, p. 57.

⁷³ Ibidem, p. 62.

trabalhadores, e que estava a perder a oportunidade de se redimir com os que tinham a dignidade esmagada pela máquina capitalista. O povo dos pobres sentia-se órfão naquele momento de tanta exploração e sofrimento, mas o sinal veio, ainda que limitado. Diz-nos Comblin:

Leão XIII acabou reconhecendo a miséria operária e a imensa injustiça da qual a classe operária foi vítima por parte de uma burguesia ambiciosa, avara, arrogante, orgulhosa do seu novo poder. Mas não viu o mais importante: que esse povo estava mudando e tomando consciência de si. Os operários e lavradores aprenderam a ler, a pensar por si mesmos, a tomar consciência de sua força social. Quiseram também existir como sujeitos da história [...]. Na hora em que a hierarquia achava que ainda podia contar com o apoio da massa ignorante, esta desapareceu.⁷⁴

A Igreja podia ter feito aliança com o operariado, reconciliando-se com os pobres e junto também viria, possivelmente, parte dos intelectuais que ainda guardavam algum sentimento cristão. Mas a hierarquia teve medo e, no século XX, com Pio X, faz aliança com a burguesia, que era seu pior inimigo.⁷⁵ Manteve-se distante do povo e a consequência será a perda do operariado esclarecido politicamente, consciente de seus direitos e de sua força social, que encontrará acolhida às suas dores e esperanças no movimento socialista, que antes de se tornar ateu, tinha motivações cristãs de justiça e equidade social.

De que adiantou tanto poder acumulado pela hierarquia eclesial no decorrer da história? Tivesse apostado no poder do Espírito Santo que se manifesta em milhões de seguidores de Jesus espalhados no mundo inteiro, poderia ter contribuído com a ressurreição dos pobres e feito emergir o povo de Deus. Preferiu exercer seu poder administrando símbolos, palavras, ritos e gestos, e não se encarnou no mundo dos explorados.⁷⁶

Seguir a lógica de Jesus, e encarnar-se na imensa dor dos crucificados da exploração capitalista do século XIX, foi uma oportunidade que teve a hierarquia da Igreja de livrar-se da carga imperial incorporada desde Constantino. No entanto, preocupou-se em definir leis, e firmar uma rígida disciplina para defender a ortodoxia, enquanto os teólogos foram engessados no pensamento e liberdade de expressão. Quanto aos pobres, estes, permanecerão ainda mais nas sombras, invisíveis nas estruturas eclesiais, tratados como objetos da caridade paternalista da Igreja, não vistos como “povo”⁷⁷.

Tornara-se visível e irreversível a organização do movimento operário, que lutava por

⁷⁴ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 79.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Ibidem, p. 80.

⁷⁷ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 81.

direitos e dignidade frente à exploração da sociedade burguesa que lhes havia prometido o paraíso na terra. Cresceu com isso a participação popular nos rumos das sociedades, na luta pelo sufrágio universal, antes privilégio dos proprietários, com o voto censitário defendido por John Locke.

O povo cresceu progressivamente em sua consciência histórica e ganhou corporeidade como sujeito social. A sociedade moderna seguia seu curso, não tinha como retroceder nas conquistas das liberdades individuais, no avanço técnico-científico, no desenvolvimento das ciências humanas e sociais. Enquanto, do lado da instituição hierárquica católica, aumentou a hostilidade à modernidade que, para ela, era sinônimo de anticlericalismo e ateísmo.

Tratados secularmente como massa amorfa, impedida de se manifestar eclesial e socialmente, os fiéis católicos não tinham como enfrentar a modernidade pois não foram tratados como sujeitos eclesiais, como povo de Deus. Para Comblin, a hierarquia católica, ocupada em combater o protestantismo, não se apercebeu que “outro desafio muito mais radical já estava solapando a cristandade imperial [...]. Os modernos lançaram de novo o tema da liberdade e a Igreja romana estava na incapacidade total de oferecer uma resposta”⁷⁸.

Como responder às demandas da liberdade e participação nas decisões se o caminho escolhido foi o distanciamento e a hostilidade em relação à sociedade moderna, o que resultou na perda da dimensão histórica da Igreja? Acossada pelos ataques e críticas dos iluministas liberais e marxistas, refugia-se na eclesiologia da sociedade perfeita, e da ideologia da “cidade sitiada” que, configurar-se-ão na famosa máxima “Fora da Igreja não há salvação”.

O povo de Deus continua na ansiosa espera, mas não de braços cruzados: “no século XX – já no final do século XIX, e, sobretudo depois de 1918 –, uma nova vanguarda cristã procura descobrir a realidade histórica da Igreja”⁷⁹. As sementes lançadas secularmente nos campos da história, embora sufocadas e tardias, germinaram as novidades que ousadamente brotarão no século XX.

1.2.3 A grande espera dos pobres – “Que os ventos do Espírito adentrem na Igreja”

Você é perseverante. Sofreu por causa do meu nome, e não desanimou. Mas há uma coisa que eu reprovó: você abandonou seu primeiro amor. Preste atenção: repare onde você caiu, converta-se e retome o caminho de antes [...] Quem tiver ouvidos ouça, o que o Espírito diz às Igrejas! (Ap 2,3-5.7a).

⁷⁸ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 139.

⁷⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 81.

Segundo Comblin duas tendências surgirão no início do século XX. A primeira, de cunho intelectual, acolhe os métodos históricos e críticos modernos para pensar o cristianismo; a outra, de caráter social, que levou a reconhecer o povo, o mundo dos pobres, aceitando-o como desafio. Emergem os movimentos reformadores. Do lado intelectual, surge o movimento bíblico, que entra em choque com as interpretações tradicionais das escrituras; o movimento de restauração patrística, que mostrou nas origens uma figura de cristianismo bem diferente do modelo oficial.

Pretendeu o movimento litúrgico restaurar uma liturgia mais original, mais perto das origens cristãs. Surge também o movimento ecumênico que, pela primeira vez, levou alguns católicos a se relacionarem com os irmãos separados, não mais em forma de combate para assim descobrirem que os hereges não eram tão heréticos e que havia valores nas outras Igrejas.⁸⁰

Na perspectiva social surgem associações cristãs e partidos políticos cristãos em vários países europeus. Entram na sociedade sem medos e preconceitos, mergulhando nos problemas locais, confrontando-se com eles. Foi inevitável o encontro com o socialismo. Estes cristãos queriam da hierarquia da Igreja um maior compromisso social e uma possibilidade de diálogo com os socialistas. Foram grandes as resistências, sobretudo dos Papas Pio X e Pio XII. A ação dos agentes de pastoral foi restrita e limitada.⁸¹

Resistir ao socialismo, e oferecer uma Doutrina Social que servisse para o mundo inteiro, foi o que pretendeu a hierarquia da Igreja, sem levar em conta a formação histórica e a diversidade de contextos sociais, econômicos e políticos. O medo era do ateísmo e materialismo das ideologias marxistas. Formulou-se um corpo doutrinal abstrato, defasado, sem sintonia com as realidades locais.

Para Comblin, o que se esperava era que os católicos aceitassem a doutrina, que não agissem socialmente, evitando, com isto, os conflitos. Por outro lado, militantes cristãos da ação social, pressionavam a Igreja para que tomasse posições claras frente aos problemas concretos. Os resultados foram condenações, dentre elas, dos padres operários franceses pelo Papa Pio XII.⁸²

O temor da Igreja era de colaborar com a promoção da luta de classes e de ferir o princípio evangélico da paz. Mas e o Evangelho da justiça e da liberdade onde ficava? Não seria o mesmo Evangelho? Comblin entende que esse era o motivo alegado, no entanto, “o

⁸⁰ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 82

⁸¹ Ibidem, p. 83.

⁸² COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 84.

motivo real podia ser mais político: aceitar o tema da luta de classes era romper com a burguesia”⁸³.

Romper profeticamente com a exploração capitalista era o empenho dos católicos engajados na realidade social, e queriam uma Igreja encarnada na história, mais fiel às suas origens, no compromisso com os pobres, uma Igreja desprovida de bens e poder. Essa minoria profética, que desejava superar os traços da Igreja imperial encontrou motivação espiritual e teórica no conceito de povo de Deus, que ressurgia fortemente do movimento bíblico, patrístico e litúrgico.

Eclode com força a perspectiva teológica de uma eclesiologia do povo de Deus, resultado de todo o processo histórico, adubada e regada na ação destes movimentos que prepararam os campos para a primavera do Concílio Vaticano II. Para Comblin, apesar da rigidez da hierarquia em reprimir essa manifestação, o povo de Deus emerge no cenário eclesial e social, “na teoria e na prática”, sobretudo nos idos de 1937 e 1942. Preparam-se os terrenos para a nova semeadura que se dará com o papa João XXIII.

Abriram-se caminhos para realização da grande esperança do povo de Deus. A eclesiologia do Corpo Místico de Cristo, defendida por Pio XII, na encíclica *Mystici Corporis* de 1943, não correspondeu à demanda dos cristãos naquele momento histórico. Ela não conseguiu motivá-los para a práxis cristã na sociedade e não superava o entranhado clericalismo e a resignação de boa parte do laicato.

Fala-se de sentimentos contraditórios e até opostos, intra e extra eclesialmente naquele momento: o rígido controle da Cúria romana sobre as massas católicas e a tentativa de qualquer iniciativa em construir uma Igreja comunhão de comunidades locais estariam fadadas ao fracasso. Desejava-se que a Igreja superasse o caráter centralizador e se abrisse ao diálogo com as outras denominações cristãs e à sociedade moderna.⁸⁴

O papa João XXIII, tido como de transição, devido à sua idade já avançada, e a simplicidade de sua origem, surpreende quando anuncia, em 25 de janeiro de 1959, ao concluir a semana de preces pela unidade dos cristãos, sua decisão de realizar um concílio. De um lado, o mundo que sofria a tensão da Guerra Fria, carente de um novo alento, de outro lado, uma Igreja isolada, encastelada em suas certezas cristalizadas, parecendo mais, na expressão de Comblin, “um corpo estranho” na sociedade moderna.

A convocação de um novo Concílio ressoa para a população mundial como uma boa

⁸³ Ibidem, p. 85.

⁸⁴ ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na história*, op. cit., p. 33.

notícia, um novo advento. Significou verdadeira renovação das energias subterrâneas da fé cristã e dos povos sofridos pelas guerras, pobreza, exploração e abandono no mundo todo.

Após séculos de Cristandade, fundamentada na teologia da Sociedade Perfeita, retornou-se com o Concílio Vaticano II, 1962-1965, a teologia do povo de Deus. Sob a ação do Espírito, o papa João XXIII revela suas expectativas, e, exorta os cristãos com palavras proféticas, faltando um mês para abertura do Concílio em 11/09/1962: “Que a Igreja apresente-se ao mundo, assim como ela é, Igreja de todos, sobretudo Igreja dos pobres!”

O papa João XXIII fazia eco à espera ansiosa dos pobres de Jesus, que na base da Igreja há séculos, ansiavam por participação e atenção pastoral. Qual o impacto e recepção das palavras de João XXIII naquela hora? O que ainda restava da teologia do povo de Deus, em meio a tantos acentos na autoridade, na disciplina e na obediência? Quais as respostas o Concílio Vaticano II dará às expectativas levantadas por João XXIII?

A iniciativa do papa João XXIII teve ressonância positiva até mesmo nos corações das outras Igrejas cristãs. Reanimou as energias da fé, da esperança e da caridade de diferentes segmentos no mundo inteiro. Renovaram-se expectativas e possibilidades de mudanças nas relações intra e extraeclesiais. Veio à tona com mais força a questão da unidade dos cristãos e, numa humanidade dilacerada por guerras, ideologias e desigualdades, volve-se um olhar com mais otimismo para o mundo atual e a esperança de um futuro melhor.⁸⁵

1.3 Concílio Ecumênico Vaticano II: no retorno à Palavra emerge o povo de Deus!

Abordaremos a grande novidade da convocação e realização do Concílio Ecumênico Vaticano II pelo papa João XXIII. Inaugurou-se na Igreja um tempo grávido das novidades do Espírito. Serão destacados três aspectos: a centralidade da palavra, o retorno à teologia do povo de Deus e o acolhimento aos anseios dos pobres e trabalhadores no diálogo com o mundo.

No discurso de abertura solene do Concílio, o papa João XXIII apresentou as origens, motivos e expectativas deste grande evento para a Igreja e reacendeu a chama da esperança de dias melhores para a humanidade.⁸⁶ Contagiou a milhares de pessoas o otimismo, a alegria e fervor do papa. Foram gestos, atitudes e palavras de um homem simples que irradiaram

⁸⁵ ALBERIGO, Giuseppe. *História dos concílios ecumênicos*. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995. p. 395.

⁸⁶ João XXIII, Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2001. p. 23-24.

sabedoria, simplicidade e profecia.

O papa João XXIII convocou os fiéis a olhar com esperança para o futuro e discordou dos profetas da desgraça, que só enxergavam coisas negativas na realidade.⁸⁷ Apela para o aprendizado com a história, reconhecendo-a como mestra da vida e, na história, enxergou a ação da Providência Divina.⁸⁸

João XXIII olha com otimismo⁸⁹ a realidade e supera a visão de mundo que coloca a sociedade moderna como inimiga e a Igreja como “cidade sitiada”. Os Padres conciliares trabalharão numa perspectiva pastoral, preocupados na transmissão da mensagem das riquezas espirituais do “*depositum fidei*”, com linguagem apropriada para os tempos atuais, “conservando-lhes o mesmo sentido e o mesmo alcance”⁹⁰.

Segundo Comblin, João XXIII propôs uma mudança de mentalidade.⁹¹ As palavras de ordem são diálogo, acolhimento e misericórdia. Convoca-se um Concílio não para definir ou reafirmar verdades e condenações de heresias, como o foram vários outros concílios: “Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje, mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações”⁹². Pensar o agir da Igreja no mundo conforme o agir do Bom Pastor, Jesus Cristo, que não veio para condenar, mas para salvar o que estava perdido (cf. Jo 12,47).

Decorridos 600 anos da Bula de João XXII, *Cun inter Nonnullus*, que condenava os espirituais e encerrava o debate sobre a pobreza na Igreja, João XXIII aos 11 de setembro de 1962, fala sobre o sentido social e comunitário da missão da Igreja.

João XXIII reacendeu o fio de esperança que ainda fumegava no coração dos pobres: “Em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta tal como é e quer ser: a Igreja de todos e, particularmente, a Igreja dos pobres”⁹³. Revela suas intuições teológicas de retorno à Tradição de Jesus e dos Apóstolos, à Igreja povo de Deus especialmente aos pobres.

⁸⁷ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 6.

⁸⁸ Ibidem, p. 24.

⁸⁹ Ibidem, p. 7.

⁹⁰ João XXIII, Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit., p. 28).

⁹¹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 10.

⁹² João XXIII, Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit., p. 28).

⁹³ GAUTHIER, Paul. *O Concílio e a “Igreja dos pobres”*. Consolai o meu povo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1967. p. 161-162.

Sabidamente, João XXIII⁹⁴ lembra à Igreja qual a força e o poder que a move e qual o paradigma de sua ação no mundo, enquanto “mestra e medianeira da salvação”. A referência do agir da Igreja é o agir de seu “divino Fundador”. Exercer a missão de ensinar e salvar vidas não passa por alianças com os grandes, nem pela riqueza ou concentração de poderes.

A Igreja encontrará no exercício da caridade, da oração, do sacrifício e sofrimentos, considerados por João XXIII os meios invencíveis utilizados por Jesus Cristo, o sentido e a fortaleza nas adversidades da missão. Abre-se a perspectiva de superação da Igreja Imperial, aliada dos poderes mundanos, e entra em sintonia com os anseios dos leigos em participar das decisões intraeclesiais.

Introduziu-se na *Lumen Gentium* (LG) a teologia do povo de Deus, que põe a confiança e força no Deus da Bíblia que faz aliança com o povo, encarna-se e renova a aliança em Jesus e a sustenta na graça do Espírito. A Igreja pela sua missão é chamada e enviada a se “pôr em contato o mundo moderno com as energias vivificadoras e perenes do Evangelho”⁹⁵. Desde a convocação à conclusão, o Vaticano II teve como centralidade a Palavra de Deus a iluminar as reflexões e decisões dos Padres Conciliares.

João XXIII, ao convocar o Concílio exorta a Igreja a contemplar a face do Crucificado-Ressuscitado. Significava retornar ao núcleo central da fé e razão de ser da Igreja: estar a serviço do Reino de Deus e, a exemplo do Mestre e Senhor, dar os sinais visíveis pelo testemunho na história. Testemunhar através dos gestos fundamentais de Jesus Cristo: humildade, serviço e misericórdia. Entrar num processo de *aggiornamento*, ou seja, renovar-se e dar um passo adiante.

1.3.1 Centralidade da Palavra e historicidade da Revelação: o Verbo se faz carne no povo de Deus!

Ao convocar o Concílio Vaticano II, o papa João XXIII convidou a Igreja a contemplar a face do Ressuscitado. Para realizar o intento pastoral do Concílio foi erguido o facho de luz da Palavra. Iluminaram-se as estruturas internas e tomou-se consciência das manchas e rugas deixadas pela história, as quais desfiguraram a face da Esposa de Cristo. Era preciso torná-la semelhante ao Redentor, que veio recuperar a imagem e semelhança da

⁹⁴ João XXIII, *Misterium Salutis*. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit., p. 9.

⁹⁵ Ibidem, p. 10.

humanidade com o Criador, maculada pelo pecado.

Procedeu assim o Papa João XXIII e os Padres conciliares na realização do Concílio Ecumênico Vaticano II. Consciente das gravíssimas questões mundiais, João XXIII reuniu os bispos de todos os continentes para, à luz dos tesouros espirituais da Igreja, passar de uma atitude condenatória à atitude fundamental do Bom Pastor Jesus: compaixão misericordiosa.

Deixar-se guiar pela Palavra de Deus, a exemplo de Moisés, que seguiu a coluna de fogo e guiou o Antigo Israel na transição pelo deserto. Assim agiu pela palavra profética o papa tido como de transição. As palavras de João XXIII tiveram efeito performativo, soaram como verdadeiro evangelho. Exortou a usar o remédio da misericórdia, não repetir condenações do passado, acolher os anseios da humanidade e abrir-se ao diálogo com a sociedade moderna.⁹⁶

Na abertura da segunda sessão do Concílio, o papa Paulo VI convocou a Igreja a contemplar no espelho do Evangelho a face de Cristo e deixar-se renovar. Renovada pelo evangelho, a Igreja poderá proclamar ao mundo: “Quem me vê, vê a Cristo”, da mesma maneira que Cristo havia dito de si mesmo “Quem me vê, vê ao Pai” (Jo 14,9).⁹⁷

Retornar aos evangelhos e contemplar a face de Cristo significou para a Igreja tomar consciência de sua dupla realidade, divina e humana, santa e pecadora. A Palavra de Deus é recolocada no centro da vida da Igreja. Palavra que penetra o mais profundo do ser humano, suas medulas e consciência, perscruta os pensamentos e intenções do coração, vai aos recônditos da alma (Cf. Hb 4,12-13).

Comblin indaga sobre a perda da força da palavra na Igreja. Por que as palavras não ressoam nos corações da sociedade atual e não representam mais uma boa notícia? Qual o motivo do indiferentismo diante da fala da Igreja? É como se a Palavra de Deus tivesse sido deixada pra trás, alijada no processo histórico de triunfos da Igreja. Ao distanciar-se da Palavra, acentuou-se mais a ilusão da aliança com poderes civis e as pompas, ofuscando a luz do Evangelho de Cristo e as exigências de conversão aos pobres.

A leitura da Palavra ficou restrita a uma elite religiosa pensante, assim como a sua interpretação, totalmente por conta do Magistério eclesiástico, enquanto o povo de Deus foi imobilizado em qualquer iniciativa. Tudo se esperava da instância hierárquica. Transmitiu-se pouco a Palavra do Deus, que se revela nos acontecimentos através da aliança e ação com os Patriarcas, Profetas e Apóstolos. A força da Palavra foi como que escamoteada. Onde ficou a

⁹⁶ COMBLIN, José. *A força da palavra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. p. 345-346.

⁹⁷ GAUTHIER, Paul. *O Concílio e a “Igreja dos pobres”*, op. cit., p. 61-62, Discurso de Paulo VI na abertura da segunda sessão.

força da Palavra que moveu as pessoas no passado?⁹⁸

O Concílio Vaticano propiciou o retorno à Bíblia, que iluminou o processo histórico e deu consciência dos erros e ilusões do passado, e da tomada de novas atitudes necessárias à ação evangelizadora para os tempos atuais.⁹⁹ Faz-se necessário abrir-se aos sinais dos tempos, perceber onde Deus revela-se hoje na história e entrar em sintonia com a realidade dos destinatários.¹⁰⁰

Para Comblin, “na aurora de uma nova época precisamos alimentar o nosso conhecimento do evangelho de Jesus. Sem uma volta radical ao evangelho, o cristianismo poderá subsistir como uma entre muitas outras religiões”¹⁰¹. Quem vem mostrar o caminho de Jesus escolhido pelo Pai é o Espírito Santo. No exemplo de Jesus, que reconheceu a ação de Deus nos pequeninos e exultou no Espírito, urge a docilidade da Igreja à vivência do Evangelho, que já emerge no meio do povo: “Quem tiver ouvidos que ouça o que o Espírito diz às Igrejas”. O que o Espírito diz e opera hoje nas comunidades cristãs?”

O Espírito suscita à ação. A teologia tradicional havia separado a revelação da missão. No Concílio toma-se consciência que a palavra está na evangelização. A Palavra de Deus não é pura transmissão de conhecimentos, “é compromisso de uma pessoa que se dirige a outra para comprometê-la também”¹⁰².

A partir do Concílio a Igreja católica na América Latina busca os sinais da Palavra de Deus na realidade. A palavra, antes de ser escrita, é acontecimento. Deus se dá a conhecer nos fatos do dia-a-dia e na palavra. O evento Jesus de Nazaré é a revelação: “O evangelho de Jesus não foi um discurso, mas a sua própria vida, e ele próprio. Para descobrir a revelação de Deus, a teologia há de estudar a história, perscrutar os acontecimentos”¹⁰³.

Muitos teólogos, que fizeram o retorno ao Deus da Bíblia, constataram que não se pode conhecer Deus através de atos intelectuais, mas pela ação na história. Deus é o princípio e fim da história, propõe seu projeto de vida à humanidade, que é o Reino. Caminhar na perspectiva do Reino de Deus é renovar a esperança de que o mundo pode ser melhor, “Deus revela-se na esperança ativa da ação transformadora da realidade”¹⁰⁴.

⁹⁸ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 9.

⁹⁹ Ibidem, p. 329-330.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 11-12.

¹⁰¹ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2012. p. 462.

¹⁰² COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 331.

¹⁰³ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 15-16.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 16.

João XXIII expressou o desejo de renovação da Igreja pelos “ventos do Espírito” e indicou o retorno urgente ao Evangelho. Foi apelo que brotou no Concílio. Reunidos os pastores católicos do mundo inteiro, na vivência de um novo Pentecostes, falou-lhes o Espírito ao mais íntimo dos corações (Cf. Hb 3,7ss). Confrontada com a Palavra, na escuta atenta e obediente, a Igreja foi lembrada pelo Espírito da sua missão evangelizadora.

Deparamo-nos no preâmbulo da constituição dogmática *Dei Verbum* com o cunho bíblico-pastoral do Concílio Vaticano II, ao associar a Revelação à missão evangelizadora da Igreja: “Este Concílio, ouvindo religiosamente e proclamando com desassombro a palavra de Deus, obedece ao dito de são João: “Nós vos anunciamos esta Vida eterna, que estava voltada para o Pai e que nos apareceu, que vimos e ouvimos” (DV 1).

A presença do primado da Palavra de Deus fez-se sob duas formas: a centralidade da Palavra na Igreja, sistematizada no texto da Constituição Dogmática *Dei Verbum* e, no aspecto místico-litúrgico, era a Palavra iluminadora das decisões sobre a missão em todos os documentos.

Foi bastante simbólica e motivadora a entronização da Palavra de Deus desde a primeira sessão conciliar. Colocada em destaque, iluminou os trabalhos dos Padres conciliares em todos os momentos, “exprimindo um novo momento de relação dos católicos com a Escritura”¹⁰⁵.

Comunicar o dom de Deus ao mundo, a graça da salvação na pessoa de Jesus Cristo, é a missão da Igreja. Esta transmissão objetiva segundo a carta de João, criar comunhão entre os seres humanos e a comunhão com Deus. Reafirma-se o caráter pastoral do Concílio Vaticano II no objetivo da *Dei Verbum*: “propor a genuína doutrina sobre a Revelação divina e a sua transmissão, para que, ouvindo o anúncio da salvação, o mundo inteiro creia, crendo espere, esperando ame” (DV 1).

A Revelação é iniciativa divina, que dá ao ser humano o dom da fé como resposta, porém, concede Deus à humanidade o dom da liberdade diante de sua proposta: “Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (Ef 1,9), mediante o qual a humanidade, por meio de Cristo, Verbo encarnado, tem acesso no Espírito ao Pai” (DV 2).

Desenvolve-se a compreensão do Deus que se revela no diálogo, que se comunica com o ser humano e convida-o a participar de sua comunhão. Inclui-se a categoria “economia da

¹⁰⁵ LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 88.

salvação”¹⁰⁶. Rompeu-se o esquema rígido de compreender a revelação como um conjunto de verdades e concebe-se que a revelação é um acontecimento. O evangelho, antes que um discurso é a própria vida de Jesus.¹⁰⁷

A revelação é comunicação do dom especial de Deus à humanidade: Jesus Cristo, Palavra encarnada na história, que dá acesso à comunhão trinitária. A salvação consiste em acolher a Palavra. Escutar a palavra que provém de Deus faz parte do núcleo do Credo do Antigo Israel “Ouve ó Israel!” e constitui também o apelo que Deus faz ao novo Israel: “Este é o meu Filho, o Eleito. Escutai-o!” (Lc 9,35).

Ouvir e acolher a Palavra de Deus feito carne vinda ao mundo possibilita ao ser humano tornar-se filho de Deus e partícipe de sua grei, o povo de Deus (Jo 1,12-13). Jesus de Nazaré, plenamente humano e plenamente divino, é a chave de compreensão e acesso a Deus, do sentido da existência humana e da história, “Vede! Ele vem com as nuvens, e todo olho o verá – como também, aqueles que o traspassaram [...] Eu sou o Alfa e o Ômega”, diz o Senhor Deus, “aquele que é, que era e que vem, o Todo-poderoso” (Ap 1,7-8). Em Jesus Cristo e seu Mistério Pascal, a existência humana e a história ganham sentido, Ele é o próprio eschaton.

Apresenta a Constituição *Dei Verbum* uma leitura teológica da história e supera a separação sustentada por muitos séculos na Igreja de que havia duas histórias, uma Sagrada onde Deus agia, e a história profana lugar de atuação humana. A entrada do Verbo de Deus na história, através do Espírito e do consentimento humano em Maria, sua *kenósis* e práxis histórica fundada no amor e na misericórdia, ganham plenitude na doação total até à glorificação na Cruz e ressurreição.

Com o mistério pascal de Jesus Cristo rasgou-se o véu do tempo e a história é permeada por completo do sagrado, já não existem duas histórias. Jesus é o Deus conosco que assume as contradições humanas em si e une definitivamente o humano ao divino.

Presentes, o Verbo e o Espírito, desde a criação do universo (Gn 1,1-2.26; Jo 1,3), Deus revela plenamente no Filho o seu projeto (Hb 1,1; Jo 1, 14-18; 3,34; 5,36; 14,9) e convida a pessoa humana, numa relação amorosa, dialogal, a aderir ao seu plano salvífico.

Responder à proposta feita por Deus através da Palavra viva encarnada e atuante na comunidade e na história é ação do Espírito Santo no coração humano. Resposta e adesão a que se dá o nome de fé, dom do Espírito que respeita a liberdade humana. Acaba-se o grande jejum do acesso à Palavra na vida do povo de Deus. O Concílio recoloca a Palavra reveladora

¹⁰⁶ LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 90.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 90-91.

no centro da vida da Igreja.¹⁰⁸

Vivenciar o tempo do Concílio Vaticano II, como uma volta às origens, foi a experiência dos Padres conciliares. Obedientes ao convite outrora feito ao Antigo Israel: “Ouve ó Israel”, o novo Israel, Igreja de Cristo, desejou ouvir a voz do Senhor e recolocou a Palavra no centro, como o grande facho de luz que alumia a assembleia que repensava a si mesma e os rumos da missão.

Foi ação maravilhosa do Espírito que desejava realizar coisas novas em sua obra. Sob o teto da esplendorosa Basílica de São Pedro, os sucessores dos Apóstolos foram convidados, por aquele que a Igreja tem como o sucessor do pescador da Galiléia, a escutar, estudar e rezar a Palavra e ouvir o que “O Espírito diz às Igrejas”.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, ao reunir bispos do mundo inteiro, sob a condução do Espírito Santo, realiza a comunhão eclesial e tem o significado de um novo Pentecostes. Congregados em torno da Palavra e ouvindo depoimentos do mundo todo, os Padres Conciliares foram tocados pelas mais diversas realidades: dramas de guerra, miséria, perseguições, martírios.

A força do testemunho da fé e perseverança reacendeu a chama do seguimento e da missão de anunciar Crucificado-Ressuscitado ao mundo. Foram acolhidos no coração da Igreja os anseios do povo de Deus que, há séculos, espera o reconhecimento da igual dignidade na participação do tríplice múnus de Jesus Cristo. Renasce a teologia do povo de Deus.

Escuta da Palavra e escuta do povo de Deus. No exemplo de Pedro e João que, fortalecidos no Espírito do Crucificado-Ressuscitado, iam ao Templo para a oração e, no caminho, foram tocados pelos clamores do pobre. Pedro dá sua resposta: “Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou” (At 3,6). Proibidos de falar no nome de Jesus, Pedro e João testemunham com firmeza a fé construída sobre a “pedra que foi rejeitada pelos homens e tornou-se a pedra angular: Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus, que obedeçamos antes a vós do que a Deus!” (At 4,19).

Uma Igreja que tem seu tesouro e confiança no Crucificado-Ressuscitado, sem alianças com poderes terrenos ou presa a privilégios e riquezas, age com liberdade movida pelo Espírito da compaixão solidária aos sofredores, na realização do plano do Pai.

A retomada do Primado da Palavra na Igreja reanimou a consciência da missão de transmitir a mensagem do Evangelho ao mundo e uma necessária “Volta ao primeiro amor!” (Ap 2,4-5). Voltar à Tradição Bíblica significa também mergulhar nas origens da Revelação

¹⁰⁸ LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 91.

da fé cristã e reencontrar-se historicamente com a experiência da fé abraâmica, com o Deus da promessa e o povo querido e eleito por Ele (DV 14).

No Vaticano II a voz do cardeal Lercaro levantou-se sobre a necessidade de uma Igreja dos pobres. A Igreja foi conclamada, a partir do Evangelho de Cristo, a dar as suas respostas aos grandes anseios do povo de Deus, dos pobres no mundo do trabalho, dos feridos pela violência nas grandes guerras, aos que perderam o sentido da existência e a esperança. No retorno ao Primado da Palavra, reencontrou-se o Deus do povo e o povo de Deus. A concretização dos apelos do Espírito através de João XXIII e alguns cardeais, dar-se-á em Medellin e Puebla.¹⁰⁹

Redescobriu-se na América Latina, com a releitura da Bíblia a partir da ótica dos pobres e marginalizados, que o Reino de Deus já está se fazendo presente na vida comunitária, nos gestos de solidariedade e defesa da vida. Cresceu a consciência de que os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho. Através das janelas da Bíblia, os pobres enxergaram novos horizontes de esperança e a vocação a que são chamados.¹¹⁰

Encontraram Jesus nos evangelhos e nos pobres. Os pobres se reconheceram nos evangelhos. A pedagogia de Deus, através de Jesus na sua *Kenosis* e encarnação no meio os pobres, iluminou a caminhada do povo de Deus. O reencontro com a humanidade de Jesus, sua práxis solidária com os desvalidos e confronto com os poderosos, e o desfecho final da condenação e morte na cruz, possibilitou a identificação com os que se confrontavam com os poderes opressores na defesa da dignidade humana. A agonia e o grito de Jesus na cruz ecoaram na agonia e no grito de milhões de crucificados na América Latina. Percebeu-se a solidariedade de Deus com todos os sofredores do mundo.¹¹¹

É o grito de milhões que chega ao coração do Episcopado latino-americano reunido na Conferência em Medellin no ano de 1968. Voltar à Bíblia e à realidade fez perceber que dentro do programa da missão de Jesus, constava ir às ovelhas perdidas da casa de Israel. Jesus procurou as que estavam rejeitadas pelos falsos pastores e se apresentou como o Bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas (Cf. Mt 9, 35-36; 11,28-30; Jo 10). O anúncio dirige-se prioritariamente aos pobres, se aproxima deles com a mensagem de libertação.

Os pobres são eleitos por Deus não por serem os melhores, mas exatamente por necessitarem de ser amados, acolhidos e compreendidos. A opção pelos pobres não é porque eles são bons e os ricos são maus, eles são herdeiros do Reino de Deus, “maus e bons” (Mt

¹⁰⁹ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 17-18.

¹¹⁰ Ibidem, p. 19-20.

¹¹¹ Ibidem, p. 25-30.

22,10).¹¹²

1.3.2 O Mistério do povo querido por Deus na história como “Luz dos povos”!

Eu o Senhor, te chamei para a justiça e te tomei pela mão. Eu te formei e te encarreguei de seres a aliança do meu povo e a luz das nações, para abrires os olhos aos cegos, tirares do cárcere os prisioneiros, da masmorra os que estão em prisão escura. (Is 42,6-7).

Emerge no Concílio Vaticano II, do silêncio secular, a teologia do povo de Deus. Ressurge o povo da Aliança e a consequente missão recebida: nação santa, povo sacerdotal e régio (1Pd 2,1-10). Mergulhar na Palavra e na Tradição significaram para a Igreja redescobrir os tesouros, as joias espirituais e as roupas com que a Esposa de Cristo deveria estar ornada e revestida para agradá-lo: humildade, serviço, compaixão. Mergulhar de novo no Mistério Pascal, e lavar-se das manchas do autoritarismo, da arrogância e acúmulo de riquezas, significou redescobrir-se servidora e pobre.

Comblin afirma que “O ‘povo de Deus’ é o conceito que mais expressa o ‘espírito’ do Vaticano II. Se quiséssemos numa palavra exprimir o que trouxe o Vaticano II para a Igreja, precisaríamos dizer: lembrou à Igreja que ela é o povo de Deus”¹¹³.

Lembra-nos a contribuição dos teólogos para a reviravolta que foi dada na organização proposta da Constituição sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, e as leituras que dela se faziam.¹¹⁴ A presença de teólogos, outrora silenciados pela Cúria Romana, convidados por João XXIII a contribuir no Concílio, foi bastante valiosa.

Comblin salienta a atualidade do artigo de Yves Congar sobre a Igreja como povo de Deus e diz que “ainda pode ser um programa de restauração da teologia do povo de Deus, depois dessa fase de recessão que ainda vivemos”¹¹⁵.

A novidade do esquema final da *Lumen Gentium* é que apresenta a Igreja como Mistério querido por Deus, encarnado historicamente no povo de Deus, dentro dos outros povos, e a instituição hierárquica como serviço. Significou, segundo Congar, retornar e valorizar o caminho que Jesus fez: reunir e instruir os discípulos, escolher os doze e confiar-

¹¹² COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 36-43.

¹¹³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 9 (citação feita na nota de rodapé nº 1 deste trabalho).

¹¹⁴ Ibidem, p. 17. No final do Concílio, um grupo de teólogos fundou uma revista internacional que recebe o nome “Concilium”. O primeiro artigo, do primeiro fascículo, de 1965, tinha por título *L’Église comme peuple de Dieu*, tendo como autor Y. Congar, o teólogo que mais lutara para que o esquema da *Lumen Gentium* tivesse a configuração que recebera no final.

¹¹⁵ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 18-19.

lhes o serviço: “É no interior de um povo caracterizado pelo serviço como sua forma própria de existência, que certos membros são colocados em posição de comando, que é apenas um posto de responsabilidade e serviço”¹¹⁶.

O Concílio Vaticano II optou pela ênfase na Igreja Mistério no primeiro capítulo, em seguida a concretização histórica como Povo de Deus, só depois o capítulo sobre a Hierarquia. Houve uma guinada na perspectiva eclesiológica, que até então se propunha baseada na concepção hierarcológica da *Societas Perfectae*. Até ali se acentuava a sequência: Mistério da Igreja, Hierarquia, povo de Deus em geral.

Comblin destaca a importância da introdução do termo “Povo de Deus”¹¹⁷ no segundo capítulo da Constituição *Lumen Gentium*, nela é expressa com clarividência a realidade da Igreja mistério querido por Deus, realizado plenamente na Nova Aliança em Jesus Cristo. Evoluiu-se para a concepção do sacerdócio comum dos fiéis pelo Batismo e afirmou-se a participação no tríplice múnus de Cristo:

Cristo estabeleceu este novo pacto, isto é, a nova aliança do seu sangue (1Cor 11,25), formando dos judeus e dos gentios, um povo que realizasse a sua própria unidade, não segundo a carne mas no Espírito, e constituísse o novo povo de Deus. Os que creem em Cristo, renascidos de uma semente não corruptível mas incorruptível pela palavra do Deus vivo (1Pd 1,23), não da carne, mas da água e do Espírito Santo (Jo 3,5-6), constituem ‘uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de Deus de sua particular propriedade [...]’ que outrora não o era, mas agora é o povo de Deus. (1Pd 2,9-10). (LG 9).

Comblin apresenta o percurso histórico da teologia do povo de Deus e de que maneira o Concílio evidenciou o Mistério do povo de Deus e a repercussão na missão: “Agora a missão às nações do mundo aparece como o movimento histórico que define o modo de ser da Igreja. O novo povo de Deus entra no mundo como missionário – existe em forma de missão. Essa é a escatologia em via de realização no tempo”¹¹⁸.

Redescobriu-se no vaticano II o caráter messiânico e escatológico da Igreja, na perspectiva histórica da Revelação.¹¹⁹ O Concílio concebeu a Igreja, sob a lógica da *kenosis* e da Encarnação assumidas por Jesus Cristo, ela efetiva-se historicamente como mistério divino e humano. É sacramento de Cristo e do Reino do Pai, daí o caráter messiânico ao assumir o tríplice múnus na história.

Foi intuição do Papa João XXIII imprimir um tom pastoral ao Concílio Vaticano II

¹¹⁶ CONGAR, Yves. L'Eglise comme peuple de Dieu. *Concilium*, Paris, t. I, f. 1, p. 15-32, 1965. p. 16.

¹¹⁷ Ibidem, p. 18.

¹¹⁸ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 30-31.

¹¹⁹ CONGAR, Yves. L'Eglise comme peuple de Dieu. *Concilium*, p. 19.

quando se referiu aos desafios do mundo moderno, em vez das condenações do passado há o convite à misericórdia. A Igreja para exercer sua missão na história deve olhar para o bom pastor e suas atitudes fundamentais: serviço, misericórdia, compaixão solidária.

A *Lumen Gentium* apresenta a Igreja como Mistério ou realidade divina na relação com a Trindade e o Reino. Enquanto instituição de caráter divino é, ao mesmo tempo, humana, situada historicamente (LG 8): “Há forte analogia na relação entre a divindade e a humanidade em Jesus Cristo e a relação entre mistério e realidade visível, histórica da Igreja”¹²⁰. É povo peregrino. Mergulhado pelo batismo na pessoa do Pai, do Filho e do Espírito, faz-se presente e atuante nas realidades do mundo, em comunhão com as dores, esperanças e alegrias da humanidade.¹²¹

Dá-se no Vaticano II o passo para superar uma visão “espiritualizada e desumanizada da Igreja”¹²². Movido pela fé, esperança e caridade o povo de Deus busca o Reino prometido, vivenciando sua dimensão escatológica. Nisto consiste a missão entre os povos da terra de testemunhar pela vivência os valores do Reino e apontar para a sua plenitude.

Segundo Comblin, no Novo Testamento, o povo de Deus não está separado dos outros povos. Vive no meio deles, participando da sua vida. Não se instala por costume ou leis que o distinga dos outros habitantes da terra. Não se distingue pela distância ou pela diferença. Distingue-se por nova relação que é a missão.¹²³

Diferentemente do Antigo Israel, que se coloca no meio dos outros povos numa perspectiva exclusivista da eleição e salvação, o Novo Israel, a Igreja, solícito aos apelos do Espírito e atento aos Sinais dos tempos, apresenta-se aberto ao diálogo e disponível ao serviço da humanidade. É como se a missão do povo de Deus, antigo e novo Israel, fosse reduzida ao aspecto cultural litúrgico e as realidades da humanidade em que estava inserido não lhe dissessem respeito.

Perdia-se a concepção do Mistério divino e humano da igreja, identificando-a apenas como realidade divina, embora agisse e se estruturasse, à imagem das instituições humanas. Toda a humanidade é chamada a pertencer ao novo povo de Deus, para promoção da paz universal, e tem por fundamento a Trindade (LG 13). Ao celebrar a liturgia, a Igreja vivencia uma relação de proximidade amorosa com seu Esposo, enquanto comunidade de fiéis que está a caminho do Reino definitivo, que ela testemunha nas trilhas da história. Comblin comenta:

¹²⁰ Ibidem, p. 22.

¹²¹ Constituição *Gaudium et Spes*, 1. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit., p. 539.

¹²² Ibidem, p. 25.

¹²³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 30.

Se a Igreja é povo de Deus, isso quer dizer que o seu ministério de comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo se vive e se realiza numa condição de povo... O mistério da Igreja não se vive num mundo paralelo ao mundo dos povos terrestres, num mundo espiritualizado, supraterebre, num mundo de almas, num mundo puramente religioso. A religião é parte de um povo, mas não é o povo. Se a Igreja é povo, isso quer dizer que ela não se limita à dimensão religiosa da vida, mas penetra toda a diversidade do ser humano.¹²⁴

A *Lumen Gentium* exorta que o múnus profético do povo de Deus dá-se através de um testemunho vivo de Cristo no meio dos povos e culturas “Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o povo de Deus e o orna de virtudes, mas repartindo seus dons ‘a cada um como lhe apraz’ (1Cor 12,11)” (LG 12).

Vivenciar o tríplice múnus de Cristo na história é missão do povo de Deus. Prestar o grande culto ao Deus da vida, dentro de estruturas sociais, muitas vezes hostis e negadoras do projeto do Pai, é tão desafiador como foi pra Jesus. A lógica do amor e doação assumida por Ele, e recebida pelos cristãos nos sacramentos, vai de encontro à lógica do mundo que é de dominar, levar vantagem em tudo. A lógica da Encarnação do Verbo de Deus na história não entra em choque com sua divindade. Assim, é convite aos seguidores de Jesus a enfrentar os desafios da missão. Diz- nos Comblin:

Deus faz a Igreja mas por intermédio de criaturas humanas livres – assim como Jesus funda a Igreja pela sua humanidade e não puramente por decreto de sua divindade. Funda-a por uma série de atos humanos plenamente humanos, e não há conflito entre a divindade de Jesus e sua humanidade. O cristão é membro do povo de Deus em todas as atividades humanas dentro da cultura de um povo particular. Ser membro do povo de Deus não é separar-se dos outros para praticar atos separados, como atos religiosos.¹²⁵

Compreender-se Sacramento do Reino de Deus na terra e, ao mesmo tempo, colocar-se como povo de Deus em busca do Reino que ainda não é pleno, coloca a Igreja em sintonia com a perspectiva escatológica do Antigo Israel em busca da Terra prometida. Igreja é povo a caminho. Transparece essa linha de continuidade entre o Antigo e o Novo Israel, Igreja de Cristo, no qual a Aliança com o Pai foi realizada definitivamente na práxis de Jesus Cristo sob a condução do Espírito e a colaboração dos apóstolos (Gl 3,29).

Para Comblin, a retomada da temática do povo de Deus pelo Concílio Vaticano significou, de fato, um retorno à Bíblia, como havia se proposto, já que esta questão tem centralidade básica. Explicita a continuidade entre o povo da antiga aliança e o novo povo de

¹²⁴ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 135.

¹²⁵ Ibidem, p. 134-135.

Deus, a Igreja, enquanto povo eleito por Deus para ser sinal através da aliança no mundo.¹²⁶

Cresceu a partir do Concílio a consciência de que, a vocação do povo de Deus, em meio a um mundo utilitarista e egoísta, é manifestar o grande sinal do amor que se traduz em serviço gratuito ao próximo. Nisto o povo de Deus se distingue dos outros povos: a missão como serviço. É, para Comblin, a grande novidade em relação ao antigo Israel.¹²⁷ É o sinal profético diante das nações cujos chefes “as tiranizam e dominam, mas entre vós não deve ser assim. Quem quiser ser o maior, se faça o servidor de todos” (Mt 20,25-28; Mc 9,33-37; Jo 13,1-17; Lc 17,7-10).

Os cristãos eram convidados a abandonar os instintos egoístas, não abandonar a história: “[...] disponham-se ao serviço uns dos outros através do amor. Pois toda a Lei encontra a sua plenitude num só mandamento: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’” (Gl 5, 13-14). A Igreja é novamente exortada pelo Concílio, a crescer no exercício da justiça e da caridade para a vida do mundo (Gal 6,1-3), no diálogo e no serviço solidário ao próximo, é o que irá tratar a *Gaudium et Spes* (GS).

1.3.3 No coração da Igreja palpita “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias da humanidade”

No sábado ele começou a ensinar na sinagoga, e muitos dos que o ouviam se admiravam. ‘De onde lhe vem isso?’, diziam. ‘Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E esses milagres realizados por suas mãos? Não é ele o carpinteiro?’ (Mc 6, 1-3a).

A Igreja, obra querida por Deus, tem como referencial primeiro a pessoa e a práxis de Jesus, que convida e envia seus seguidores a promover a paz, a serem sal da terra, luz do mundo (cf. Mt 5,9-16). O papa João XXIII, sob a lógica da Encarnação, reafirmou a presença e a atuação do Verbo de Deus na história e, pelo Espírito Santo, impulsiona hoje a Igreja a abandonar a visão pessimista frente aos avanços da sociedade moderna: “Almas sem confiança veem apenas trevas acinzentando a face da terra. Nós preferimos reafirmar toda a confiança em nosso Salvador, que não se afastou do mundo”¹²⁸.

Durante séculos, sobretudo no século XIX, os papas multiplicaram sem cessar as profecias de desgraça, condenaram toda a evolução do mundo e da sociedade ao detectar na

¹²⁶ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 28-29.

¹²⁷ Ibidem, p. 30-31.

¹²⁸ João XXIII, *Humanae Salutis*. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit., p. 10.

modernidade apenas erros, pecados e loucuras. João XXIII pretende partir de visão otimista, olhar prioritariamente as novas oportunidades oferecidas pela sociedade contemporânea e pela evolução do mundo. Em segundo lugar, o papa proclama que “agora a esposa de Cristo prefere fazer uso do remédio da misericórdia mais do que da severidade”¹²⁹.

Comblin lembra¹³⁰ que o Concílio, ao introduzir o conceito moderno de tempo e história na teologia, restaurou a perspectiva escatológica do povo de Deus. A Igreja está inscrita numa história da salvação da humanidade. “A própria Igreja não ignora quanto tenha recebido da história e da evolução da humanidade” (GS 44a).

Há um intercâmbio entre a Igreja povo de Deus e os outros povos, no dinamismo da solidariedade a Igreja fermenta e transforma a história e a torna mais humana pelo Evangelho de Cristo (GS 40b). Vislumbra-se o caráter escatológico do povo de Deus nesta “compenetração entre a cidade terrestre e celeste” (GS 40c).

Comblin fala do aspecto escatológico como característica identitária do povo judeu, e legado primordial ao cristianismo, pois carrega em si o fermento da esperança de povo peregrino que nunca se instala neste mundo.¹³¹ É o Reino de Deus que chega e emerge na pessoa e prática de Jesus de Nazaré, o próprio *eschaton*, principio e fim de tudo. O Reino do Pai é o paradigma da ação de Jesus e, por isso, a Igreja torna-se Sacramento do Reino no mundo.

Distanciar-se da veia bíblico-profética acarreta para a Igreja o risco de cair na visão maniqueísta de satanização da realidade “*ad extra*”. Infelizmente, foi o caminho escolhido pela hierarquia durante séculos. Congar diz que uma das maiores recuperações da teologia católica contemporânea foi a do sentido escatológico, que supõe um sentido da História e do desígnio de Deus que leva tudo a uma consumação.¹³² Há uma meta para o povo de Deus realizar na história e para além da história.

O Concílio cria as bases para a *Gaudium et Spes* e a *Ad Gentes* com a eclesiologia do povo de Deus. A abertura da Igreja ao intercâmbio com os outros povos e culturas, e com todos os avanços da sociedade moderna não teria sido da mesma forma¹³³ sem compreender-se povo de Deus. Abrir-se ao diálogo com as pessoas de boa vontade, crentes e não crentes, para realizar a missão nas diversas realidades do mundo, é grande desafio que se impõe à Igreja

¹²⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 6-7.

¹³⁰ Ibidem, p. 32-33.

¹³¹ COMBLIN, José. *Epístola aos Efésios: comentário bíblico/NT*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. p. 23.

¹³² CONGAR, Yves. *L'Eglise comme peuple de Dieu. Concilium*, p. 21.

¹³³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 33.

(GS 44b).

A convergência do ponto de diálogo é Jesus, palavra de Deus feito pessoa humana. Os Padres Conciliares retornam aos evangelhos e reencontram a pessoa do Deus que se fez humano para que o humano se aproximasse dele. Compreendeu-se que é possível dialogar com cristãos, não cristãos e não crentes a partir das aspirações da humanidade à felicidade e respeito à dignidade humana. Chegava-se a um dos objetivos de João XXIII que se preocupou em anunciar o evangelho para os tempos modernos.

Coloca-se assim o desafio do testemunho de diálogo entre os cristãos. Diz-nos Comblin: “O conceito de povo de Deus abre uma porta – sinalizando que há várias maneiras de pertencer a um povo. Foi por aí que o Concílio entrou. Toda a discussão concentrou-se em torno da famosa fórmula *subsistit in* (“ela subsiste em”)¹³⁴. O Concílio com a fórmula *subsistit in*, diz que o povo de Deus “está *presente* na Igreja católica, e não exclui que possa subsistir de alguma maneira em outras comunidades cristãs, ou, eventualmente em outras religiões” (LG 8b, 13d).¹³⁵

O povo de Deus traz em seu seio a chama da esperança, a perspectiva da Terra prometida, o Reino de Deus como horizonte de esperança. A Igreja de Cristo através da perspectiva escatológica assume o caráter dinâmico da história e, na esperança cristã, anima a humanidade a comprometer-se com a construção de um mundo melhor. Há um sentido para a existência humana, um projeto a se cumprir. O Projeto de Deus não se opõe aos anseios da humanidade, antes, vem ao encontro do ser humano e se solidariza com ele.

Foi uma profunda e grande espera dos pobres nos subterrâneos, o verdadeiro povo de Deus que emergiu das catacumbas da história e mostrou o rosto no cenário latino-americano. Segundo Gauthier, espera existencial dos que conheciam o coração de Jesus de Nazaré e sabiam que tinham lugar especial em seu projeto, mas há séculos foram relegados às sombras da instituição que deveria ser a sua casa primeira.¹³⁶

Na carpintaria de Nazaré fez-se atuante o Verbo de Deus que trabalhou na obra da Criação com o Pai (Jo 1,1-3), agora Encarnado na história, vem para dentro de uma família trabalhadora. Assumiu plenamente a humanidade e a dignidade do trabalho com as próprias mãos (GS 22). A centralidade da Palavra no Concílio realizou o reencontro com o Deus do trabalho, Jesus de Nazaré, trabalhador do Reino do Pai: “Meu Pai trabalha sempre, por isso, eu também trabalho!” (Jo 5,17).

¹³⁴ Ibidem, p. 34.

¹³⁵ Ibidem, p. 35.

¹³⁶ GAUTHIER, Paul. *O Concílio e a “Igreja dos pobres”*, op. cit., p. 164.

A esperança dos trabalhadores do mundo inteiro, explorados pela revolução industrial, foi reanimada com as palavras do Papa João XXIII, em seu discurso, em 11 de setembro de 1962: “A Igreja deve mostrar-se ao mundo o que ela é e deseja ser, Igreja de todos em especial Igreja dos pobres”. De que maneira o Concílio poderia acolher o sopro do Espírito na voz de Ângelo Roncalli? Há séculos o mundo dos pobres, mundo do trabalho, ansiava por uma palavra da Igreja em seu favor:

De Nazaré onde Jesus viveu e trabalhou, operários e operárias, muitos dos quais consagrados a Cristo na vida apostólica dos ‘Companheiros do Carpinteiro’, nos dirigiram uma pergunta, a nós, padres do Concílio, em nome de seus irmãos trabalhadores e pobres do mundo inteiro. Sentindo uma cisão entre a Igreja em sua situação social e o mundo dos trabalhadores, que formam a imensa massa da humanidade, eles nos disseram de seu sofrimento e colocaram em nós sua esperança.¹³⁷

Quebra-se um tabu secular ao falar do povo de Deus e de uma Igreja dos pobres. Bispos do mundo inteiro, ao compartilharem suas realidades, fizeram emergir o problema da riqueza e da pobreza, dos milhões de Lázarus e pouquíssimos Epulões. A Igreja abre-se ao diálogo com o mundo do trabalho e aos sinais dos tempos, expresso a *Gaudium et Spes*, 1 revela nova compreensão da relação Igreja e realidade.

A Igreja acolhe e interpreta as aspirações e clamores dos sofredores e pobres como sinais do Espírito, que revelam a orientação do plano divino operante no amor redentor de Cristo. Apresenta o critério para a ação dos cristãos na sociedade:

O Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, fazendo-se homem e vivendo na terra dos homens, entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a. Ele revela-nos que ‘Deus é amor’ (1Jo 4,8) e ensina-nos ao mesmo tempo que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor.¹³⁸

Para Comblin, a teologia do povo de Deus também fundamentou a promoção dos leigos e revelou a intenção do Concílio de superação do clericalismo. Os leigos tinham liberdade de ação nas realidades sociais e lá representavam a Igreja: “O Concílio quis reconhecer a chegada dos leigos à idade adulta. Queria que os leigos sentissem que sua importância na Igreja era finalmente reconhecida [...]. Os leigos são o povo de Deus e tudo o que se refere a eles vem da participação no povo de Deus”¹³⁹.

¹³⁷ GAUTHIER, Paul. *O Concílio e a “Igreja dos pobres”*, op. cit., p. 5.

¹³⁸ *Gaudium et Spes*, n. 38. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit., p. 581.

¹³⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 40.

Reabilitou-se a missão dos leigos com base na universalidade dos carismas e dons do Espírito (1Cor 12,11; LG 12b). O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvífica da Igreja (LG 33a), “O Vaticano II põe fim a 150 anos de predomínio da distinção entre *ecclesia discens e ecclesia docens*. Os leigos são reconhecidos como membros ativos [...]. Há quem ache que a promoção dos leigos é o elemento principal do conceito de povo de Deus”¹⁴⁰.

1.4 Conclusão do capítulo 1

Percorremos no capítulo segundo a trajetória do povo de Deus na Igreja e na sociedade. Apresentamos a centralidade da práxis de Jesus, o Reino do Pai destinado aos pobres e a continuidade da tradição de Jesus nos três primeiros séculos. Aos poucos, no contato com o helenismo e o Império romano, pós-século IV, deu-se um afastamento da tradição jesuânica e outro espírito passou a orientar a compreensão de Igreja no mundo.

Na cristandade o povo de Deus pouco contava. Grande ênfase foi dada ao poder hierárquico e a Igreja compreendeu-se como a própria concretização do Reino, não admitia questionamentos da parte do povo de Deus. Os pobres não foram abandonados totalmente, mas não eram acolhidos na dignidade de partícipes do tríplice múnus de Cristo, eram tratados como objeto da caridade assistencialista. A aliança era feita com os reis e nobres, a ponto de alguns momentos confundirem-se os poderes.

Emergirá na Europa, entre os séculos XII e XIV, movimentos leigos que retomam a Tradição de Jesus da predileção pelos pobres, vida simples, despojada de poder e riquezas. São os begardos e beguinas, os mendicantes e a *Devotio* moderna. Salientamos, especificamente, a atuação das beguinas no meio dos pobres das cidades e o apostolado delas na formação do povo de Deus, que não tinha acesso ao latim e grego e à Bíblia. Os mendicantes franciscanos e dominicanos recuperam profeticamente, com a própria vida, as ações de Jesus.

Com a reforma protestante, no século XVI reacendeu-se a esperança dos pobres, porém, as lideranças do movimento farão alianças com os reis e a burguesia para protegerem-se e enfrentar a Igreja católica e a nobreza. Mais uma vez os pobres foram deixados de lado. No século XIX o povo ressuscita com o movimento operário nas lutas pelos direitos trabalhistas, sociais e políticos. A Igreja não conseguiu abrir-se ao diálogo e aliar-se às lutas

¹⁴⁰ Ibidem, p. 49-50.

populares.

Emergem movimentos que certamente contribuíram para o advento das mudanças que ocorrerão no século XX: litúrgico, ecumênico, patrístico e bíblico. A longa espera do povo de Deus terá resposta com o Papa João XXIII que, aberto à ação do Espírito na história, convoca o Concílio Vaticano II, e leva a Igreja ao confronto com a Palavra. Daí o retorno à teologia do povo de Deus no encontro com Jesus nos evangelhos.

Após séculos de condenações à modernidade e às denominações cristãs da reforma, o papa João XXIII desafiou a Igreja católica a manifestar o rosto misericordioso de Mãe e Mestre e olhar de maneira otimista para os avanços da sociedade. Manifestou o desejo de uma Igreja servidora, dialógica e acolhedora, sobretudo dos anseios dos pobres, expressou claramente o que sonhava: uma Igreja dos pobres.

Destacamos três elementos importantes para que a Igreja povo de Deus se concretizasse, anos depois na Igreja dos pobres latino-americana: a centralidade da Palavra e a dimensão histórica da revelação na *Dei Verbum*; a teologia do povo de Deus com a recuperação do sacerdócio comum dos fiéis e a participação no tríplice múnus de Cristo na *Lumen Gentium*; e o diálogo com a sociedade e o acolhimento das angústias e sofrimentos da humanidade, no compromisso da construção de uma sociedade justa na *Gaudium et Spes*.

No terceiro capítulo refletiremos sobre a encarnação do povo de Deus na Igreja dos pobres e, na perspectiva de Comblin, o que possibilitou a emergência do mais antigo jeito de ser Igreja: pobre, servidora, solidária e participativa. Somos presenteados por Comblin com a exposição da Missão Ibiapina, ocorrida no século XIX no Nordeste, verdadeira experiência de Igreja povo de Deus, povo dos pobres.

CAPÍTULO 2: AMÉRICA LATINA: POVO DE DEUS SE ENCARNA NA IGREJA DOS POBRES

Acompanhamos no capítulo 1 o itinerário do povo de Deus na história e, de que forma o Espírito de Deus suscitou mulheres e homens que lembraram à Igreja a missão a ela confiada por Jesus Cristo. Refletiremos neste capítulo 2 sobre a concretização histórica do povo de Deus da América Latina na experiência da Igreja dos pobres e, a maneira pela qual o Magistério latino-americano orientou e respaldou o protagonismo dos preferidos de Deus no continente da esperança. Abordaremos o emergir dos pobres no cenário eclesial e social a partir do tríplice múnus de Jesus Cristo sacerdotal, profético e pastoral.

Serão apresentadas no coração deste capítulo, algumas considerações centrais de José Comblin sobre o povo de Deus. Teólogo de grande envergadura intelectual e, de larga experiência pastoral em vários países latino-americanos, e radicou-se na América Latina por 53 anos. Percorreu o Brasil inteiro no serviço à Igreja dos pobres e, identificou-se profundamente com o povo do semiárido nordestino nas experiências eclesiais, nas lutas sociais de convivência com o bioma caatinga.

Comblin desenvolveu grande admiração por algumas figuras missionárias do Nordeste, que, em sua época, inovaram na evangelização pelo compromisso e solidariedade com os pobres e que com eles se articularam. Analisaremos a experiência da Igreja povo de Deus, povo dos pobres na Missão do Padre Antonio Ibiapina e do Padre Cícero Romão Batista. Apresentaremos no terceiro item deste capítulo, à luz do pensamento de Comblin, elementos da práxis pastoral do Padre Ibiapina que tenham favorecido a vida digna dos pobres e o seu protagonismo de povo de Deus na Igreja e na sociedade.

2.1 Os crucificados em movimentos de ressurreição na América Latina

O Concílio Vaticano II abriu os espaços para a emergência da Igreja dos pobres, ao retomar a Teologia do povo de Deus, mas não conseguiu ir até às últimas consequências da reflexão, em identificar o povo de Deus primordialmente com os pobres. Comblin diz que somente uma minoria no Concílio entendeu a intenção de João XXIII em formular uma eclesiologia da Igreja dos pobres “Foi somente na América Latina que a teologia do povo de Deus chegou à sua expressão mais ampla”¹⁴¹.

¹⁴¹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 87.

Na Europa, o problema central era a relação hierarquia-laicato. Focalizava-se mais o movimento que levava os leigos a pedir maior reconhecimento do seu valor na Igreja.¹⁴² Ao superar a eclesiologia da Igreja Imperial ou Sociedade Perfeita, o Concílio foi ao encontro das aspirações dos leigos, ao reconhecer a igual dignidade dos cristãos pelo batismo no sacerdócio comum dos fiéis.

Reconhecer a dignidade do sacerdócio comum foi passo importante. Na América Latina, os leigos aspiravam a igual dignidade humana numa sociedade onde a injustiça estava institucionalizada. As mudanças eram mais exigentes e profundas em termos sociais e eclesiais: “o problema central era o antagonismo entre Igreja povo e Igreja das elites – Igreja de libertação e Igreja de dominação [...]. O problema era o enfrentamento com a pobreza – que os ricos não queriam enxergar”¹⁴³.

Comblin fala de razões sociais e “razão de pessoas” que possibilitaram a identificação do povo de Deus com os pobres na América Latina. A razão social foi o despertar do próprio povo latino-americano, silenciado por mais de 400 anos. Sabemos que houve um processo desencadeado pelo movimento social no início do século XX, sob a liderança de pequenina vanguarda social, que projetou tornar as massas populares agentes da própria libertação.¹⁴⁴

Eram movimentos esporádicos de início. Depois de 1950, começaram a crescer muito, a ponto de penetrar nos recintos da Igreja, até então impermeáveis. Muitos cristãos conscientes do batismo, comprometeram-se nos movimentos sociais. Desse comprometimento social surgirá uma geração de sacerdotes, religiosos e, do meio deles, uma geração de bispos profetas. Eram poucos, mas dotados de força espiritual incomum.¹⁴⁵ Eis a segunda razão que Comblin, apresenta como tendo viabilizado a identificação do povo de Deus com os pobres.

A nova geração de padres, religiosos e bispos foi ao encontro do povo das paróquias e dioceses, eles olharam de perto a vida, a realidade dessas pessoas e, se encontraram com a extrema pobreza. Contemplaram o rosto de Cristo no rosto dos pobres e perceberam que muitos daqueles pobres eram fiéis das suas paróquias e, da mesma forma os seus opressores, autores da sua pobreza, também eram católicos apegados à Igreja.¹⁴⁶

No continente latino-americano, falar de povo é falar de milhões de seres humanos,

¹⁴² Ibidem, p. 96.

¹⁴³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 96.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 88.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 89.

¹⁴⁶ Idem, p. 89.

secularmente marcados pela opressão, humilhação, exploração, desrespeito às suas culturas e aniquilamento de suas vidas. Sempre foi, no entanto, povo religioso e cheio de esperanças de libertação, que se sentiu respaldado nas lutas e sonhos pela teologia do povo de Deus, retomada pelo Concílio Vaticano II e encarnada na realidade do continente em Medellín: um grito que clama aos céus.

Esses gritos serão acolhidos pelo magistério latino-americano e seus rostos serão reconhecidos. São verdadeiros cristos crucificados, que trazem nos corpos as marcas da colonização dominadora, mas estão em pleno movimento de Ressurreição. Conscientizaram-se de que o Cristianismo é anúncio da boa nova da vitória da vida sobre a morte, que a fé pode ser a força motriz nos processos de luta e libertação dos oprimidos.¹⁴⁷

Viver a fé em perspectiva libertadora dependerá das alianças que as Igrejas venham a fazer ou tenham coragem profética de romper com as alianças do passado. Essa será a novidade da Igreja dos pobres. Fazer aliança com os pobres¹⁴⁸, com os oprimidos e marginalizados, como fez o Deus e Pai de Jesus de Nazaré no Êxodo e a reafirmou definitivamente na vitória de seu Filho sobre a morte. Para acolher essa novidade era preciso ouvir o que o Espírito falou às Igrejas no Concílio Vaticano II e abrir-se aos gritos do pobre. Medellín e Puebla acolherão essa novidade.

2.1.1 Povo de profetas, testemunhas da Palavra!

A experiência de uma Igreja dos pobres terá emergência entre aqueles que esperavam por dias melhores na América Latina.¹⁴⁹ Para falar do povo dos pobres, suas dores, angústias e esperanças é preciso ir ao encontro deles e ouvir os lamentos do povo. É preciso fazer a experiência de Jesus, “descer aos infernos da história”, colocar o pé na estrada com os que caminham, sofrem e lutam por um mundo melhor.

Somente quem vê de perto o sofrimento dos pobres, ouve os seus lamentos, pode amá-los. A Igreja da América Latina não precisou de instrumental sociológico para ir ao encontro dos pobres e comprometer-se com eles. Alguns bispos, padres e religiosas (as) deixaram os palácios episcopais, as burocracias, colégios e foram ao povo, nas periferias das cidades ou no meio rural, “havia e ainda há uma imensa população parecida com aquelas ovelhas sem pastor

¹⁴⁷ Cf. Puebla II.2, n. 31-39; Santo Domingo, n. 178; Aparecida n. 393.

¹⁴⁸ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 101.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 93-94.

que despertavam a compaixão de Jesus”¹⁵⁰.

Aqueles bispos, padres e religiosos (os) que foram ao encontro dos pobres de suas dioceses e paróquias, contemplaram um calvário de dores e lamentos na diversidade de rostos de cristos crucificados na história: rostos de indígenas, negros, mulheres, operários, camponeses, jovens, idosos, crianças, desempregados e marginalizados que carregavam suas cruzes por mais de 400 anos de conquistas e saques. Diz-nos Comblin:

Muitos dos bispos que tomaram consciência disso registraram sua preocupação em Medellín e Puebla. Vários desses bispos, mesmo antes do Vaticano II, já foram em direção aos pobres, descoberto o povo real, o povo dos pobres – comprometendo-se com a libertação desse povo. Faltava-lhes uma teologia para orientar e fortalecer o compromisso. Essa lhes foi fornecida pelo Concílio Vaticano II. Eles foram a alma de Medellín. Representavam a minoria no episcopado, souberam aproveitar o momento histórico.¹⁵¹

Comblin situa a Conferência Latino-Americana de Medellín em 1968, no contexto histórico em que o discurso da Igreja Imperial da Cristandade entrava na fase terminal. O caminho foi aberto por João XXIII ao lançar o olhar de otimismo para o mundo e ao propor à Igreja a prática da misericórdia em vez das condenações. A *Gaudium et Spes* será o grande coroamento do Concílio Vaticano II, convocar a Igreja ao espírito acolhedor e solidário das alegrias, angústias, esperanças e sofrimentos da humanidade nos dias de hoje (GS 1).¹⁵²

Acolher o espírito do Vaticano II, escutar o que o Espírito dizia às Igrejas naquele momento, significava para os bispos do continente latino-americano perguntar: quem está sofrendo, angustiado e cheio de esperanças? Quem está contente, realizado? A resposta veio da realidade e chegou aos ouvidos do coração dos bispos: “Um clamor ensurdecido nasce de milhões de pessoas, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de parte alguma”¹⁵³

Deparam-se os bispos com uma pobreza escandalosa e constataram que os pobres no continente são milhões, que Lázaro é coletivo. Esta consciência da pobreza e do clamor coletivo chegou ao coração da Igreja como forte apelo à conversão: “O Episcopado latino-americano não pôde ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maioria dos nossos povos numa dolorosa pobreza, que em

¹⁵⁰ Ibidem, p. 91.

¹⁵¹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 89.

¹⁵² COMBLIN, José. *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois. Cadernos Teologia Pública – IHU*, São Leopoldo, ano V, n. 36, p. 5-28, 2008. p. 6, 11-16.

¹⁵³ Documento de Medellín, 14. Pobreza na Igreja, n. 2. (PADIN, Dom Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo; CATÃO, Francisco. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968: Trinta anos depois*, Medellín ainda é atual? 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998).

muitos casos chega a ser miséria desumana”¹⁵⁴.

As exortações da *Gaudium et Spes* ganharam corpo na América Latina: uma Igreja atenta aos sinais dos tempos, acolhedora e servidora da humanidade, de maneira especial aos sofredores e injustiçados por estrutura social planejada para uma minoria. Comblin nos diz que Medellín toca na palavra proibida: Justiça. A sociedade até aceita falar na pobreza, desde que não a associe à Justiça. A Igreja latino-americana prolonga, na opção pelos pobres, o Pacto das Catacumbas, assumido no Concílio Vaticano II por uma minoria dos bispos.¹⁵⁵

Lembra-nos da ação missionária de Jesus em busca dos pobres e do envio que ele fez dos apóstolos às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 10,5; 11,1-6). Comblin fala da centralidade dos pobres em toda a Igreja Primitiva e que os ricos são acolhidos desde que ponham os bens a serviço dos pobres, não era preciso “falar” da Igreja dos pobres, porque ela era dos pobres.¹⁵⁶

Após a busca vem o novo passo: a defesa dos pobres. Ao encontrá-los, descobre-se que são vítimas da injustiça; que o direito e a justiça não existem para eles. Descobre-se que o pecado social existe em milhares de pecados particulares. Contata-se também que os pobres não têm quem os defenda: “Quem assume a defesa dos pobres? Diante dessa situação, Medellín rompeu com a cumplicidade de 500 anos e assumiu o compromisso de defender os pobres [...]. Quem dá autoridade para denunciar e defender o direito dos pobres é Deus”¹⁵⁷.

Medellín adquire o tom profético ao denunciar o pecado social na injustiça planejada. Comblin cita, como exemplo dessa Igreja convertida aos pobres descobriu o povo de Deus, o arcebispo de El Salvador, Dom Oscar Romero, martirizado em 24 de março de 1980 porque assumiu a liberdade profética da Palavra em favor do povo. Através de Romero e outros bispos, a Igreja da América Latina ganhou um novo rosto, “imagem daquilo que seria uma Igreja segundo o Concílio Vaticano II”¹⁵⁸.

Emerge uma minoria profética na Igreja, mas que faz toda a diferença na evangelização da América Latina. Assumir a defesa dos pobres e injustiçados significava opor-se aos seus opressores e romper a solidariedade com os ricos. A solidariedade com os pobres tem alto preço:

¹⁵⁴ Idem, n.1

¹⁵⁵ COMBLIN, José. Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois. *Cadernos Teologia Pública – IHU*, p. 5, 8, 14. Comblin reporta-se ao Pacto das Catacumbas.

¹⁵⁶ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 242-244.

¹⁵⁷ Ibidem, 255-256.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 90. Na sua última homilia em 23 de março de 1980, Dom Oscar Romero denunciou o extermínio dos pobres e lideranças populares e exortou aos soldados do exército a desobedecer seus superiores, diante da ordem de matar, está à ordem de Deus que diz “Não matar”. No dia seguinte, ao celebrar a missa, foi alvejado por um tiro de rifle no peito.

calúnia, difamação, incompreensões, rejeição, prisões e até morte. Essa tradição profética que foi reassumida em Medellin, é confirmada em Puebla (Cf. 8, 1136, 1138): “Envidamos esforços para conhecer e denunciar os mecanismos geradores dessa pobreza” (n. 1160).¹⁵⁹

Comblin fala sobre o medo que existe nas camadas sociais necessitadas. Os pobres sempre são tratados como objeto e quando se organizam são duramente reprimidos pelos dominadores que impõem o medo e os intimidam pelo uso da força. A única saída parece ser a submissão. Usam-se a tortura, a repressão policial sobre os movimentos dos pobres. O trabalho de conscientização ajuda, mas não basta. É preciso a ação concreta de libertação. Temos o exemplo dos movimentos dos sem terra e sem teto. É na luta que se vence o medo e nasce junto a consciência firme de povo.¹⁶⁰

A Igreja durante muito tempo pregou a resignação dos pobres e a aceitação da miséria como vontade de Deus e apresentou para os pobres a imagem de Jesus resignado e submisso aos seus algozes como o exemplo a ser seguido diante das crucifixões do dia-a-dia. Quando bispos, padres, religiosas e leigos perdem o medo, assumem a profecia e suas consequências, muitas vezes até ao martírio, muda-se consideravelmente a mentalidade dos pobres. É muito importante a memória dos mártires latino-americanos, num continente em que a religião ainda ocupa lugar central na vida dos pobres e pode conferir coragem e constância na caminhada.¹⁶¹

Segundo Comblin, o Antigo Testamento apresenta de que maneira se formou o povo de Israel, pelos sofrimentos no Egito, na matança dos primogênitos e morte do exército egípcio no mar e no processo de libertação pelo deserto, até consolidar-se pelas vitórias nas terras de Canaã. Diferente do antigo Israel, a Igreja também é povo, mas reunido em Jesus pela sua própria morte. Moisés é o herói fundador de Israel. A Igreja nasce do mártir Jesus que muda o modelo humano de herói: é aquele que dá a vida.¹⁶²

A cristologia latino-americana, ao resgatar a humanidade de Jesus, desvendou as causas humanas de sua morte. Retomou o caráter salvífico das atitudes, gestos, palavras, opções e as consequências do messianismo profético que Ele assumiu. Ao enfrentar os poderosos do seu povo, ele foi rejeitado e condenado pelas autoridades de seu tempo, “a morte de Jesus tem sentido humano e faz dele um herói”.¹⁶³ Quanto a seus fiéis seguidores, os mártires, diz-nos Comblin:

¹⁵⁹ Ibidem, p. 256-258.

¹⁶⁰ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 260.

¹⁶¹ Ibidem, p. 261.

¹⁶² Ibidem, p. 169.

¹⁶³ Ibidem, p. 172

Depois de Jesus os heróis cristãos do povo de Deus são os mártires, imitadores de Jesus. Não morrem na guerra, mas são perseguidos e mortos pela fidelidade a Jesus. A Igreja como mistério nasce do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Como realidade humana, como povo, ela nasce do heroísmo de Jesus e se renova pelo heroísmo dos mártires. Nos primeiros séculos os mártires ocuparam na Igreja lugar insuperável. Sem eles a Igreja não teria sobrevivido nem mantido a unidade.¹⁶⁴

Para Comblin, a consciência de povo de Deus emerge por causa dos mártires: “Quem não venera esses mártires não tem consciência de povo de Deus, mas vive uma religião desencarnada, espiritualista. Entretanto a Igreja verdadeira é a dos mártires, que foram tantos, sobretudo entre 1960 e 1990”¹⁶⁵. Incorporaram na mística e espiritualidade das Comunidades Eclesiais de Base, Pastorais Sociais e Organismos eclesiais a memória dos mártires da caminhada e a causa pela qual deram a vida, o Reino de Deus.

Alguns bispos, padres e religiosos, articulados nas CEBs, Pastorais Sociais e serviços à vida, romperam a aliança e a cumplicidade com os que geram e negam os direitos dos pobres. Os que dominam e exploram não aceitam este compromisso e defendem que a Igreja deve ajudar a manter a ordem social, através do discurso da resignação e obediência e, em nome de Deus, perseguem, prendem e matam:

Como Jesus tinha anunciado, mataram seus discípulos pensando servir a Deus. Os mártires morreram por defender o verdadeiro sentido do cristianismo e da Igreja. Por isso a sua memória faz o povo de Deus. A celebração dos mártires atuais e, de certo modo, a base firme sobre a qual se edifica o povo de Deus na América Latina.¹⁶⁶

Numa sociedade que ainda vê os pobres como objeto de esmola, e jamais como sujeito de direitos, foi difícil aceitar que os pobres pudessem ser sujeitos eclesiais, povo de Deus. Nas Comunidades Eclesiais de Base, a palavra foi retomada por aqueles que, ao longo da história foram relegados à sombra, ao silêncio na base da sociedade e da Igreja. Emerge e se fortalece a consciência de povo de Deus.

2.1.2 O povo de Deus é o povo dos pobres reunido em comunidade

Para Comblin, hoje mais do que nunca precisamos insistir, na realidade do povo, ou seja, na vida coletiva dos discípulos de Jesus - de maneira que se entenda como a vida de um

¹⁶⁴ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 173.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 174.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 175.

povo. Estamos em período de extremo individualismo¹⁶⁷, entranhado em todas as relações sociais, inclusive em muitas experiências religiosas.¹⁶⁸

Diante dessa realidade, Comblin reafirma: o “povo de Deus” é o conceito que mais expressa o “espírito” do Concílio Vaticano II. Trata-se da maior contribuição do Concílio ao lembrar à Igreja que ela é o povo de Deus.¹⁶⁹ A Igreja quando opta pela eclesiologia do povo de Deus, recupera a dimensão comunitária da fé cristã, fundada na relação amorosa e dialógica do Pai, do Filho e do Espírito Santo.¹⁷⁰

A origem trinitária da Igreja, explicitada na *Lumen Gentium*¹⁷¹, evidencia o caráter comunitário do povo de Deus. Para Comblin, “o que constitui um povo é, em primeiro lugar, a vida comum, a vida sofrida e, assumida em comum. Quem diz povo exclui a ideia de agrupamentos de indivíduos onde cada um procura cuidar de si”¹⁷².

Mesmo com a força espiritual e desejo do Papa João XXIII, o Concílio Vaticano II não conseguiu dar concretude ao povo de Deus e chegar à Teologia da Igreja dos pobres. Deu-se esse passo na América Latina, em Medellín e Puebla: “Ali se chegou à percepção clara de que o ‘povo de Deus’ é, na realidade o povo dos pobres. Os conceitos de povo e de pobres são solidários e correlativos. Não há pobres que não formem um povo. Não há povo que não seja dos pobres”¹⁷³.

As Conferências Latino-americanas de Medellín e Puebla acolhem as orientações do Concílio Vaticano II e respaldam a caminhada do povo em processo de libertação: “João XIII queria algo mais do que ajudar aos pobres defender os seus direitos, conscientizá-los [...] Queria uma Igreja que fosse constituída dos próprios pobres reunidos numa fé comum, numa esperança comum e numa aliança construtiva”¹⁷⁴.

Comblin afirma que a “Igreja dos pobres” inclui toda a teologia do povo de Deus retomada pelo Concílio, mas acrescenta algo fundamental, porque concretiza historicamente onde está esse povo. Tira o caráter teórico do conceito de povo de Deus.¹⁷⁵ O povo é a forma querida por Deus para a humanidade existir, e revela a realidade humana e divina da Igreja.¹⁷⁶

¹⁶⁷ Ibidem, p. 139.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 139-140.

¹⁶⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 9

¹⁷⁰ Ibidem, p. 134.

¹⁷¹ *Lumen Gentium*, 2, 3, 4. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit.

¹⁷² COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 147.

¹⁷³ Ibidem, p. 11.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 262.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 99.

¹⁷⁶ Ibidem, p. 138.

Lembra-nos Comblin que Puebla complementa a transição que Medellin iniciou: “[...] transição de estilo individualista de viver a fé para a grande consciência comunitária para a qual o Concílio nos abriu a todos” (Puebla 233-235). “A Igreja é povo universal [...] Por isso não entra em litígio com nenhum outro povo e pode encarnar-se em todos eles, a fim de introduzir em suas histórias o Reino de Deus” (Puebla 237).¹⁷⁷

O povo de Deus é realidade histórica no meio dos outros povos e, ao mesmo tempo, é povo escatológico em missão: “Povo de Deus é povo universal. É a família de Deus na terra, povo santo, povo que peregrina na história, povo enviado.” (Puebla 236). “A Igreja concebendo-se como povo, se define como realidade no seio da história, que caminha para meta não alcançada” (Puebla 254-256).¹⁷⁸

Afirma Comblin que Puebla ao tratar da opção preferencial pelos pobres (Quarta parte, Cap. 1, n.1134-1152), oferece o “documento fundador da teologia latino-americana”. A Teologia da Libertação na América Latina tem como postulado fundamental a compreensão de que o “povo” é, ao mesmo tempo, “povo de Deus” e “povo dos pobres”:

A Igreja é o povo dos oprimidos que encontra em Jesus Cristo a esperança da sua libertação total, e recebe do Espírito Santo a força e a coragem para lutar por esta libertação. Essa é a figura de Igreja que mais se aproxima da doutrina da Bíblia e do modo de ser da Igreja antiga.¹⁷⁹

2.1.3 Um povo de pastores: organizar para realizar as ações do Bom Pastor!

Comblin preocupa-se como a Igreja de Cristo trata os pobres. Qual o lugar dos pobres na Igreja? Com quem a Igreja está aliada e se solidariza? Muitos abandonaram a Igreja porque perceberam que ela não estava com o povo, mas aliada aos poderosos contra o povo. Tudo isso fruto do processo de colonização, em que se estabeleceu estreita união entre a hierarquia e os proprietários e exploradores.¹⁸⁰

Transcreve Comblin trecho da carta de operário francês ao bispo Dupanloup de Orleães, no século XIX, a queixar-se do abandono da Igreja à causa operária. Dizia o operário que a Igreja, com o poder de influência, agiu mais a impedir a redenção social do operariado

¹⁷⁷ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 102.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 103.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 104-106.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 159.

do que favorecê-la.¹⁸¹ Os pobres sentiram, muito tempo antes, que foram abandonados pela Igreja hierárquica. Envolvida na luta contra as ideias liberais, a Igreja não percebeu o que acontecia com o povo: “A Igreja perdeu o povo – ela que devia ser povo. Povo terrestre e povo de Deus são solidários, caminham juntos ou param juntos”¹⁸².

Para Comblin, na América Latina, os teólogos, bispos e padres, que participavam dos movimentos sociais, sonhavam e lutaram por uma Igreja dos pobres, onde pudessem unir fé e vida, sem precisar afastar-se da Igreja ou da luta do povo. Para estes bispos e teólogos próximos das aspirações e lutas dos pobres, “o povo devia ser a Igreja e a Igreja devia ser o povo, eles achavam que seria possível essa transformação”. O Concílio e Medellín respaldaram esse sonho de Igreja.¹⁸³

Em Puebla, a Igreja latino-americana reafirma a dimensão histórica e social do povo de Deus que, ao exercer o múnus sacerdotal profético e pastoral, cria estruturas e instituições (255-259). Essas estruturas dão visibilidade às ações de Jesus e ao seu jeito de exercer a autoridade “Acentuou-se o seu caráter de serviço e sacramento, como também a dimensão de afeto colegial” (260) que se realiza, por exemplo, nos conselhos diocesanos de pastoral, conselhos paroquiais e no próprio Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Puebla acentua o dinamismo e a vitalidade das CEBs na vivência dos valores evangélicos (261).

As CEBs organizam-se através dos conselhos e coordenações. Tomam decisões em conjunto onde todos têm o poder da fala. A Igreja dos pobres questiona com sua prática participativa o exercício do poder na Igreja. Comblin fala da maneira pobre e da maneira rica de exercer o poder: “A mudança consiste em passar de uma Igreja que se apoia nos poderes políticos, econômicos e culturais deste mundo, para uma Igreja seguidora de Jesus que se apoia na fé do povo”¹⁸⁴.

Na sociedade autoritária e consumista que difunde o individualismo burguês de quem já tem tudo e se fecha às necessidades do próximo, não interessa o povo, interessa pessoas indiferentes, resignadas e consumidoras de produtos. Os ricos não esperam nada, não precisam de mudanças. O povo dos pobres, ao contrário, traz em si a marca da esperança de dias melhores¹⁸⁵ e, por isso, formam aliança na solidariedade.¹⁸⁶ A Igreja, povo de Deus, exerce sua missão nesta realidade histórica. A questão é qual a sua mensagem, com quem ela

¹⁸¹ Ibidem, p. 253-254.

¹⁸² Ibidem, p. 78-79.

¹⁸³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 94-95.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 100-101.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 162.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 159.

faz aliança para testemunhar o Reino de Deus?

2.2 As características do povo de Deus segundo José Comblin

A teologia de Comblin contribui com maestria para elucidar a natureza escatológica, bíblica, espiritual e não sociológica ou filosófica do conceito de Igreja “povo de Deus”. Para Comblin, não há sustentação teórica que fundamente qualquer suspeita ou acusação de que a Igreja dos pobres, enquanto “povo de Deus”, seja de inspiração marxista.¹⁸⁷

O conceito de povo vem da Bíblia, povo libertado por Deus, em busca da terra prometida. Deus libertou e constituiu um povo. A práxis de Jesus, da encarnação à ressurreição, se deu no meio do povo, dos pobres e reuniu o povo de Deus que andava disperso. Comblin diz categoricamente existir uma força espiritual no conceito de povo: “uma criação típica do Espírito Santo e uma realidade básica do cristianismo. O ‘povo’ é criação cristã ou judaico cristã. Tem sua origem na Bíblia [...] nem as filosofias nem as ciências humanas deram muita importância a esse conceito [...] é conceito espiritual”¹⁸⁸.

A centralidade da Palavra de Deus, no Concílio Vaticano II, evidenciou as opções do Deus da Bíblia, concretizadas em Jesus de Nazaré e favoreceu a consciência da Igreja povo de Deus no retorno aos pobres pela Igreja latino-americana. As grandes massas empobrecidas da Galiléia esperavam um Messias e o encontraram na pessoa de Jesus de Nazaré que foi ao encontro de suas dores e sonhos. Aconteceu com Francisco de Assis e os mendicantes do século XIII, com Vicente de Paula e outros mais.

Na América Latina do século XVI, Bartolomeu de Las Casas e Antonio de Montesinos enxergaram Jesus nos indígenas massacrados pela conquista espanhola. No século XX, os pobres, os doentes e marginalizados, que procuravam e acompanhavam Jesus, foram reencontrados nos campos, vilas e periferias pela Igreja da América Latina.

Vários bispos latino-americanos já tinham ido ao encontro dos pobres e se comprometido com suas lutas por libertação. Encontraram na teologia do Povo de Deus respaldo, força e iluminação para a ação pastoral. Comblin entendeu que, estes bispos profetas, mesmo sendo minoria, representaram a “alma de Medellin”¹⁸⁹. Animado, ele afirmava convicto sobre o Vaticano II e Medellin “Acontecimento semelhante somente sucede a cada 1.500 anos. Semelhante geração de bispos, como houve em Medellin, somente

¹⁸⁷ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 120-121

¹⁸⁸ Ibidem, p. 14-15.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 89.

haverá daqui há 1.500 anos”¹⁹⁰.

O conceito “povo de Deus” entrou em choque com a concepção de Sociedade Perfeita ou Igreja Imperial que, há séculos, concentrava todas as decisões na Cúria romana e não favorecia o exercício do Múnus Sacerdotal, Profético e Pastoral dos leigos.¹⁹¹ É o que vai se encarnar na América latina sob o nome de Igreja dos pobres.

2.2.1 O povo é Esperança em busca da utopia do Reino

Desde a origem, o povo de Deus caracteriza-se pelo dinamismo da esperança que impulsiona a caminhar em busca de terra livre, de bênção e posteridade. Foi a promessa feita aos grupos nômades dos antepassados de Israel, que conhecemos por Abraão e Sara (Gn 12,1ss). O povo de Deus é herdeiro da promessa. Um povo herdeiro de fé peregrina, que impulsiona, move homens e mulheres em nome de Deus a lutar por dias melhores, para viver e nunca se acomodar em nenhuma situação. O povo de Deus é sempre meta, caminho, esperança do já e do ainda não conquistado. É um povo escatológico.¹⁹²

Comblin lembra o risco permanente de o povo ser tragado, absorvido pelas forças da inércia e dominações do ambiente.¹⁹³ Daí o paradigma ser sempre a fé escatológica recebida dos Patriarcas e Matriarcas do Antigo Israel. O novo Israel, a Igreja, recebe a força que vem do Crucificado que venceu as forças da morte. Por isso, os cristãos, mergulhados nas realidades do mundo, participam de todos os eventos da história e têm como referencial permanente o Reino de Deus inaugurado em Jesus Cristo.¹⁹⁴ O povo de Deus é povo peregrino em meio às vicissitudes da história:

Abraão corre o perigo de ceder ante o Faraó, mas sobrevive. Jacó salva-se porque o filho José, por força do destino, foi ser escravo no Egito e, após uma série de acontecimentos imprevisíveis, pôde salvar a família da fome. Quando Israel corre o perigo de ser assimilado pelo Egito, Moisés o tira da terra da escravidão e o lança no desconhecido, no perigo do deserto. Durante 40 anos o povo vive caminhando, sem garantia, sem base, sem chão onde estabelecer-se [...] A entrada em Canaã foi luta permanente. Depois veio a luta com os Filisteus para defender a terra conquistada [...].¹⁹⁵

¹⁹⁰ MUGGLER, Mônica Maria. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2013. p. 224-225.

¹⁹¹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 112-113.

¹⁹² Ibidem, p. 213.

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 136.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 213.

Ainda no deserto o povo foi tentado ao retorno do que lhe dava estabilidade “as panelas com carne e cebola do Egito” (Ex 16,2-3). Há sempre o risco de acomodar-se e colocar a segurança naquilo que não convém, sejam: armas, cavalarias, títulos, poderes ou bens. Foi assim com a instituição da monarquia em Israel, o que, para Comblin, significou um perigo maior de “dissolução do povo Deus”¹⁹⁶. Surgem os profetas de Deus, que relembram ao povo o que havia prometido na Aliança feita com Deus no Sinai: “Não teremos outro rei a não ser Javé” (Ex 19; Js 24,19-24).

Para Comblin, os profetas são a reserva de povo de Deus fiel à Aliança que, muitas vezes, com um pequeno grupo de discípulos vai enfrentar o poder do rei. A monarquia que parecia a salvação de Israel diante dos povos inimigos, vai se revelar a maior adversária à vivência da Aliança com o Deus libertador de escravos. Os inimigos estavam dentro do próprio povo.

Comblin apresenta o exílio em Babilônia como a experiência mais autêntica de retorno ao povo de Deus. Experiência na qual o povo perdera tudo: a terra, o templo e o rei. Ao mesmo tempo foi grande a tentação de ceder às pressões do Império dominador. Alguns entraram na dinâmica estrangeira e “se deram bem”. Porém, uma minoria, o “resto de Israel”, permaneceu fiel. No entanto, com Ciro, retornam à sua terra para cair de novo na corrupção e dominação¹⁹⁷, com a chegada do helenismo e, posteriormente, dos romanos.

Por muitos séculos, o povo de Deus alimentou a esperança da vinda de um Messias-rei, que trouxesse paz e prosperidade a Israel. Era grande a decepção com a monarquia. Comblin lembra-nos que no tempo de Jesus todos os sinais do povo de Israel que deveriam possibilitar uma vida digna se tornaram sinais de dominação¹⁹⁸: o templo que devia ser sinal da liberdade do povo que, celebra o Deus verdadeiro contra os ídolos, caíra na corrupção; a lei deveria garantir a liberdade do povo, fizeram dela um jugo insuportável. A terra devia ser de todos, nas mãos de poucos proprietários, gerou os lázaros e os ricos epulões.

Onde estava o povo escatológico? Como resgatar o sonho do povo de Deus da terra e da liberdade? Comblin compreende que o novo povo de Deus estava “Em Jesus e nos discípulos que voltam a refazer a caminhada dos Patriarcas. De novo como os patriarcas são migrantes, não têm casa própria. O povo de Deus de novo é peregrino”¹⁹⁹.

Nos 300 anos de enfrentamento e resistência das primeiras gerações cristãs havia a

¹⁹⁶ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 214.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Idem.

¹⁹⁹ Idem.

plena consciência de ser o novo povo de Deus, o Israel reunido em Jesus e os mártires desse período representam o verdadeiro povo de Deus.

Após longo período de instabilidade, devido às perseguições do Império Romano, entremeado por pequeninos períodos de paz, o povo de Deus cai novamente na ilusão da estabilidade social com a famosa “conversão” de Constantino e todos os privilégios civis que dela vieram para os cristãos. Diz-nos Comblin:

O Império tornou-se o maior problema, pois dele veio a corrupção do povo. A cristandade foi celebrada por 15 séculos como se fosse a paz e a tranquilidade do povo de Deus, como um sinal do Reino de Deus na terra [...] Aparentemente o povo de Deus triunfava no império sagrado, no clero, na legislação oficial, na imposição do cristianismo como religião obrigatória. Na realidade, porém, o verdadeiro povo de Deus estava escondido debaixo de todo esse aparelho, estava nos movimentos de retorno ao evangelho que a cada geração reapareceram para questionar o sistema estabelecido de sociedade supostamente cristã.²⁰⁰

Para Comblin²⁰¹, nos subterrâneos do império e da cristandade medieval estava o povo Deus real. Estava ali uma minoria profética, como nos tempos da monarquia em Israel. Era uma minoria que lutava para que o povo se tornasse realmente povo de Deus. Os sinais de que o povo de Deus vive nas minorias proféticas e abraâmicas são as ações para libertar, construir, aumentar, promover o povo. O povo é povo quando decide assumir coletivamente o seu destino, emancipando-se de qualquer poder superior (religioso, político, militar, racial).

O povo verdadeiro não pára de auto-construir-se, está sempre a transcender-se, em busca da meta que é a plena realização. É consciente que o poder civil e clerical são necessários, mas podem ser freio ou impedimento no cumprimento da missão.

Comblin afirma que no mundo contemporâneo as forças dominantes tendem a destruir o povo, pois o que importa é criar consumidores para o mercado e, para isto, dissemina o individualismo e enfraquece o espírito coletivo. A ideologia do mercado quebra a espinha dorsal do cristianismo, ao pregar o individualismo indiferentista e o fim da história, a saber, nega o espírito comunitário, a solidariedade e a utopia do Reino.

Os poderosos têm medo da escatologia, temem o povo que mesmo reprimido teima em renascer e lutar por sua libertação.²⁰² O povo é perseverança, é esperança, é construção no já da história do Reino que ainda não é pleno.

²⁰⁰ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 215.

²⁰¹ Ibidem, p. 217-218.

²⁰² Ibidem, p. 218-219.

2.2.2 O povo é liberdade profética

Para Comblin o povo é liberdade por excelência. Não existe povo sem liberdade e, não há liberdade sem povo. Não se forma povo com escravos. A sociedade escravocrata greco-romana não conhecia a liberdade. Somente as famílias aristocratas e seus intelectuais eram considerados cidadãos, porque livres. Era liberdade limitada na qual, mulheres, crianças, escravos não eram considerados cidadãos, porque não eram livres.²⁰³

As relações na antiguidade eram de dominação, submissão e discriminação. De onde veio o fermento da liberdade?²⁰⁴ Lembra-nos Comblin que “Os primeiros gritos por liberdade foram ouvidos na Grécia (século V a.C). Foi, porém, em Israel que se manifestou pela primeira vez a ideia de um povo inteiramente livre, um povo sem escravos [...]”²⁰⁵.

Deus convoca Moisés, Arão e Mirian para comunicar a liberdade aos hebreus escravizados no Egito e constituir-lhes o estatuto de povo. O povo de Israel nasce da consciência de pertença ao Deus que comunica a liberdade e conta com a liberdade humana para participar desse processo. A liberdade é construída no processo de saída da escravidão e na peregrinação pelo deserto. Deus, que é liberdade, comunica liberdade ao ser humano e o convoca a ser comunicador de liberdade aos outros. Reside aqui o caráter messiânico do povo de Deus.

Comblin nos fala do modo messiânico de ser humano. Este modo inicia-se com Moisés. Ele recebe a Missão de Deus que consiste em ser a compaixão do Senhor pela escravidão e sofrimento do povo e seu anseio por libertação. O enviado é levado a mudar de visão: ele deve contemplar a miséria do povo escravo e fazer-se instrumento de Deus no projeto de libertação. O homem messiânico nasce para a liberdade no dia em que muda o olhar sobre a realidade.

Deus interpela o profeta para olhar com olhos de compaixão e compromisso com o sofrimento do outro. Dá-se a criação do modo messiânico de ser humano: amor e serviço ao povo. Moisés alcança a liberdade, torna-se assim a referência constante do povo israelita, até chegar a Jesus.²⁰⁶

Comblin discorre sobre o conceito de liberdade, ao analisar o processo de libertação de Israel e a formação da figura do Messias desde Moisés até aos profetas: o Messias é o

²⁰³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 218-219.

²⁰⁴ Ibidem, p. 222.

²⁰⁵ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 22.

²⁰⁶ Ibidem, p. 32-33.

libertador, ele conduz o povo à liberdade, vivida como sonho ou desafio e nunca realizada. Encontra como obstáculo primeiro o próprio povo, que resiste a ser livre. O projeto de Deus é a liberdade continua na história como apelo, grito que pode ser assumido como fracasso ou abertura para um futuro.²⁰⁷

A partir da referência de Moisés e dos profetas, Comblin diz-nos que, liberdade é assumir a libertação do povo, sair de si próprio movido por compaixão como o Senhor, e arriscar a vida no serviço ao próximo. Quem recebe esse dom de Deus, essa vocação, e a aceita, sofre. O povo rejeita aqueles que querem libertá-lo.²⁰⁸ Conduzir o povo para a liberdade seria fazer do povo um Messias, um povo messiânico. De fato, essa é a vocação para a liberdade.²⁰⁹ Tornar-se um povo messiânico.

A vocação profética do povo de Deus acontece na história. O povo de Deus está no meio dos outros povos e não se distingue deles. Coloca-se como fermento na massa, sal da terra, influencia, mas também é influenciado. A situação torna-se problema, quando não tem o discernimento de perceber o que condiz com sua vocação de povo de Deus e o que pode e deve ser deixado de lado da cultura na qual se está inserido.

É preciso liberdade de ação, o que dependerá também das relações estabelecidas no processo evangelizador. Nem sempre as alianças feitas pela Igreja hierárquica, em nome da evangelização, beneficiaram o povo de Deus a fim de assumir a vocação à liberdade, pelo contrário, muitas opções impediram e impedem o livre anúncio do Evangelho da liberdade.

Durante séculos, a Igreja católica, a partir da concepção elaborada sobre si mesma, vendo-se como Sociedade Perfeita, em nome da evangelização, fez aliança com os poderes do mundo e tornou-se grande opositora da liberdade de pensamento. Sob a desculpa de salvaguardar a verdadeira doutrina dos ataques dos inimigos da fé cristã, ela criou um corpo doutrinário rígido e uniforme. Daí em diante, tratou os cristãos livres como hereges, dissidentes e preferiu expulsá-los da comunhão eclesial.²¹⁰

Para Comblin, as alianças da Igreja com os impérios com a cassação da liberdade de pensamento, significaram grande tragédia, que a fez perder quase toda a Europa no passado e periga perder o que ainda lhe resta hoje.²¹¹ Sem liberdade de pensamento não há povo possível. Para ser cidadão é preciso ter coragem de pensar por si mesmo.²¹²

²⁰⁷ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 34-35.

²⁰⁸ Ibidem, p. 35.

²⁰⁹ Ibidem, p. 36.

²¹⁰ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 226.

²¹¹ Ibidem, p. 220.

²¹² Ibidem, p. 222.

As pessoas somente podem assumir sua vocação à liberdade quando têm as mínimas condições de sobrevivência garantidas. É necessária a mínima independência econômica e social para vencer o medo e ser livre. Quem está na dependência da subsistência não consegue pensar em liberdade e, por esse motivo, grande parte dos pobres rejeitam a liberdade e quem fala nela, pois temem perder a sua “segurança” de sobrevivência.

Reprimidos pelo poder opressor, os pobres não conseguem pensar e falar livremente e reproduzem o pensar e o agir dos dominadores. Isto não contradiz a ideia de que é dos pobres que nascem os primeiros apelos e os primeiros movimentos em direção à libertação. Também no antigo Israel, o povo teve um primeiro momento de dúvida e outro de saudade das “panelas de carne do Egito”. É o oprimido que internaliza as ações do opressor e age como tal²¹³.

Assimilado em si o processo de dominação, muitas vezes, os pobres acomodam-se a ele e o reproduzem. A liberdade de pensamento é o ponto de partida de toda liberdade²¹⁴: “No início do cristianismo, evangelizar era despertar para a liberdade e passar a pensar livremente. Veio um momento em que, paradoxalmente, evangelizar significou impor um sistema de pensamento feito, o equivalente ao atual “pensamento único”²¹⁵. Mas onde e com quem nasceu a liberdade de pensamento?

Os profetas de Israel foram os primeiros a ousar enfrentar, desmentir e acusar tanto as autoridades estabelecidas como a maioria do povo identificado com os seus opressores, por isso, foram perseguidos.²¹⁶ Criticaram e denunciaram a mentira dos reis e do povo: “Ai daqueles que ao mal chamam bem e, ao bem chamam de mal” (Is 5,20a); “Este povo, me louva com os lábios, porém, está longe de mim o coração”.

Diante da monarquia, que quebrou os princípios da Aliança com Deus, os profetas de Israel põem em crise uma instituição que falava em nome do Senhor e mantinha um culto pomposo para esconder a exploração e as injustiças (Is 1,10-17; 58,1-12; Am 5,21-24). Presume-se que “[...] muitos entre os humildes, em seu coração, concordavam com os profetas, mas não o expressavam. Isso acontece até hoje”²¹⁷. A profecia do povo é abafada pelos poderes opressores e repressores.

Comblin apresenta Jesus como a “pura representação do pensamento livre”. Sem interesses pessoais, sem ódios, Jesus diz o que pensa, o que sente e quer, com toda a

²¹³ FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido. São Paulo, EDITORA PAZ E TERRA S/A, 2004, p. 49.

²¹⁴ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 220.

²¹⁵ Ibidem, p. 222.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Idem.

simplicidade.²¹⁸ É consciente de que seu discurso vai de encontro à verdade oficial do sistema religioso judaico. Por isso afirma: “Conhecereis a verdade e a verdade os libertará” (Jo 8, 31-32).

Jesus, no seu modo de agir e falar, encarna a própria liberdade e se apresenta como o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6). Sua ação libertadora leva os empobrecidos a enxergarem n’Ele o Messias libertador que esperavam e a proclamarem esta verdade que reconheceram. Alguns dos fariseus tentam calar o povo, mas Jesus confirma a fala do povo e os repreende: “Eu vos digo: se eles se calarem, as pedras gritarão” (Lc 19,37-40).

Na práxis de Jesus, os mudos recuperam o poder da fala, os coxos andam e os surdos ouvem. Aqueles, que não contavam como força motriz da sociedade, e que conseguem, em alguma medida afastar-se do sistema de cooptação das autoridades, encontram voz e vez no messianismo de Jesus.

Quando Jesus cura o cego de nascença, as autoridades judaicas querem, de toda forma, abafar o caso. Tentam intimidar os pais do cego, que por medo de perder as ajudas que recebiam do templo, transferem a autoridade da fala ao filho, que é convocado a dar o seu testemunho de quem o havia curado (Jo 9, 18-24). Os que haviam estudado as leis e as Escrituras desprezavam a fala dos pobres e das mulheres (cf. Jo 7, 25-26.47-49).

Os apóstolos, na maioria homens simples do povo, quando perseguidos e ameaçados, testemunham profeticamente na força da Palavra: é melhor obedecer a Deus do que aos homens (At 4,18-20). A comunidade cristã primitiva, libertada pela Palavra Encarnada, abre os olhos à realidade, desata a língua para testemunhar e volta a ser povo de Deus, comunidade profética. Época dos mártires que testemunharam com solidez a liberdade da Palavra.²¹⁹

Comblin enfatiza que o controle da liberdade de pensamento terá início com a “conversão” do império à Igreja. Por 15 séculos, pessoas viverão conflitos interiores para serem cristãs: aceitar a religião do império ou, então, aceitar o evangelho de Jesus Cristo. Aquela, que deveria ser a guardiã e comunicadora do Evangelho da liberdade aos fiéis e convocá-los à vocação messiânica de povo de Deus na história, tornou-se aliada dos que dominavam o povo de Deus, os pobres.

O povo de Deus, quando assume sua vocação à liberdade, incomoda a Igreja do poder imperial, “Por trás da rejeição do povo de Deus, nas últimas décadas, pode-se deduzir haver restrição à liberdade”. O povo de Deus emergirá na história, sempre ao lado dos

²¹⁸ Ibidem, p. 223.

²¹⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 223.

rejeitados social e eclesialmente²²⁰, como minoria profética, livre das alianças com os ricos e poderosos.

Comblin diz que, em nossos dias, existe uma “distância que espanta” entre a práxis de Jesus, dos apóstolos e das primeiras comunidades cristãs, e a subserviência, medo e silêncio da grande maioria dos cristãos católicos. São apresentadas como virtudes hoje o conservadorismo e a submissão do pensamento. É impensável que algum cristão diga algo original, porque quase tudo já foi dito pelos documentos do magistério.²²¹

Tem-se a impressão de que houve um esquecimento, sobretudo da parte da hierarquia da Igreja, de que, a liberdade de pensamento nasceu dentro do povo de Israel e do povo cristão.²²² Felizmente, a Igreja e o verdadeiro povo de Deus subsistiam em todos seus segmentos e principalmente nas minorias que, indiferentes aos costumes superficiais, procuravam seguir o evangelho de Jesus Cristo.²²³ Comblin convida-nos a volver o olhar para a primitiva Igreja, para Jesus e para os apóstolos.

2.2.3 O povo é Aliança na solidariedade

Em sua teologia Comblin aprofunda e apresenta de maneira clara que o conceito de povo nasceu na experiência primordialmente religiosa, na história de Israel, na relação com Deus no contexto de escravidão no Egito. Foi no processo de libertação e na Aliança entre Deus e seu povo, que Israel se constituiu como povo da promessa, na busca da terra livre. A compreensão de povo é, portanto, relação, construção, meta, esperança de vida digna e liberdade.

Ao salientar o conceito de Igreja, como povo de Deus, advém uma série de questionamentos sobre o procedimento da instituição Igreja na sociedade. O povo de Deus lembra a aliança de Deus com o povo sofrido e que a aliança é com o povo e não apenas com um grupo de iluminados. O povo é sujeito histórico que participa das decisões e que tem liberdade para realizar a aliança com Deus. Comblin lembra-nos que “As tribos são iguais e têm direitos iguais. Fazem aliança voluntariamente e ninguém é forçado. Ninguém entra constrangido numa aliança”²²⁴.

²²⁰ Ibidem, p. 249-254. Comblin apresenta fantástico relato da ação profética e solidária do povo de Deus através das figuras de São Bernardo, São Francisco e São Vicente de Paulo.

²²¹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 224.

²²² Ibidem, p. 220.

²²³ Ibidem, p. 154.

²²⁴ Ibidem, p. 227.

Segundo Comblin, vê-se no Novo Testamento que constituir aliança com Deus na liberdade traz para o povo a exigência de se deixar guiar pelos princípios éticos, inaugurados pela práxis amorosa e servidora de Jesus. A liberdade de Jesus está em servir o seu povo e comunicar a liberdade e a vida em plenitude: “O tema da aliança está nos evangelhos, na última ceia, com Jesus que evoca o seu sangue derramado, sangue da nova aliança [...] A lei de Deus é liberdade, amor na liberdade”²²⁵.

A nova aliança fundada na liberdade e no amor se traduz em serviço desinteressado ao próximo, no amor fraterno que dá a vida. Não deve ser como se faz entre as nações, que se relacionam com base na dominação e na tirania “Entre vós não deve ser assim, aquele que quiser ser o maior se faça o servidor” (Mt 20, 25-27). “O maior dentre vós será vosso servo; todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que se humilha será exaltado” (Mt 23, 11-12).²²⁶

Jesus propõe relações de igualdade entre os seguidores, segundo os critérios da aliança. As instituições que surgirem devem organizar-se de maneira igualitária, sendo o poder aceito como serviço. Os apóstolos decidem juntos. As comunidades são dirigidas por colégios de presbíteros. O tema da igualdade das Igrejas e da aliança entre Igrejas iguais percorrerá toda a época patrística, e permanecerá até hoje nas Igrejas do Oriente.²²⁷

Para Comblin, a teologia da unidade cresceu de tal forma no Ocidente, que suplantou totalmente a tradição patrística. O princípio neoplatônico do uno e a ideologia política imperial fortaleceram a Igreja como instituição piramidal. Sob a condução de um poder central em Roma, a Igreja católica mantém o controle e a unidade de seus fiéis no mundo inteiro.

Na compreensão de Igreja universal, que tem o comando em Roma, as Igrejas particulares, ou dioceses, tornam-se apenas partes ou fragmentos da Igreja universal. Esta visão administrativa vai suplantando a concepção bíblica da aliança. Foi uma grande surpresa o retorno da teologia da colegialidade no Concílio Vaticano II. A colegialidade é o outro nome para falar da Aliança nos textos do Concílio.²²⁸

Reacendeu-se, com a teologia da colegialidade no Concílio Vaticano II, a esperança do povo de Deus, de uma Igreja participativa e aliada dos pobres. Incentivou-se a criação dos colégios e conselhos de pastoral nas dioceses e paróquias, com a participação dos leigos. No

²²⁵ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 228.

²²⁶ Ibidem, p. 228.

²²⁷ Idem.

²²⁸ Ibidem, p. 229.

entanto, predomina ainda o estilo monárquico. O poder continua centralizado no bispo e no pároco. Os conselhos paroquiais não têm caráter deliberativo, são formados frequentemente, por pessoas indicadas pelo próprio pároco e, só tem validade se estão de acordo com o que ele quer e pensa. Para Comblin, isto não é aliança, não forma povo. É apenas continuidade do que já existia.²²⁹

Viver agrupado em paróquia não significa consciência de povo. Comblin alerta sobre o fenômeno da urbanização, que a grande maioria das comunidades rurais está desaparecendo. A paróquia tende a manter o mesmo estilo do passado, o que não corresponde à realidade da cidade hoje. Assim, ela corre o risco de fechar-se sobre si mesma e distanciar-se dos problemas do mundo real. Os fiéis têm a ilusão de que estão protegidos dos conflitos do mundo e até hostilizam tudo o que não está na paróquia. Por exemplo, fala-se que poucas paróquias atingem 10% das pessoas de uma cidade, só acontece nos estados de maior número de católicos declarados.²³⁰

Comblin alerta pra o perigo de isolamento das paróquias diante dos problemas da sociedade. Mesmo que existam várias paróquias na cidade grande, há o risco de se tornarem ilhas, guetos, que não têm interligação nenhuma no modo de pensar e agir. Realizam atividades desintegradas e desvinculadas dos problemas materiais da cidade. E ainda mantêm a ilusão de que podem falar em nome do povo inteiro da cidade. Dessa forma, “a paróquia é um agir coletivo, mas um agir que não constitui um povo”. Falta uma meta assumida comunitariamente e um assumir comunitário da realidade da cidade.²³¹

A tendência dos fiéis é refugiar-se da realidade do mundo na paróquia. Muitas pessoas não mais se consideram povo, mas se afirmam como paróquia, na qual o pároco evoca sobre si a missão de formador de almas e único a estabelecer metas, critérios e objetivos. Perde-se a dimensão escatológica de povo de Deus entre os outros povos.

A Igreja vivencia a sua dimensão escatológica de povo de Deus na história. Enviado por Cristo a ser fermento, sal e luz, o povo de Deus é força transformadora, que coloca o sabor do evangelho onde se perdeu o sentido da existência e o gosto de viver em comunidade. Fermenta a solidariedade capaz de dar a vida e vencer o mal do individualismo presente na sociedade.

A Igreja é sinal do Reino de Deus, povo de Deus no meio dos outros povos. Não existe cristão isolado, solto no espaço etéreo, o que vale para indivíduos e para grupos: “Claro que o específico do povo cristão é a comunidade de fé: é o seguimento de Jesus em comunidade,

²²⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 233.

²³⁰ Ibidem, p. 152.

²³¹ Idem.

como fizeram os apóstolos, visto que essa comunidade seja ampla, pois se trata de comunidade de povo.”²³² Diz-nos Comblin:

Não é possível buscar o Reino de Deus isoladamente, cada um por si [...] Busca-se o Reino de Deus em comunidades ativas, numa rede de comunidades de muitos tipos diferentes, mas onde há solidariedade entre todos – onde todos são inspirados pelo mistério da Igreja, e todos participam da mesma realidade material em que estão lutando, ajudando a formar o povo de Deus na fase atual da sua caminhada no meio do mundo.²³³

Para Comblin, o povo nasce e cresce num país quando os habitantes começam a se sentir solidários, praticando a solidariedade nos desafios, na aceitação da condição comum. Se não há solidariedade o povo ainda não existe.²³⁴ O Deus solidário com a humanidade reúne definitivamente em Jesus o povo escatológico na nova aliança baseada no amor total. A solidariedade com os sofredores torna-se o grande sinal profético do povo de Deus na história. O amor cristão concretiza-se nos gestos de solidariedade.

A pessoa solitária, individualista, que não compactua com ninguém, não forma povo, não vive com os outros o calor humano da solidariedade. O povo não é simples amontoado de indivíduos, povo é solidariedade, é calor de corpos juntos, que sofrem, sonham, trabalham, lutam e festejam juntos.²³⁵ “A vida em comum realiza-se em pequenas comunidades, porque um povo é tecido de pequenas comunidades e não de indivíduos isolados”²³⁶.

A vivência comunitária da fé, o face a face, cria laços fraternos de comunhão. Difere das experiências intimistas, que buscam a religião para resolver problemas, sem consideração de contexto, não geram comunhão e não têm compromisso comunitário. Resolvido ou mascarado o problema, cessa a busca de Deus.²³⁷ A comunidade desperta para a solidariedade, a busca do bem comum. Por isso, o povo de Deus constrói aliança na liberdade, na reciprocidade de pessoas irmanadas na mesma fé e ideal, que é o Reino de Deus:

Um povo é formado por seres humanos que se sentem solidários. Os que não são do povo são os que não se solidarizam, mas pelo contrário, dominam, exploram, ficam indiferentes às necessidades dos outros, governam para a sua utilidade própria sem levar em conta o bem comum. Há, por um lado, o povo, e, por outro, os que maltratam o povo. Por isso as elites dominantes são não-solidárias [...] Muitos tradicionalmente sentiram que a Igreja não estava com o povo, não se interessava

²³² Ibidem, p. 150.

²³³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 156.

²³⁴ Ibidem, p. 157.

²³⁵ Ibidem, p. 148-149.

²³⁶ Ibidem, p. 150.

²³⁷ Ibidem, p. 140.

por ele, fazia aliança com os poderosos contra o povo, desprezando-o. [...] Para ser verdadeiramente povo de Deus, segundo D. Oscar Romero, a Igreja deve encarnar-se na história do povo, isto é, nas lutas do povo pela justiça e pela libertação.²³⁸

Para Comblin, o grande sinal visível da Igreja é o da solidariedade com os pobres e sofredores. Assim, ela é o povo do Deus solidário com a humanidade. A Igreja é portadora da mensagem da esperança, pois o Evangelho é boa notícia. Quem espera por boas notícias? O povo empobrecido.²³⁹ O povo quando perde a esperança deixa de ser povo. O que o caracteriza é acreditar que a sua vida pode melhorar, quando se tem consciência de sua fragilidade é que se espera algo, e se une para superar. A esperança é a marca dos pobres.²⁴⁰

Animar a esperança e a solidariedade do povo é parte da missão da Igreja. Os pobres só têm a Deus por eles, confiam em Deus e descobrem que contam com Ele através da Igreja. As elites e oligarquias na América latina, locupletadas, não suportam a palavra “povo”, não têm algo em comum com o povo de Deus, a exemplo dos saduceus no tempo de Jesus, não esperam mais nada. Estão escravizadas pelo ter e pelo poder. Não são livres para servir e ir ao encontro do povo dos pobres. Por isso, uma Igreja, povo de Deus, não lhes diz nada, muito menos uma Igreja dos pobres.

Comblin foi um dos que investiu energias vitais e capacidade intelectual na construção da Igreja dos pobres. Ele comungava reflexão e ação com outros teólogos, agentes de pastoral, bispos, padres. Os pobres se puseram a caminhar e organizar-se como povo de Deus. Conhecedor da realidade latino-americana tinha visão ampla da evolução dos pobres nos movimentos por libertação. Sabia de que maneira se concretizava a Igreja aliada dos pobres, solidária e animadora da esperança. Realimentado na esperança de uma Igreja com o rosto latino-americano, Comblin caminhou para o Nordeste onde conheceu e experimentou a Igreja dos pobres em efervescência.

2.3 No semiárido nordestino Comblin descobre a Igreja dos pobres

Em janeiro de 1964, o Padre José Comblin e alguns companheiros belgas vão ao Nordeste do Brasil pela primeira vez, numa das férias do Seminário de Santiago do Chile, onde dava aulas. Comblin e seus companheiros conheceram em Fortaleza o padre Hélio Campos na experiência dos grupos de base do Pirambu. Em Recife, estiveram com o padre

²³⁸ Ibidem, p. 159-160.

²³⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 163.

²⁴⁰ Ibidem, p. 162.

Marcelo Cavalheira e a equipe do Seminário de Camaragibe. Comblin é convidado para integrar a equipe. Em julho do mesmo ano, retorna ao Nordeste, conhece Dom Hélder Câmara, fica impressionado com a humildade daquele pequenino homem. Decidiu voltar ao Brasil logo que o contrato com a faculdade de Santiago terminasse e aceitou o convite para trabalhar na Igreja de Olinda e Recife ao lado de Dom Hélder.²⁴¹

Comblin mergulha na realidade nordestina, através da missão na Igreja de Olinda e Recife, ao lado de Dom Hélder Câmara e seus colaboradores, dando aulas no Instituto de Teologia e Pastoral do Recife (ITER). Dom Hélder cheio do entusiasmo do Pentecostes, que foi o Concílio Vaticano II, procurava implantar as orientações conciliares em sua arquidiocese. Era tempo de muita criatividade pastoral no novo jeito de exercer o ministério episcopal. O “Dom” acolhia a todos, mas de maneira especial aos pobres, que sentiam nele o amor preferencial de Deus. Visitava constantemente as periferias e favelas, buscou diálogo com outras igrejas e culturas e investiu na renovação litúrgica e catequética.

Colaborador direto da ação pastoral de Dom Hélder, Comblin dedicou-se à formação dos futuros pastores do povo de Deus, com aulas no ITER, entremeadas pelas assessorias às comunidades eclesiais de base e aos movimentos sociais, na caminhada profética de Igreja a serviço dos pobres. Nascerá desta experiência a Teologia da Enxada, iniciada com grupo de seminaristas do ITER, que consideravam a teologia muito acadêmica, embora de cunho progressista. Desejavam novo método de estudo que os pusesse em contato direto com os pobres do meio rural, onde aprendessem no meio do povo o serviço pastoral. Iniciaram em 1969 duas comunidades inseridas no meio rural, uma na Paraíba e a outra em Pernambuco.

Segundo Mônica Maria Muggler, os seminaristas elaboraram com o Padre José Comblin a metodologia que favorecia o diálogo dos estudos teológicos com a cultura religiosa popular do mundo rural. A parte da manhã era dedicada ao trabalho na agricultura, a tarde ao estudo e as noites às visitas e à participação nas atividades da comunidade. Padre José Comblin dava aulas no Instituto de Teologia do Recife (ITER), e acompanhava os dois grupos de seminaristas da Teologia da Enxada, através de visitas periódicas, que duravam três ou quatro dias a cada equipe²⁴².

A ditadura militar fechava o cerco em torno de Dom Hélder e colaboradores. Em 24 de março de 1972, quando retornava da Bélgica, o padre José Comblin foi impedido de desembarcar no aeroporto do Recife e levado ao Rio de Janeiro para interrogatórios pela

²⁴¹ MUGGLER, Mônica Maria. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*, op. cit., p. 81.

²⁴² *Ibidem*, p. 86-87.

polícia, em seguida mandado de volta para a Europa. Acabou acolhido no Chile. No exílio, Comblin sistematizou a experiência do seminário rural e da Teologia da Enxada que foi publicada em quatro tomos sob o título: *Breve Curso de Teologia*.²⁴³ O exílio durou oito anos até ser expulso do Chile pela ditadura de Pinochet.

Após oito anos de espera ansiosa, ajudado por Dom Paulo Evaristo Arns, Comblin consegue retornar ao Brasil. Volta a trabalhar na Igreja do Nordeste brasileiro, onde um grupo de missionários da Teologia da Enxada e o povo de Deus o aguardavam.²⁴⁴ Segundo Muggler, “A primeira iniciativa de Comblin ao chegar do exílio foi reunir as equipes da Teologia da Enxada e alguns colaboradores – religiosas, leigos e sacerdotes que atuavam na mesma linha”. Depois de vários dias de muita partilha, reflexão e oração elaborou-se um plano com projetos específicos, para fortalecer a Igreja povo de Deus, dentre eles, a retomada das Santas Missões Populares.

Sob a assessoria de Comblin, aqueles agentes de pastoral leigos, religiosas e padres, optaram por retomar o sentido das santas missões populares e resgatar a figura do padre Ibiapina. Com isto queriam dar ênfase à vivência comunitária da fé, em sintonia com as necessidades do povo de Deus. A ideia tomou corpo e espalhou-se por várias comunidades do Nordeste. Envolveu muita gente e comunidades, a ponto de nascer daí a Associação dos Missionários do Nordeste (AMINE) que, até o presente, prossegue na caminhada.

No semiárido nordestino, Comblin descobriu a experiência missionária do Padre José Antonio Maria Ibiapina, lembrado pelo povo como o Padre Mestre, ou mais recentemente, o Apóstolo da Caridade no Nordeste. Reconhece que o grande missionário foi ao encontro dos desprezados de sua época, movido pela compaixão solidária, e criou experiência original de Igreja com rosto sertanejo, no jeito de rezar e de trabalhar. Mobilizou, através da palavra, multidões para o trabalho em mutirões e, a exemplo de Jesus e dos profetas, sua práxis foi também desqualificada pelo poder.

Comblin considerou o Padre Ibiapina o maior missionário do Nordeste e denunciou que houve “injusto silêncio, quase uma reprovação” da pessoa dele: “Nada mais injusto do que o esquecimento em que caiu o grande missionário do Nordeste. Se tivesse tido continuadores a face da Igreja do Nordeste e no Brasil teria podido ser diferente”²⁴⁵. É preciso conhecer e recuperar as intuições pastorais do Padre Ibiapina no meio do povo simples e humilde dos sertões.

²⁴³ MUGGLER, Mônica Maria. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*, op. cit., p. 88.

²⁴⁴ Ibidem, p. 171.

²⁴⁵ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 9.

Desenvolveu-se grande admiração pela ação missionária e pastoral do Padre Ibiapina em toda a Igreja dos pobres do Nordeste. Comblin fala com clarividência: “De todos os sacerdotes que foram adotados pelo povo sertanejo, Ibiapina foi o mais puro, o mais lúcido e o mais inteligente, o mais digno de permanecer na memória dos pobres e de ser proposto aos missionários como modelo”²⁴⁶.

Ibiapina foi estudante no seminário de Olinda, em 1823, por pouco tempo, e foi morar com os padres Oratorianos. Entrou em contato com duas vertentes da mística cristã: a formação no Convento Madre de Deus no Recife, com os oratorianos, cuja espiritualidade é a fé útil, baseada no serviço concreto ao próximo²⁴⁷, e a espiritualidade beneditina, através da regra de São Bento, *Ora et labora*.

Segundo Comblin, “Padre Ibiapina ordenou-se aos 47 anos depois de uma carreira de advogado, juiz de direito, deputado nacional no Rio de Janeiro [...] Tinha sido um jurista brilhante e o advogado dos pobres e das causas perdidas”²⁴⁸.

O historiador da Igreja e teólogo Eduardo Hoornaert escreveu um texto intitulado *5 reflexões sobre o padre Ibiapina*, em homenagem póstuma a Comblin. Hoornaert, publicado pela ADITAL. Diz o texto de Hoornaert que o grande missionário do nordeste, na convivência com os oratorianos holandeses no Recife, teria mantido contato com a experiência laical da *Devotio Moderna*. O movimento leigo da *Devotio Moderna* surgiu na Holanda dos séculos XIV-XV e colocou a santidade ao alcance de todos, no modo de vida simples, não mais restrito aos conventos e mosteiros, como foi por toda a cristandade.²⁴⁹

Segundo Comblin, após a trágica morte do pai e do irmão na Confederação do Equador, vitimados pela repressão do Império, o jovem Antonio Ibiapina retorna ao Ceará para cuidar dos irmãos. A mãe também viera a falecer. Sofreu a dura orfandade e privações financeiras, pois os bens da família foram confiscados pela Coroa. Volta para Olinda e entra no curso de Direito, aos 26 anos torna-se bacharel e de 1832 a 1850 exerce, de forma brilhante, os ofícios do Direito na defesa dos injustiçados.²⁵⁰

É nomeado juiz de direito e chefe de polícia em Quixeramobim-CE. Em 1834 é eleito deputado nacional com a maior votação da província. Comblin nos diz que o jovem juiz e

²⁴⁶ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 10.

²⁴⁷ COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 18.

²⁴⁸ Ibidem, p. 7.

²⁴⁹ HOORNAERT, Eduardo. 5 reflexões sobre o padre Ibiapina. *ADITAL - Notícias da América Latina e Caribe*, Fortaleza, 02 maio 2011. Disponível em: <www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=56034>. Acesso em: 09 maio 2011.

²⁵⁰ COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*, op. cit., p. 19-20.

deputado “em ambas as áreas encontrou ilusões e dissabores”. Decepcionado com as injustiças da terra e a política dos coronéis, o advogado Ibiapina faz uma experiência pessoal de três anos de reclusão (1850 a 1853), saindo de casa somente para a missa e comprar alimento.²⁵¹

Segundo Hoornaert, depois de refletir amargamente sobre as grandes atrocidades e injustiças da sociedade do século XIX, feitas aos pobres, órfãos, prostitutas, pedintes, milhares de infelizes desafortunados, Ibiapina chora e conquista o “dom das lágrimas”. Emerge aos poucos a figura do missionário. “É mais útil ser missionário que advogado”, pensa ele. O termo útil é fortemente usado na *Devotio Moderna*. A vida tem de ser útil, a espiritualidade também: “A sua fama de estudioso e fervoroso católico impressiona o bispo que lhe manda perguntar por um dos seus amigos se não gostaria de ser padre. Ele responde que sim e é quase imediatamente ordenado”²⁵².

Com breve exercício de magistério no seminário, larga as possibilidades que se abriam no campo da hierarquia eclesiástica se deixando, como o Bom Pastor, comover pelas vítimas da grande epidemia de cólera, que dizimava sobremaneira os empobrecidos. Torna-se peregrino nos grandes sertões do semiárido e vai ao encontro dos deserdados da sociedade, na prática concreta do Evangelho da Caridade e da Justiça:

‘Ele tinha entrado no âmago de nossa sociedade, tinha visto em todas as suas faces e toda a sua hediondez a miséria em que se debatem as classes menos favorecidas da fortuna’ (Crônica 14). Ibiapina contemplou a face da miséria e ela o converteu, pois lhe revelou a Face sofrida do próprio Deus [...].²⁵³

Por força da profissão do pai, que exercia pelo interior do Ceará a profissão de tabelião, quando criança, Ibiapina conhecera várias regiões do Estado, a começar pelo Icó e, depois para os Cariris Novos, chão onde terá início sua peregrinação missionária. O Padre José Antonio de Maria Ibiapina, filho de Sobral, ex-juiz de Direito, ex-deputado nacional, realizou profícuo trabalho missionário. “Durante 16 anos, Ibiapina, percorreu incansavelmente o Nordeste a pé, a cavalo, de liteira, em carro de boi”²⁵⁴. Aproximou-se dos pobres e tornou o Evangelho da Justiça e da Caridade próximo do povo sertanejo mais sofrido.

Comblin fala que a Igreja Latino-americana ao fazer a opção preferencial pelos pobres,

²⁵¹ COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*, op. cit., p. 21-24.

²⁵² COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 11.

²⁵³ HOORNAERT, Eduardo. *Crônica das casas de caridade fundadas pelo padre Ibiapina*, op. cit., p. 14.

²⁵⁴ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 11.

manifesta o desejo de evangelizar os pobres, o que significa devolver aos pobres a Palavra de Deus, a fala sobre Deus, a teologia, e devolver-lhes também a fala com Deus, a oração. Foi imposta uma oração formal, uniforme e repetitiva ao povo de Deus. Restou ao pobre ouvir obedientemente ou repetir as fórmulas prontas. Foram tiradas criatividade e espontaneidade da oração. A oração dos pobres não pode ser súplica de escravo ou mendigo, passiva ou submissa. É algo que vem de dentro do seu ser.²⁵⁵

Devolver aos pobres a Palavra de Deus, a palavra sobre Deus e a fala com Deus faz parte da evangelização na América Latina. Comblin reflete sobre a força e o poder da Palavra nos dias de hoje. Porque há tanta indiferença, aborrecimento e o não entendimento de muitas pessoas diante das falas da Igreja? Haverá “uma barreira entre o mundo contemporâneo e os discursos eclesiais. Será que nós perdemos o segredo da palavra forte de Deus?”²⁵⁶.

Refletiremos, à luz do pensamento de Comblin em que a ação pastoral do Padre Ibiapina possibilitou aos pobres assumirem sua missão sacerdotal, profética e pastoral de povo de Deus? De que forma favoreceu a autonomia e o protagonismo dos pobres no semiárido? Por que a palavra do Padre Ibiapina teve ressonância no coração e na consciência de milhares de sertanejos? De onde vinha a força das palavras daquele homem?

2.3.1 “Não percam tempo” buscai a eternidade na reconciliação e no trabalho!

Comblin lembra-nos que, na ação missionária de Jesus, não havia separação entre vida pública e vida interior com Deus. Quanto mais Jesus rezava, mais se fazia presente na vida das pessoas e mergulhava na realidade da dor humana. “Quanto mais atividades, mais intensa deve ser a vida de oração. A missão exige homens e mulheres de vida interior intensa, integrais, inteiros no que fazem, cheios do Espírito de Deus, de profundo recolhimento interior e atitude de oração permanente”²⁵⁷.

Compreende-se a admiração que Comblin nutriu pelo Padre Ibiapina, devido à sua intensa atividade missionária em favor dos pobres e à sua vida dedicada à oração. O profícuo apostolado do Padre Mestre estava fortalecido na mística do trabalho a serviço do próximo, em vista da vida eterna. O Padre Mestre recuperou a dimensão escatológica do povo de Deus numa perspectiva diferente dos demais missionários, que passaram pelo sertão anunciando o fim do mundo. Ibiapina une a esperança da vida eterna à esperança de dias melhores, no

²⁵⁵ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 5.

²⁵⁶ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 9-10.

²⁵⁷ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 7.

exercício efetivo da caridade e do perdão.

Na “crônica do século XIX, escrita por colaboradores e amigos do Padre Mestre”, descreve-se uma visão que ele teve com a palavra Eternidade. Ao tentar tomar nota do que viu, não o conseguia pela “afluência de lágrimas aos olhos que ele sentava o nome e as lágrimas o apagavam; de sorte que não pode tomar nota. Era então dia de S. Jerônimo [...] e, desde logo esse homem deu as costas ao mundo e procurou encher o destino que a Providência lhe marcou”²⁵⁸.

As palavras do Padre Ibiapina moviam as pessoas, penetravam como flechas acesas no coração de seus interlocutores e provocava conversões e atitudes concretas de vida. Eram palavras pronunciadas com autoridade, pois falava do que vivia. Deixou todas as honrarias civis que usufruía: a Magistratura e o Direito, a carreira de professor e deputado nacional. Vendeu tudo o que tinha deu aos pobres e enclausurou-se livremente por três anos no Recife, numa vida austera de oração, meditação e estudo.²⁵⁹

Ordenado padre, pelo bispo de Olinda e Recife, recebeu vários cargos da Igreja e, movido pelo senso de justiça e solidariedade, que recebera da família e da escola da vida, largou tudo, deixou as comodidades da capital e se embrenhou nos sertões ao encontro dos abandonados da “sorte”. Comblin, ao falar do homem messiânico, o caracteriza como ser da liberdade. Ser livre é ir ao encontro do outro, reconhecer e acolher a dignidade do outro e colocar-se a serviço.²⁶⁰

Movido pela liberdade, que se chama Deus, o Padre Ibiapina foi tocado pela situação dramática dos pobres do sertão, que morriam sob o surto de cólera e pela fome na grande seca. Foi ao encontro dos coléricos e famintos. Para ele, não se podia perder tempo no serviço da caridade ao próximo. A força de suas palavras impactavam as populações que o ouviam. Movido pela busca da eternidade, sem amedrontar as pessoas, as estimulava à reconciliação urgente, num contexto marcado por violências e sentimentos de vingança.

Com a máxima “Não percam tempo”, o Padre Ibiapina vivenciou sua espiritualidade do trabalho, não apavorou as pessoas com estórias do “fim do mundo”, sua palavra era entendida pelo povo simples. Lembrou ao povo que é preciso trabalhar pela vida eterna, através do amor concreto ao próximo, no perdão mútuo e no serviço: “Um dos grandes pecados contra a caridade é o egoísmo, que vem a ser cuidar só de si [...]. Não nascemos para

²⁵⁸ CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina: a crônica do século XIX escrita por colaboradores e amigos do Padre mestre atualizada com notas e comentários*. Passo Fundo, RS: Berthier, 2008. p. 56.

²⁵⁹ COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*, op. cit., p. 24.

²⁶⁰ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 33-36.

nós; cada planta deve dar seu fruto e se não der, deve ser arrancada e lançada ao fogo, como figueira infrutuosa”²⁶¹.

Segundo Comblin, “A primeira oração, aquela que Ibiapina mais valoriza é a oração do trabalho. Ele não é homem que se deixa impressionar nem iludir pelos falsos misticismos. Acima de tudo está a ocupação constante a serviço do próximo”²⁶². O verdadeiro estado de graça, consolação, paz interior e felicidade, é alcançado por quem ocupa com fervor o tempo no serviço a Deus.²⁶³

Movidas pela espiritualidade do trabalho, as Casas de Caridade se mantinham através do artesanato e com os teares. Além do cuidado com as órfãs, atendiam a todos os abandonados e “desgraçados”. As irmãs realizavam diversos serviços aos doentes, do banho à alimentação até catar piolhos e tirar bichos de pé nas crianças. Escreve-lhes o Padre Mestre:

Os soberbos não se salvam; o desobediente é soberbo. Daremos contas a Deus do tempo perdido; porque seremos castigados pelo pecado, e pelo bem que não fizemos. Não há tempo a perder: todas as horas são de Deus; por isso sejam empregadas todas as horas do dia nos trabalhos de casa que são de Deus, na oração e em caminhar para a perfeição.²⁶⁴

Trabalhar, sem perder tempo no serviço quebra a soberba e leva à humildade, caminho para a reconciliação com Deus e o próximo. Padre Mestre incentiva a busca da eternidade através da reconciliação com o próximo, num Nordeste do século XIX marcado pela violência e injustiças. O próprio Ibiapina trazia essa marca na sua alma. Perdera o pai, Francisco Miguel e o irmão mais velho, Alexandre Raimundo, que lutaram por liberdade na Confederação do Equador em 1824.²⁶⁵ Com os bens da família confiscados pelo império, perde também a mãe. Sofre a dor da violência e da orfandade de maneira cruel. Deixou o seminário para cuidar dos irmãos.

A experiência dolorosa, que Ibiapina atravessara na juventude, moldou o seu caráter austero, seu senso de justiça e a solidariedade aos sofredores e abandonados. Ao chegar a um

²⁶¹ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 29. Estas são palavras do Padre Ibiapina nos manuscritos.

²⁶² COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 22.

²⁶³ Ibidem, p. 27-28.

²⁶⁴ Ibidem, p. 47-48. “Esta carta é como um resumo da Espiritualidade que o Padre Ibiapina queria transmitir às irmãs da Caridade. Toda a sua espiritualidade, forte, realista, austera e dura se exprime nesta carta. Trata-se de uma espiritualidade fundada no trabalho e no serviço material aos abandonados”.

²⁶⁵ COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*, op. cit., p. 19. O pai foi fuzilado em maio de 1825, e o irmão exilado em Fernando de Noronha e, dado como morto sem maiores esclarecimentos. Os bens da família foram confiscados. José Antonio Ibiapina teve de abandonar o seminário e voltar ao Ceará. A mãe também falece. José Antonio Ibiapina experimenta a dor da violência, da orfandade e, ao mesmo tempo a necessidade financeira. Assume o cuidado dos irmãos menores. Segundo José Comblin, “graças a ajudas poderosas e não conhecidas”, retorna a Olinda e coloca os irmãos na casa de parentes e é recolhido no mosteiro de São Bento para continuar os estudos no seminário.

povoado, vila ou cidade, a pregação primeira do apóstolo da Caridade era voltada para a paz entre as famílias daquele lugar. Exortava todos à reconciliação entre si e com Deus no sacramento. Era uma pregação forte que mexia com os sentimentos das pessoas. No final se perdoavam e abraçavam numa grande alegria. Afastada a desunião o povo era convocado para as obras da Caridade:

Tendo falado sobre o amor do próximo, propôs a reconciliação nessa noite, dizendo: ‘Ficarei muito mal servido se souber amanhã que alguém deixou de reconciliar-se esta noite; espero não passar por esse dissabor’. Às doze horas da noite a música percorria as ruas, celebrando com vivas e entusiasmo a paz e confraternização. Inimigos figadais se haviam procurado e perdoado com tanta facilidade, como se fossem pequenas rixas políticas. Assim no resto da missão que durou somente nove dias, sete a oito mil pessoas que a ela assistiram eram como uma só família [...].²⁶⁶

“Não percam tempo”. Busquem a eternidade, no perdão que gera a união, da união para o trabalho redentor das misérias. Palavra que gera ação e vida nova. Uma palavra cheia do amor de Deus ecoou naqueles corações despedaçados pela opressão, violência e injustiças. Renova-se a esperança aos pobres abandonados pelo Estado e demais instituições distantes dos grotões do Nordeste.

Padre Ibiapina foi ao encontro dos pobres e através de palavras simples reconstruiu a vida do povo, renovou a esperança que move as pessoas. Construiu mais que obras materiais: capelas, cemitérios, asilos, casas de caridade, açudes. Pela sua palavra cheia de fé e esperança, edificou o povo de Deus, povo dos pobres que estava disperso, abandonado e desesperançado. O Padre Mestre sabia usar as palavras que chegavam ao coração do povo simples. Fez os pobres acreditarem na força da união e que “Pequeno não existe. Grande só Deus”.

2.3.2 Na força da Palavra liberdade para anunciar “Ninguém é pequeno. Grande só Deus!”

Segundo Comblin, em todas as épocas da história da Igreja o evangelho autêntico foi vivido intensamente por minorias fervorosas, que não se conformavam com o esquema dominante. Precisamos refazer a conexão com toda essa tradição, muitas vezes subterrânea que, no meio de tanta invasão cultural, manteve a fidelidade ao evangelho de Paulo e de João, ao evangelho de Jesus nos sinóticos, ao evangelho dos mártires e santos. Essa é a tradição que mantém viva a chama da liberdade evangélica.²⁶⁷

Comblin analisa que a forma como foi evangelizada a América Latina, sob o Regime

²⁶⁶ CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina*, op. cit., p. 58.

²⁶⁷ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 6.

do Padroado, dificultou o real conhecimento do Evangelho de Cristo, transmitido por Paulo: “É para a liberdade que Cristo nos libertou.” (Gl 5,1) e por João “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 14,7). Percebeu que as atitudes de submissão, medo e resistência dos pobres em se organizar e lutar pelos seus direitos básicos, tem sua raiz na falta de uma educação para a liberdade e de uma evangelização libertadora.²⁶⁸

A evangelização, associada ao projeto colonizador de dominação e submissão dos povos nativos às coroas portuguesa e espanhola, obnubilou a liberdade da mensagem evangélica. A aliança da Igreja com os poderes do mundo dificulta e, muitas vezes, impede a liberdade profética de anúncio e denúncia do que na sociedade está contrário ao Reino de Deus.

A Igreja é chamada, da mesma forma que os profetas do Antigo Testamento, e o próprio Jesus, a comunicar a vocação do povo de Deus à liberdade. Pela missão profética, a Igreja comunica a liberdade da humanidade em Jesus Cristo. A opção pelos pobres decorre da vocação à liberdade.²⁶⁹

À luz dessas reflexões de Comblin analisamos a importância da ação missionária do padre Ibiapina. No semiárido do século XIX, a Igreja ainda estava aliada do Estado e frequentava muito mais a casa dos coronéis que a choupana de barro dos pobres. Por que o peregrino da Caridade fez a grande diferença?

Comblin entende que o testemunho do pai e do irmão mais velho martirizados na luta por liberdade, a dura orfandade e as privações financeiras, fortaleceram no juiz e deputado, e mais tarde no missionário José Antonio Ibiapina, a consciência de justiça social e solidariedade com os pobres. No período em que trabalhou com a justiça assumiu as causas dos pobres e assim ficou conhecido e respeitado na Paraíba e no Recife.²⁷⁰

Percebemos a firmeza espiritual com que o padre Ibiapina desprende-se dos cargos eclesiásticos dados a ele pelo bispo de Olinda, que a seu pedido o dispensou dos encargos confiados.²⁷¹ Um testemunho profético de renúncia. Enquanto muitos entram na vida religiosa com espírito carreirista e reivindicam os melhores lugares para trabalhar, o Padre Ibiapina se embrenha nos grotes do semiárido, onde ninguém interessava ir.

Foi ao encontro dos pobres de Deus: “Ele tinha entrado no âmago (amargo) da nossa sociedade, tinha visto em todas as suas faces, toda a sua hediondez, a miséria em que se

²⁶⁸ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 9.

²⁶⁹ Ibidem, p. 12.

²⁷⁰ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 21-23.

²⁷¹ CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina*, op. cit., p. 35.

debatem as classes menos favorecidas da fortuna”²⁷². Com liberdade, dirigiu-se ao humilde povoado de Gravatá do Jaburu-PE e inicia a obra da Caridade com um hospital para atender os coléricos.²⁷³

Padre Ibiapina adentrou nos sertões nordestinos e contemplou a face de Deus nos pobres lavradores sem terra, nos descendentes dos kariri, nos escravizados, nas órfãs, mulheres violentadas, viúvas e crianças “bastardas”, que não eram respeitadas na dignidade de filhas de Deus. O olhar de solidariedade e compaixão pelo povo sofredor do missionário lembra o olhar de Moisés, dos profetas de Israel e do próprio Jesus. É o olhar messiânico, de quem enxerga o mundo com os olhos de Deus, do Deus que faz aliança com os escravos e empobrecidos e toca o coração dos homens e mulheres de boa vontade.²⁷⁴

Sabia que não contava com ajuda de ninguém para onde se dirigia. Era século XIX, ainda em vigor o trabalho escravo no Brasil e, de maneira profética, recuperou a dignidade do trabalho. Na força da palavra reunia milhares de pessoas e despertava a esperança de dias melhores para o povo que vivia no isolamento, sem presença e assistência das instituições.

Fez emergir de dentro das pessoas as melhores energias da solidariedade, da cooperação e do voluntariado. Não levou ninguém de fora e contou com os recursos do próprio lugar. Em poucos dias se erguiam as capelas, cemitérios, lazaretos, açudes e as Casas de Caridade. Despertou vocações nativas para trabalhar nas Casas da Caridade.²⁷⁵

Proferia palavras que agregavam as pessoas, exortava à conversão de vida e lhes recuperava a dignidade ao afirmar: “Pequeno não existe e Grande só Deus”. Uma nova práxis social se fazia iluminada pelo Evangelho. Sem anunciar um programa de enfrentamento dos poderosos ou transformação social, tratou a todos de maneira igual e contou com a força dos pobres. Padre Ibiapina inaugura, com a “Oração do trabalho” e o “Programa da Caridade”, um jeito humano de trabalhar e se relacionar. Diante do êxito das missões, o cronista capta e revela a força que movia o Padre Mestre:

Agora o que me arrebatava o pensamento é o poder da palavra. Como se opera essa maravilha que excede a todas?! [...] Oh! Bom Deus, explicai-me onde existe este mistério, o poder da palavra! [...] O homem não conhece; [...] Deus, e somente ele, poderia obrar tanto, com tão fraco meio, uma ação tão poderosa. Viva o nosso bom Deus!²⁷⁶

²⁷² Ibidem, p. 36.

²⁷³ ARAÚJO, Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 296-298.

²⁷⁴ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 32-33.

²⁷⁵ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 12-13.

²⁷⁶ CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina*, op. cit., p. 47-48.

Padre Ibiapina concretizou, no semiárido, o jeito messiânico de ser humano, de sentir a dor do outro e se comprometer com ações concretas em favor da vida digna. É Deus quem chama, capacita e envia ao mundo, com o olhar compassivo, a palavra criadora e os gestos de solidariedade. A missão Ibiapina suscitou muitas vocações para o serviço ao povo, libertou pessoas do egoísmo, restaurou a dignidade dos pobres e sua pertença ao povo de Deus. Revelou-se em suas ações o Espírito da liberdade que moveu Moisés, os profetas, Jesus e os apóstolos e continua presente na história:

Os pobres reapareceram oficialmente com João XXIII. Antes dele, tiveram vida clandestina na Igreja: a clandestinidade de Canudos, de Padre Cícero Romão Batista de Juazeiro do Norte, de Pe. Ibiapina. O evangelho foi anunciado, porém clandestinamente. Os que o anunciaram publicamente foram expulsos.²⁷⁷

2.3.3 O Bom Pastor faz Aliança com os pobres para o bem viver: “Nada faltará”

Entre os anos de 1860 a 1876, o padre Ibiapina escolheu e viveu a itinerância. Percorreu de maneira incansável o vasto território da diocese de Olinda que, na época, compreendia as províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas. “Entrou também no Ceará e no Piauí onde acabava de ser fundada a diocese de Fortaleza. Dentro de um vasto território – mais ou menos 600 mil km -, o missionário andou a pé ou a cavalo [...]”²⁷⁸.

O missionário Ibiapina transmitiu a boa nova do evangelho muito mais pelo testemunho de vida do que pelos escritos. Renunciou à carreira jurídica e eclesiástica numa época em que a relação entre o clero e a sociedade estabelecida chegava ao ápice. Rompeu com a lógica social e eclesial e optou pela itinerância rumo ao incerto. Desprezou todas as suas qualificações profissionais que o fariam triunfar naquela sociedade. Saiu do estruturado para o mundo não estruturado dos sertanejos pobres, totalmente isolados das atenções institucionais.²⁷⁹

Comblin pergunta-se pelas motivações da opção do padre Ibiapina e conclui: “Ibiapina vai ao encontro de Deus ao escolher o mundo ‘selvagem’ do interior. Aí estão os pobres de Deus [...] Naquela época, as cidades são para o clero a segurança, as honras, os privilégios da

²⁷⁷ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 314.

²⁷⁸ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 24. Comblin apresenta um resumo do itinerário missionário de Ibiapina entre as páginas 24-29.

²⁷⁹ COMBLIN, José. Ibiapina, o Missionário. In: CEHILA, Georgette Desrochers; HOORNAERT, Eduardo (Org.). *Padre Ibiapina e a igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 119-120.

classe dirigente. O interior é a insegurança, a indefinição social”²⁸⁰. Um relato das Crônicas revela-nos o fervor missionário do padre Ibiapina nos idos de 1864:

No fim do mesmo ano o nosso solícito Apóstolo saiu pressuroso, subindo montes e descendo vales, atravessando bosques escuros, na figura do Bom Pastor, para arrebanhar as ovelhas desgarradas. Ultrapassa a diocese de Pernambuco e entra na do Ceará, sua província. Quem poderá descrever com vivas cores os sentimentos de amor a Deus e ao próximo com que ele apareceu? [...] não leva em conta os aplausos e elogios que de todos recebe. O reino de Deus lhe basta.²⁸¹

É-nos dado a conhecer a mística que moveu o grande missionário no cuidar das ovelhas abandonadas: “[...] quanto não fez o amor de Deus, vivo, sólido e constante em sua alma já enamorada das belezas, das bondades de seu Deus, e possuída de sua Caridade Santa”²⁸². Possuído pela Caridade Santa, Ibiapina opta pelos pobres. O padre Ibiapina identificou-se com o povo sofredor dos sertões e fez com que o povo se identificasse com ele. Entrou em sintonia com os pobres dos campos e pés de serra e criou uma pastoral a partir deles.²⁸³

Contemplou com os olhos do Bom Pastor a face hedionda da fome e da miséria. Experimentara a dor da perda e das privações na orfandade, nelas acumulou energias para converter desespero em esperança, apatia e resignação em indignação ética e criatividade para superá-las. A vivência na área do direito e da política fortaleceu a consciência do descaso e abandono com que os pobres eram tratados e moldaram o caráter austero, justo e solidário do missionário e do pastor.

A reclusão voluntária de três anos dedicados à oração, meditação e leitura da Palavra e da Patrística clareou-lhe a tomada de decisões. Ibiapina fez opção pelos pobres sem ingenuidades, com lucidez e vontade de fazer algo de útil em favor dos abandonados daquela época. Diz-nos Comblin: “a maior preocupação de Ibiapina foi a de formar um povo, uma comunidade onde não existissem indivíduos isolados sem proteção e sem leis”²⁸⁴.

²⁸⁰ COMBLIN, José. Ibiapina, o Missionário, op.cit., p. 121-122.

²⁸¹ CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina*, op. cit., p. 51, 53. Quem desejar conferir as viagens do Padre Ibiapina os detalhes das pregações e a mobilização do povo para as obras da Caridade, veja as Crônicas das Casas de Caridade, 1981, de Eduardo Hoornaert. Mais recente o Pe. Ernando Luiz Teixeira de Carvalho organizou as informações inclusas nas Crônicas das Casas de Caridade (CCC) de Hoornaert, os escritos de Paulino Nogueira, primeiro biógrafo do Pe. Ibiapina. O trabalho do Pe. Ernando L. Teixeira foi considerado por Comblin o que de mais completo existe até hoje escrito da época, por pessoas que acompanharam o Padre Ibiapina e, alguns escritos do próprio missionário.

²⁸² Ibidem, p. 51.

²⁸³ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 16.

²⁸⁴ COMBLIN, José. Ibiapina, o Missionário, op.cit., p. 122.

Encarnou-se na vida dos pobres que viviam isolados nos sertões, penetrou no tecido social dos pobres: “[...] entrou no povo do seu tempo, tornou-se um elemento integrante desse povo [...]. Foi adotado, entrosado, assimilado pelo povo do interior”²⁸⁵. Exortou as pessoas à busca da eternidade, na reconciliação e no trabalho a serviço do próximo: “Tratava-se de convocar o povo para as obras de Jesus, as obras da ‘Caridade’. [...] O centro da missão era o trabalho feito para o bem de todos. Ibiapina repetia incansavelmente que a verdadeira oração é aquela que se faz com as mãos”²⁸⁶.

Padre Ibiapina contou com os valores e as forças locais: pessoas solidárias e materiais não faltavam. Convidou-as para o mutirão, prática esporádica encontrada no meio rural entre os camponeses e remanescentes indígenas. Venceu o individualismo do isolamento a partir do que já existia, moveu milhares de pessoas nas obras da Caridade, que eram concluídas em poucos dias. Fortaleceu o espírito comunitário dos pobres através dos valores evangélicos já existentes entre os pobres a hospitalidade e a solidariedade.

Reunia e organizava os pobres para a solidariedade. Por exemplo, em Barbalha-CE, o missionário mobilizou cerca de doze mil pessoas que ouviram a palavra e se puseram ao serviço das obras da Matriz, do cemitério dos coléricos e da cacimba do povo. Foram muitos os sinais de conversão no abandono dos vícios e reconciliação de inimigos. Grande foi o entusiasmo com que o povo na missão de Goianinha, distrito de Missão Velha-CE, formou várias equipes de trabalho e, em poucos dias, estavam construídos um açude e a capela do lugar.²⁸⁷

Padre Ibiapina uniu as forças dos pobres e fez aliança com eles. Mostrou que o semiárido é autossustentável. Demonstrou de maneira sensível e inteligente que os pobres reunidos realizam o milagre da partilha e a vida se transforma. O padre Mestre reanimou a fé e a esperança de dias melhores, através da caridade exercida pela espiritualidade do trabalho. Ninguém era excluído, os ricos do lugar eram acolhidos na missão, entravam nos mutirões populares e punham seus bens a serviço das obras da Caridade. Diz-nos o Cronista:

Seguiu para a povoação de Gravatá e seu piedoso coração sentia a repetição de tantas misérias humanas e se partia de dor... Já conhecia o poder misterioso de sua palavra; já tinha falado ao povo em crises difíceis de resolver, e o efeito seguia-se à palavra. Chegando em Gravatá tomou por protetores os Sacratíssimos Corações de Jesus e Maria e começou o primeiro edifício da Caridade. Se a sua fé era grande, a sua expectativa não foi menor, quando viu a facilidade com que se levanta uma

²⁸⁵ COMBLIN, José. Ibiapina, o Missionário, op.cit., p. 125.

²⁸⁶ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 14, cf. nas Instruções e máximas morais do padre Ibiapina às irmãs das Casas da Caridade, n. 33-34, p. 34.

²⁸⁷ ARAÚJO, Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*, op. cit., p. 390-393.

Casa. E em que lugares? Onde os recursos da vida eram mais difíceis; onde havia menos probabilidade e mais obstáculos a vencer. À sua voz parecia que se levantavam as pedras.²⁸⁸

Construiu uma pastoral restauradora da dimensão comunitária do povo de Deus e dedicou-se à vida concreta dos pobres: falta d'água, doenças, abandono, fome, desemprego e analfabetismo. Cuidou ao mesmo tempo da oração, da reconciliação e da disciplina moral contra os vícios. Assumiu a atitude do Bom Pastor que quer vida plena das suas ovelhas (Jo 10,10). Nas dificuldades, afirmava confiante na Providência: “Nada faltará”:

É maravilhoso vê-lo lançando os fundamentos de uma casa que deve acomodar talvez cem pessoas, sem ter de seu um real, e se alguém lhe objeta com a deficiência de meios a sua resposta é sempre esta: ‘Não falta nada’, assim tem acontecido [...] O povo que já o conhece, concorre para o pé da obra; são alimentados todos os pobres que aparecem; a obra marcha rapidamente.²⁸⁹

Comblin analisa que, as obras da Caridade em geral, através da espiritualidade do trabalho, congregavam as pessoas dispersas e as despertavam à cooperação voluntária, solidária em favor do próximo. Isso tem grande alcance simbólico. As casas da Caridade foram os principais pontos de unidade do povo que andava disperso. Acolhem os órfãos, meninas e mulheres em perigo de prostituição e abandonados em geral. Elas constituirão os núcleos nos quais o povo de Deus, a Igreja dos pobres vai se reunir.²⁹⁰

Na aliança solidária com os pobres, Padre Ibiapina valoriza-os como sujeitos históricos. Respeita as devoções tradicionais e organizações próprias do povo e as une com as práticas de serviços comunitários. Reconstrói o povo de Deus com a força dos pequenos e faz emergir uma Igreja com rosto sertanejo, Igreja dos pobres²⁹¹, movido por uma espiritualidade profunda e realista:

Ibiapina contemplou a face da miséria e ela o converteu, pois lhe revelou a Face sofrida do próprio Deus. [...] O sofrimento assumido por Ibiapina não provém de um sentimento religioso doentio, mas é consequência de uma percepção que as pessoas raramente alcançam: a percepção religiosa da miséria, a relação entre Deus e os miseráveis, a ideia de missão como compromisso com este povo por todos abandonado e esquecido.²⁹²

²⁸⁸ CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina*, op. cit., p. 38-39.

²⁸⁹ Ibidem, p. 39-40.

²⁹⁰ COMBLIN, José. Ibiapina, o Missionário, op.cit., p. 123.

²⁹¹ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 16-17.

²⁹² HOORNAERT, Eduardo. *Crônica das casas de caridade fundadas pelo padre Ibiapina*, op. cit., p. 14; cf. Crônica 77.

Experimentou Jesus nos pobres do sertão e, movido por esta experiência, reanimou a fé, a esperança e a Caridade. Ibiapina externa a experiência pessoal de Deus no poema “O engeitado”:

Nada tinha a esperar um infeliz abandonado, mas o vagido innocent, acha Deos sempre acordado. Foi elle quem ensinou a ter dó e compaixão, por todo que geme e sofre dura sorte e afflicção. Eu vos amo meu Jesus nem posso deixar de amar! Sois Pai de quem não tem Mãe, sois Mãe do filho a chorar.²⁹³

2.4 Conclusão do capítulo 2

A emergência do povo, que sai das sombras da história e se organiza em movimentos de libertação, pelo trabalho de conscientização e ida de alguns bispos, padres e religiosos ao encontro dos marginalizados no campo e na cidade, fez florescer a Igreja dos pobres. Foi levada a Medellin a realidade escandalosa da pobreza que encontraram. A Conferência acolheu os anseios do povo, respaldou a ação pastoral articulada com os oprimidos e identificou, à luz da Bíblia, que o povo de Deus é o povo dos pobres.

Apresentamos, no coração do capítulo, pontos fundamentais do conceito de povo de Deus em Comblin. O povo é esperança escatológica a caminho da terra prometida. Tem como referencial de sua ação na história a aliança com o Deus que os libertou no Antigo Testamento e a Nova Aliança em Jesus, sempre a apontar para o futuro.

Inserido dentro dos outros povos, o povo de Deus, consciente de sua missão, não se acomoda a nenhuma estrutura social, pois os profetas relembram sempre a vocação à liberdade. Na liberdade profética, a Igreja se assume como povo dos pobres, faz aliança com os pequenos e neles descobre a força do Deus que escolhe os fracos para confundir os fortes. O povo é aliança solidária. Na América Latina, os pobres descobrem-se povo de Deus e se assumem Igreja dos pobres.

Trouxemos a experiência de inserção da Missão Ibiapina no semiárido, considerada por Comblin a emergência de uma legítima Igreja sertaneja com o rosto dos pobres. O Padre Ibiapina deu testemunho profético da renúncia aos bens e cargos civis e religiosos, com liberdade foi ao encontro de Deus nos pestilentos e famintos do século XIX e fez aliança com eles. Identificado com os pobres do sertão falou linguagem simples que lhes tocou a alma.

²⁹³ MARIZ, Celso. *Ibiapina, um apóstolo do Nordeste*. João Pessoa: A União Editora, 1942. p. 231-232.

Praticou a verdadeira evangelização: devolveu aos pobres a oração, a Palavra e a dignidade de povo de Deus.

No capítulo 3 abordaremos as imagens de Deus construídas no percurso da história à luz de Comblin e a transição feita a partir do retorno e releitura da Bíblia sob a ótica dos marginalizados na América Latina. Quais as decorrências do reencontro com o Deus de Jesus nos evangelhos para a Igreja povo de Deus e seu agir intra e extra-ecclesial? Refletiremos sobre as imagens de Deus emergentes na práxis pastoral do Padre Ibiapina e suas incidências na ação pastoral do Padre Cícero. Apresentaremos a ação pastoral de Comblin em favor da Igreja dos pobres, e a práxis cristã na convivência com o semiárido hoje.

CAPÍTULO 3: DA MISSÃO IBIAPINA À NAÇÃO ROMEIRA DO JUAZEIRO – INFLUXOS E CONTINUIDADES NO SEMIÁRIDO NORDESTINO

Acreditamos que a práxis cristã é movida pela experiência pessoal e coletiva que fazemos de Deus sob a influência do testemunho das pessoas, e também das imagens construídas e transmitidas na doutrina através da catequese, das pregações e na convivência familiar, eclesial e social.

Refletiremos no capítulo terceiro sobre as imagens de Deus apresentadas por Comblin: das imagens tradicionais baseadas na metafísica grega ao Deus bíblico revelado em Jesus, na reviravolta provocada pelo Vaticano II. Apresentaremos alguns sinais das imagens de Deus presentes na práxis da Igreja dos pobres.

Refletimos sobre o percurso do povo de Deus na história e a encarnação na Igreja dos pobres na América Latina, com sua emergência na experiência missionária do Padre Ibiapina no semiárido nordestino do século XIX. O peregrino da Caridade era admirado por Comblin pela capacidade de falar à alma e do povo e mover multidões para organizar ações concretas de solidariedade e cooperação em favor da vida.²⁹⁴ Qual terá sido a imagem de Deus experimentada e transmitida pelo Padre Mestre Ibiapina nos sertões do semiárido brasileiro? Por que a experiência da Missão Ibiapina ficou desconhecida?

Comblin fala de um injusto silêncio sobre a Missão Ibiapina e o bem que teria feito se houvesse a continuidade e a originalidade do estilo missionário que ele assumiu²⁹⁵, levando ao surgimento de uma Igreja autóctone no Nordeste. Destacamos, assim, os influxos da práxis do Padre Ibiapina no semiárido nordestino, especialmente na ação pastoral do Padre Cícero e na emergência das romarias ao Juazeiro assumidas pelos pobres como “Nação Romeira”.

Houve uma espécie de silêncio sobre as questões do Juazeiro. Experiências “esquecidas”, em nível de Igreja Oficial, porém, muito vivas na memória e na prática cristã de milhões de nordestinos. A práxis pastoral do Padre Ibiapina e do Padre Cícero entrou em sintonia com os pobres do semiárido, retirou-os das sombras dos “turvos porões”²⁹⁶ da história e recuperou-lhes a dignidade de povo de Deus. Por que a consonância com os pobres e a dissonância com a Igreja Hierárquica da época?

²⁹⁴ COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*, op. cit., p. 13-14.

²⁹⁵ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 9.

²⁹⁶ “Turvos porões”. Expressão usada por D. Pedro Casaldáliga, bispo emérito de S. Félix do Araguaia, e Pedro Tierra na procissão de entrada da Missa dos Quilombos, 1977. Reportam-se à maneira como os negros foram trazidos da África nos porões dos navios, e de maneira metafórica à marginalização e abandono sofridos pelos negros e pobres na sociedade brasileira.

Tidos como fanáticos no passado, ainda hoje milhões de romeiros, rostos de cristos crucificados, peregrinam ao Juazeiro da Mãe das Dores e do Padre Cícero, é algo que já ultrapassa cem anos. Quem os acolhe? Que força espiritual os move? Quem os organiza? Por que retornam ao Juazeiro? Que contribuições oferece a fé romeira ao povo de Deus?

3.1 Imagens de Deus e Igreja dos pobres em Comblin

Entre os vários caminhos construídos na busca do conhecimento de Deus, Comblin apresenta dois especificamente: primeiro o método dedutivo da metafísica, surgida na Grécia e que influenciou, de um lado, a teologia escolástica e de outro a construção do edifício científico ocidental. Esta metafísica, através dos raciocínios lógicos, elabora conceitos rigorosos e estabelece relações lógicas entre os conceitos. Por este caminho chega a certa concepção de Deus como ponto central de uma teoria explicativa do universo.²⁹⁷

Durante séculos, a teologia escolástica falou de Deus em termos de “essência” ou “substância”, “causa primeira, causa e efeito”, etc., para explicitar, através de conceitos, o que Deus “é”. Por exemplo, partia das perfeições existentes no mundo, atribuindo-as a Deus de modo eminente, por analogia no caso de Santo Tomás. Dessa maneira, Deus era o “todopoderoso”, “onisciente”, “autossuficiente”, “imutável” e “onipresente”, com um poder, uma ciência e suficiência análogos, mas não iguais aos correspondentes valores humanos.

Era este o caminho aceito como conhecimento válido de Deus, pela ciência e filosofia: o discurso teológico era construído através de conceitos metafísicos articulados e sistematizados rigorosamente. Há uma respeitável tradição teológica, nesta linha, que alimentou muitas pessoas e comunidades por séculos. No entanto, o fluir da vida real escapa muitas vezes ao rigor dos conceitos.

A linguagem clássica da escolástica, em primeiro lugar, deve, como em qualquer outra, ser bem compreendida, para que verdadeiramente diga alguma coisa, em segundo lugar, permanece uma linguagem humana, portanto limitada. Neste sentido, nunca fará mais que assinalar alguns aspectos que carecem de complemento por outros discursos e carecem de ser situados: são significativos dentro de um contexto. Mudando-se o contexto, muda seu valor.

Ora, na verdade, a modernidade construiu todo um novo ciclo civilizatório, a partir de uma mudança de perspectiva, que projetou as ciências da natureza na imanência da empiria e as ciências humanas no interior da história. Nesta nova perspectiva, o experimentado e o

²⁹⁷ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 61.

vivido são percebidos como mais importantes que as teorias ainda que rigorosas.

O discurso conceitual, ainda que possa ser importante em seu contexto histórico, em outro momento, corre o risco de sequer ser compreendido. Levar em conta o contexto histórico, de certa forma, é olhar o ser humano mais de perto. É na história que se dá o exercício do humano e da liberdade. É na caminhada da história que, segundo a Bíblia, dá-se o encontro de Deus com o seu povo.

Por isto indaga Comblin²⁹⁸: como conciliar a exatidão dos discursos metafísicos com o Deus da Bíblia que é Espírito e Liberdade?

Atualmente setores da teologia cristã constataram que o caminho conceitualista já não é mais viável. Auxiliados pelo desenvolvimento do pensamento humano e das ciências, alguns teólogos falam de Deus em linguagem de “liberdade” e de “vida”²⁹⁹.

Os gregos não pensavam que existisse outro caminho para se conhecer a Deus. É o conhecimento da vida. O ser humano conhece a vida porque vive, é direto e imediato. Não é lógico, sistematizado ou transmitido por ninguém. Não tem estatuto filosófico, portanto, não é reconhecido como teologia.

O conhecimento vital não se preocupa em demonstrar, através de discurso lógico, o que é a vida, o que é a liberdade. Conhece-se tanto a vida quanto a liberdade porque se vive, e elas se manifestam através de metáforas, parábolas, contos e mitos. O discurso da Bíblia pertence à linha de pensamento vital, por isso, é narrativo. Não elabora conceitos sobre Deus, narra os feitos de Deus em favor do povo, os acontecimentos da história.

O Concílio Vaticano II, ao retomar a centralidade e o estudo da Bíblia, possibilitou à Igreja reencontrar-se com a teologia do povo de Deus. Caminhar ao encontro de Jesus nos evangelhos proporcionou vislumbrar o horizonte do Reino de Deus e os destinatários primeiros: os pobres. Abriram-se caminhos para passar o povo dos pobres e a teologia da libertação na América Latina: povo de Deus, Reino e pobres.

A centralidade da missão de Jesus é o Reino, não veio defender uma ortodoxia ou criar instituição religiosa. Traz a mensagem do Reino e confronta-se com o sistema religioso que para ele não era expressão verdadeira a vontade do Pai. Anunciar o Reino é sempre fazer memória da continuada presença do Pai no meio do povo. Por isso ele assume a identidade de profeta que lembra a tradição mais antiga da promessa feita aos patriarcas e a aliança de Deus com os pobres.³⁰⁰

²⁹⁸ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 62.

²⁹⁹ Ibidem, p. 58.

³⁰⁰ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 216-217.

Jesus anuncia o Reino da libertação de toda dominação, injustiça e opressão. Inaugura o tempo novo, tempo de graça já prometido por Deus há muito tempo a Abraão e seus descendentes. Viver este anúncio significou confrontar-se com os reinos e impérios do mundo, que massacravam os pobres, e isto constituir-se-á em um dos motivos da sua condenação à morte: dizer-se rei.³⁰¹

A grande infidelidade denunciada pelos profetas era o abandono da aliança com o Deus dos antepassados e o assumir da figura dos deuses pagãos que consentiam a injustiça e a opressão dos poderosos. Sempre que deuses pagãos foram introduzidos em Israel cresceu a injustiça, a violência e o abandono dos pobres:

Os profetas são os defensores dos pobres. O seu Deus quer justiça e misericórdia. Os pobres são os sinais que carregam as promessas feitas a Abraão. São os membros do verdadeiro Povo de Deus, encarregados de preparar a realização dessas promessas. Oprimir os pobres é abandonar o projeto de Deus e fazer de uma religião o centro da vida social e pessoal.³⁰²

Jesus dirigiu-se aos pobres, fez-se pobre e iniciou no meio deles os sinais do Reino: socorreu necessitados, doentes, e acolheu os pecadores. Preparou os seus seguidores para continuarem a sua obra e realizarem os mesmos sinais. É pouco conhecido o papel dos profetas logo depois de Jesus. Há poucos registros históricos, mas sempre apareceram na história da Igreja, ainda que não tenham recebido o título.

Falta clareza da correlação entre o lugar dos pobres no Cristianismo e a figura de Deus, predominante de Deus. Quando predomina o Deus dos Evangelhos, o Pai de Jesus, e quando predomina o deus das religiões e filosofias, combatido pelos profetas do Antigo Testamento? No primeiro caso, ali está o Pai de Jesus e os pobres têm lugar privilegiado. Quando predomina o deus comum, resta aos pobres um lugar na porta da Igreja para mendigar. Problema atual que remonta às origens.³⁰³

Por que o Deus, que se revelou em Jesus, tem preferência pelos pobres? Por que assumir uma missão que é geradora de conflito por natureza? Quem é esse Deus que escolhe os fracos para confundir os fortes, os ignorantes para confundir os sabidos e diz que veio para os pecadores e não aos que já são santos? (Cf. 1Cor 1,26-29). As construções conceituais do transcorrer da história aproximaram-se ou desvirtuaram a revelação, que Deus realizou em Jesus?

³⁰¹ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, op. cit., p. 183-184.

³⁰² Ibidem, p. 185.

³⁰³ Ibidem, p. 186-187.

O Cristianismo é a religião da revelação do Deus Encarnado na história. Deus se dá a conhecer, não por um corpo de doutrinas sistematizadas, mas nas palavras, gestos e atos de uma pessoa que, da encarnação à cruz, realiza a revelação máxima do Pai. O Deus de Jesus é o Pai: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 1,14; 14,9).

Em Jesus o Pai cria carne humana, situa-se concretamente em meio aos conflitos da sociedade, às tramas da história, e assume o meio social dos pobres, dos oprimidos e humilhados, as dores, angústias e sonhos participam da lógica do Verbo Encarnado.³⁰⁴

Chegamos ao ponto inicial: a retomada da Bíblia pelo Concílio Vaticano II e o reencontro que proporcionou com o Pai Criador, Deus libertador, que elegeu os oprimidos como seu povo e com eles fez aliança. Reencontro com a humanidade de Jesus nos Evangelhos, o Filho que veio inaugurar o Reino do Pai, e a escuta do Espírito que faz a memória das palavras, gestos e atitudes do Filho.³⁰⁵

O retorno à teologia do povo de Deus possibilitou na América Latina a relação geradora da experiência profética da Igreja dos pobres. É verdade que também ela é teologia sistemática e faz, portanto, parte do discurso lógico-discursivo. No entanto, há uma inversão de perspectivas. Existe na história da Igreja um esforço de sistematização que produz uma doutrina, a expectativa de ensinar verdades ao povo. Agora, o que se procura é sistematizar as verdades apreendidas, a partir da experiência do povo, que vive como povo de Deus.

Acreditando na realidade de um Deus presente na história, comungavam da mesma eclesiologia, nos anos 60 e 70 do século XX, teólogos, bispos, padres e militantes dos movimentos sociais. Sabiam da enorme força que a Igreja tinha na sociedade e que o potencial poderia ser colocado a serviço da libertação do povo³⁰⁶, como preconizou Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*³⁰⁷.

A Igreja dos pobres latino-americana incorporou todos os elementos da teologia conciliar do “povo de Deus” e acrescentou-lhe algo fundamental, porque se situou historicamente: “Tira esse povo de seu caráter abstrato, conferindo-lhe densidade material concreta. A Igreja dos pobres situa-se na humanidade”³⁰⁸. Temos a este respeito, por exemplo, o pensamento de Jon Sobrino sobre os méritos da *Lumen Gentium*. Ele lembra que ela veio para equilibrar o peso da teologia do Corpo de Cristo, limitar a hierarcolgia com a

³⁰⁴ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, op. cit., p. 197.

³⁰⁵ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 241.

³⁰⁶ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 93-94.

³⁰⁷ PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 32.

³⁰⁸ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 99.

valorização do laicato, e desmonopolizar a fé descoberta em todo o povo.³⁰⁹

Comblin aprofunda estas reflexões e apresenta a base trinitária para fundamentar a centralidade dos pobres na Igreja. Ele parte da relação pericorética, entre o Pai o Filho e o Espírito Santo, no amor, na reciprocidade, no diálogo e no respeito à pluralidade da realidade: “O Pai tornou-se pobre ao conceder plena liberdade e autonomia às suas criaturas. Cristo identificou-se com os pobres e foi ele próprio o pobre mais despojado na sua crucificação. O Espírito Santo dirige-se aos pobres”³¹⁰.

Levando em consideração a concepção de Deus apresentada por Comblin, apresentaremos as construções feitas no decorrer da história sobre Deus e os sinais de superação das percepções conservadoras pela Igreja os pobres.

3.1.1 Deus é Vida e Liberdade manifesta na história: do Deus inacessível e impassível ao Deus Misericórdia

Partimos da percepção trinitária que Comblin propôs, como base para a Igreja dos pobres. Na relação amorosa e dialogal, o Pai, que é gerador da vida, torna-se pobre e concede às criaturas plena liberdade e autonomia.³¹¹ Deus revela-se na experiência mais concreta de desprendimento que fazemos em nossa existência, pai e mãe que, diante dos filhos, se esquecem de si mesmos e tornam-se plena generosidade e gratuidade.

Desprender-se de tudo em favor da vida que gerou. O Criador age assim porque Ele é a própria vida. Revela-nos João no Evangelho que “O Pai tem a vida em si mesmo, e concede ao Filho ter vida em si mesmo também” (Jo 5,26). Gratuitamente, Ele vem ao encontro da humanidade restaurar a imagem que criou “A vida se manifestou nós a vimos, damos-lhe testemunho e vos anunciamos a vida eterna” (1Jo 1,2). O nome de Deus é nome de vida.

Ao chamar Deus de Pai evoca-se o criador da existência, não é referência à questão sexual ou de gênero. Contudo, pode ter relação ao conhecimento limitado de uma época, sobre o papel do homem e da mulher na reprodução. Pensava-se que o gerador fosse apenas o homem e a mulher seria mero receptáculo. A fisiologia científica já esclareceu que os dois, homem e mulher, são partes ativas no ato reprodutor.³¹²

“Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Jesus revela ao mundo a face de Deus: o Pai. O

³⁰⁹ Idem.

³¹⁰ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 100.

³¹¹ Idem.

³¹² COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 63.

acesso da humanidade a Deus dá-se através da vida humana. A existência do Pai é demonstrada pela vida do Filho, não é através de raciocínios lógicos e elucubrações mentais: “O conhecimento é direto como o conhecimento vital”³¹³. “O Deus de Jesus é o Pai. Jesus não o chama de Deus, mas fala do Pai e com o Pai. O pai revela-se no Filho. Pai e Filho são um só”³¹⁴.

Comblin coloca como tarefa reequilibrar a linguagem, ao falar de Deus somente como Pai. É preciso o cuidado de não reforçar a cultura patriarcal e o machismo. A figura do Pai e da Mãe evoca a relação de geração e proteção da vida. Importa saber e experimentar que o nome de Deus é nome de vida, Pai e Mãe.

Constatamos que a re-leitura bíblico-teológica feita na América Latina, sob a ótica dos marginalizados, fez avançar a linguagem inclusiva de gênero. Suscitados pelo Espírito, teólogas e teólogos, relembram as raízes matriarcais da fé e o rosto materno de Deus³¹⁵. A teóloga Ivone Gebara lembra que: “O nosso Deus é o Deus Sarah, Rebeca e Lia”. É Deus dos pais e das mães, é Deus que ama com entranhas de mãe (cf. Is 49,15-16; Lc 13,30-33).

Recontar a história do povo de Deus, à luz do olhar feminino, permitiu introduzir a linguagem inclusiva nas relações sociais e eclesiais. Tornou-se parte integrante da caminhada da Igreja dos pobres, abastecida na teologia da libertação.

Conceber que Deus é vida remete à fecundidade. Vida que não se multiplica em outras vidas deixa de ser vida. Deus é vida e é liberdade. Da liberdade perfeita, que é Deus, procede, o outro perfeito, o Filho e o Espírito. A ação de Deus é criadora de vida. A Vida que é Deus produz outras vidas: Adão é chamado “filho de Deus” (Lc 3,38).

Liberdade é a capacidade de produzir a vida. Brota daí a missão dos que foram criados à imagem de Deus, viver a liberdade na geração de vida: “Viver é agir, produzir, ser fecundo. Viver é poder dar. Na vida é que se realiza a liberdade. A humanidade é chamada à liberdade porque nasceu para a vida”³¹⁶.

A vida humana realiza-se nos limites biológicos da corporeidade, assim como a liberdade situa-se no tempo e no espaço da história. Comblin reporta-se a Santo Tomás de Aquino ao afirmar que pai e mãe tornam-se imagem de Deus ao agirem livremente e fazerem surgir um novo ser humano. Somente Deus pode dar a vida e através da mediação humana

³¹³ Idem.

³¹⁴ COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, op. cit., p. 196.

³¹⁵ É vasta a produção teológica latino-americana na perspectiva da releitura bíblico-teológica. Apenas para ilustrar citamos: O Rosto feminino de Deus; Levanta e Anda (Ivone Gebara); O Rosto materno de Deus (Leonardo Boff); O Rosto índio de Deus (vv.aa), e tantos outros.

³¹⁶ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 64.

transmitir novas vidas. A mulher e o homem são auxiliares e livres colaboradores de Deus na obra da vida.

A colaboração do ser humano na obra de Deus ultrapassa os laços de parentesco e estende-se à comunidade humana. Ampliam-se as possibilidades de crescimento e responsabilidades, na cooperação mútua dos serviços e garantia das condições materiais para a manutenção da vida: “Ninguém sobrevive sem laços comunitários”³¹⁷.

A gratuidade do Criador manifesta-se nas atitudes humanas da vida comunitária. A liberdade consiste no serviço gratuito ao próximo. As leis do mercado não entendem nem aceitam a gratuidade entre as pessoas. A sociedade do mercado quebra os vínculos fraternos e solidários, incentiva competição e fortalece o individualismo, o que lhe interessa não é a comunidade, não é o povo, mas indivíduos consumidores:

A sociedade atual não tem compaixão. Abandona os vencidos. Crê que goza da liberdade. Mas será mesmo liberdade? Que tipo de liberdade? Liberdade de satisfazer muitos desejos, ditados pelas modas ou pelos imperativos da publicidade [...] Deus manifesta a liberdade na compaixão – como o samaritano. Tem compaixão de Israel no Egito, em Babilônia, tem compaixão dos camponeses da Galiléia.³¹⁸

Deus vem à humanidade na pessoa, palavras e gestos do Filho que revela a misericórdia do Pai: “O Deus verdadeiro é o Pai que acolhe como filhos e filhas as pessoas que são vítimas da dominação, do desprezo da humilhação. O seu amor dirige-se aos pobres e vítimas porque é um amor de vida que dá vida aos que não têm”³¹⁹.

A misericórdia de Deus supera os abismos entre as pessoas e suas limitações, “vai ao encontro para levantar os caídos”³²⁰, ao contrário do Ser Supremo da metafísica grega, explicável dentro de categorias físicas e acessível apenas na contemplação do universo.

Construíram-se imagens de Deus sem sentimentos, distante da humanidade que pede amor, mas essa imagem de Deus não ama; atrai as pessoas para si, mas da mesma forma não se aproxima delas. Objeto do conhecimento essencial à sabedoria, os atributos de Deus advinham da cosmologia antiga. É um Deus sem história, imóvel, sempre igual, assim como o mundo que dele emana e é movido ciclicamente por ele.

Com a proximidade da Igreja ao helenismo, ocorreu uma espécie de “invasão” das imagens metafísicas de Deus na teologia e na liturgia cristãs. Apresentou-se mais o Deus

³¹⁷ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 64-65.

³¹⁸ Ibidem, p. 68.

³¹⁹ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 459.

³²⁰ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 68.

eterno e todo-poderoso do que o Deus amor dos evangelhos. Tomou-se como ponto de partida a teodicéia e colocou-se em segundo plano a Bíblia.³²¹ É preciso converter-se ao Pai de Jesus manifestado nele e nos Evangelhos.³²²

Convocada e reunida pelo Concílio Vaticano II, a Igreja contemplou nos Evangelhos o Bom Pastor a compadecer-se das dores dos pobres e sofredores, e o convite dele a “fazer a mesma coisa” como fez o samaritano (cf. Lc 10,25-39). Renova-se o desejo e o apelo de conversão e fidelidade. O papa Paulo VI exorta a uma Igreja Samaritana, atenta aos caídos da história.

O samaritano da parábola, livre das “tarefas religiosas” pôde aproximar-se do que estava jogado à beira do caminho. Encontramos no dia-a-dia pessoas compadecidas pelos outros e dispostas a servir, na grande maioria, pobres e de pouca cultura acadêmica.

Aprenderam da memória do Espírito Santo que lhes revela ao coração as atitudes cristãs fundamentais. Foram evangelizados pelos avós ou pelo testemunho vivo de alguém, que livremente revelou a verdade de Deus no serviço gratuito ao próximo.³²³

A parábola do Pai misericordioso é entendida por todas as pessoas, revela a opção de Deus pelo que estava perdido, com a vida ameaçada. O Pai prefere o rejeitado e acusado pelas leis do mundo como pecador. As pessoas apegadas à lei não são capazes ter os mesmos sentimentos do Pai, têm a mesma atitude do irmão mais velho, que há tanto tempo com o Pai não conhecera o coração misericordioso dele. “Voltar ao Pai não exige nenhuma preparação intelectual”³²⁴.

Como testemunhar a misericórdia e a compaixão do Deus Pai na sociedade atual marcada pela impiedade com os pobres? São reconhecidos como heróis os vencedores, os que conseguem acumular dinheiro e bens. Incentiva-se fortemente a competição, a concorrência, princípio da ideologia do mercado. Como fica o ideal e o testemunho cristão da fraternidade e solidariedade?

Para concorrer no mercado é preciso ter competência, o que significa estar dentro dos padrões da mídia e dos novos modelos econômicos e culturais. Todos são “livres e iguais” para competir e consumir. A liberdade cristã, ao contrário, consiste na capacidade de sair de si em busca do outro para servir, comunicar-lhe a vocação humana à liberdade. É desafio para as comunidades cristãs a transmissão e testemunho da fé no Deus, que é compaixão solidária em

³²¹ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 457-458.

³²² Ibidem, p. 459.

³²³ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 69.

³²⁴ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 459.

meio ao individualismo reinante.

A grande maioria, privada do acesso aos bens culturais, não consegue competir de maneira igual. Na igualdade capitalista todos podem competir, embora de maneira bastante desigual do ponto de vista das oportunidades de preparação. Aos “incompetentes” resta o desemprego, o desprezo, a indiferença social e a exclusão do mercado. O que interessa ao mercado é consumidores. A pessoa humana, enquanto tal é descartada, os pobres, que não podem competir nem consumir, estão fora do mercado.

A Igreja dos pobres, através da releitura bíblica, une fé e vida e realiza a vontade do Deus bíblico, ao reencontrar Jesus nos crucificados de hoje pela exclusão social, violência, drogas, corrupção, analfabetismo, tráfico humano e indiferentismo: “O que Jesus faz é a vontade do Pai. A opção pelos pobres é a opção feita pelo Pai e praticada pelo Filho com toda a força do Espírito Santo”³²⁵. O desafio é testemunhar a fé no Deus Compaixão Solidária na história através de sinais visíveis.

A profecia e a solidariedade exercidas pelas CEBs, Pastorais Sociais, Cáritas, e demais organismos eclesiais de serviço à vida dos pobres, encarnam a compaixão solidária do Bom Pastor na sociedade atual e reafirmam a fé no Deus da vida.³²⁶ Manifesta-se a profecia nas denúncias feitas pelas Campanhas da Fraternidade, as propostas de gestos concretos de solidariedade, no Grito dos Excluídos, Centros de Defesa dos Direitos Humanos, Serviços de Justiça e Paz e no combate à corrupção na política.

3.1.2 Do Deus Imutável Todo-poderoso ao Deus que se esvazia e se faz peregrino.

A imagem de Deus todo-poderoso, criador do céu e da terra, foi difundida de maneira intensa em nossa catequese. Acreditamos e professamos ser ele o Criador de tudo, mas sem perceber a força da linguagem no contexto em que enfatizamos a onipotência divina. De maneira mais concreta, percebemos que de nossa atitude teológica nasce, coerentemente, uma atitude antropológica. Se Deus é tudo sozinho, então o ser humano não é nada. Este é um corolário possível de uma lógica metafísica isolada.

Quando nos prendemos aos conceitos metafísicos, salientamos timidamente a lógica da , que Ele escolheu para realizar sua plena revelação à humanidade: esvaziar-se de todo poder e fazer-se servo. Lógica inversa à da sociedade que idolatra o ter, o poder e o prazer de

³²⁵ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 459.

³²⁶ Ibidem, p. 249-259. Comblin relata as ações fundamentais de Jesus na missão.

maneira individualista e utilitarista.

Comblin afirma que o ateísmo existencialista, proposto por J. Paul Sartre, critica a existência de Deus a partir destes conceitos metafísicos de onipotência e infinitude e “retomada pelos seus discípulos: ‘Se Deus existe eu não sou nada’. Se existe um Deus onipotente, o que ainda sobra para mim? Essa presença ao meu lado do poder absoluto torna irrisórias todas as minhas ações. Diante do infinito todo o finito torna-se irrelevante”³²⁷.

Argumentam os ateus sartreanos que a onipotência de Deus impõe-se e opõe-se à liberdade humana. Haveria um conflito entre as duas liberdades, Deus e a pessoa humana. Compreendem que a pessoa humana para ser livre precisa negar a existência de Deus.³²⁸

O teólogo uruguaio Juan L. Segundo investiga o influxo das imagens de Deus sobre a percepção da liberdade humana. Como fica esta liberdade frente à onipotência e autossuficiência de Deus? Diante da autossuficiência e imutabilidade de Deus existe espaço para a liberdade humana? Um Deus imutável, impassível pode dar ou receber alguma coisa do ser humano, isto é, pode estabelecer uma aliança?

Segundo acompanha a resposta de Teilhard de Chardin ao problema, a única significação cristã da liberdade é a criatividade ou liberdade criadora. Toda pessoa humana tem que criar o seu caminho.³²⁹ Cada ser humano é um projeto aberto, sobre o qual ele próprio é chamado a dar sua palavra.

Assim, diante do existencialismo ateu, convém uma tranquila atitude de escuta. Sua oposição, sua refutação das imagens do Deus onipotente, perfeitíssimo e inacessível, estão marcadas por preocupações genuinamente humanas, o que é assinalado pelo fato de se dizerem “existencialistas”. O Deus com as marcas assinaladas de poder e imobilidade deixa pouco ou nenhum espaço ao existencial humano. Comblin enfrenta essa problemática e apresenta como resposta a teologia paulina, expressa no hino da *kenosis*, como celebração da fraqueza de Deus:

Assim Deus suspende todo o seu poder, quando a criatura aparece. A pessoa suspende o poder de Deus. Nenhuma evidência, nenhuma ameaça, nenhum constrangimento força nem obriga... A liberdade de Deus consiste em permitir e ajudar a liberdade do menor dos seres humanos. A liberdade de Deus reprime o poder. Torna-se fraca para que possa manifestar-se a força humana.³³⁰

³²⁷ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 65.

³²⁸ Ibidem, p. 66.

³²⁹ SEGUNDO, Juan Luís. *Teologia aberta para o leigo adulto*. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1975. p. 111.

³³⁰ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 66.

Foi tema constante da tradição espiritual cristã a concepção do Deus que “se dá” e “se esconde”. O Deus da Bíblia manifesta-se no meio da nuvem, se faz perceptível, mas não impõe sua presença. Fundamentalmente, ele respeita a liberdade do outro, pára e aceita que o outro exista. Permite que outro se expresse, portanto recusa a dominação. Ele se detém diante do outro, ouve, acolhe: respeita a alteridade.

Deus escondeu o seu poder até ao ponto de as autoridades de Israel não o reconhecerem. É assim que Deus se dirige às pessoas: sem intimidação, sem poder. Optando por viver não apenas na companhia, mas na dependência dos seres humanos, entrega a própria vida nas mãos de criminosos. Quem dirá dessa maneira que Deus faz violência às pessoas?

Comblin cita Levinas, para quem o outro é o desafio da liberdade que me interpela, a provocação que a desperta. Diante do outro há duas atitudes: posso examiná-lo para ver em que ele me poderia ser útil ou que ameaça que representa para mim, ou, então, perguntar-me o que eu poderia fazer para ajudá-lo.

Diferente do individualismo extremo e utilitarismo do mundo atual, a liberdade de Deus se autolimita. Não busca levar vantagem, ao contrário, esvazia-se para servir. Diante da criatura, Deus limita sua presença. Preferiu antes deixar que crucificassem o Filho a intervir para impedir tal injustiça. Trata-se de “fraqueza voluntária”³³¹.

Esvaziar-se e fazer-se servo, caminhar com os pobres, comer com pecadores excluídos do sistema religioso e anunciar que o Reinado de Deus chegou, teve consequências para Jesus. Deus não intervém na condenação e morte de seu Filho, porque não fazia parte de sua lógica a força física ou uso de privilégios, muito menos porque exigia de Jesus o sacrifício para expiar os pecados:

O Pai não queria reinar como faziam os reis e os governantes dos povos. Não queria impor a sua vontade, o seu projeto. Não queria contar com exércitos, com o dinheiro, com alianças com os poderosos. Aí estava se mostrando bem a pobreza do Pai, totalmente desarmado.³³²

A *kénosis* é a pedagogia utilizada por Deus na Encarnação para revelar a sua opção pelos pobres. A pobreza é o tema que emerge de maneira contundente nos Evangelhos. Jesus nasce pobre, viveu pobre na pobre cidade de Nazaré. Dirigiu-se aos pobres, anunciou-lhes o Reino e vivia da caridade dos pobres. Morreu como os pobres, despojado até de suas vestes “Conhecereis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo que por causa de vós se fez pobre,

³³¹ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 66-67.

³³² COMBLIN, José. O pobre: critério para a profecia, op. cit., p. 197-199.

embora fosse rico, para vos enriquecer com sua pobreza” (cf. 2 Cor 8,9)³³³.

Compara-se o amor de Deus ao amor gratuito e à generosidade das mulheres, que “Quase sempre amam mais, por isso sofrem mais. Porém, nessa fraqueza consentida não estará a maior liberdade? Nessa fraqueza a pessoa vence todo egoísmo, todo o desejo de prevalecer, toda a preguiça ao aceitar maiores desafios”³³⁴.

A salvação de Deus é gratuita, entrega-se por amor. Somente quem ama como Pai e Mãe é capaz de doar-se ao extremo: “Não há maior amor do que doar a vida pelos amigos” (Jo 15,12-13). Esta é igualmente expressão maior da liberdade.

Outras duas manifestações da “fraqueza voluntária” de Deus é o aspecto itinerante e mendicante do movimento missionário que Jesus iniciou na Galiléia. Ao contrário da imagem metafísica do Deus imutável e imóvel, confinado num plano etéreo, o Deus encarnado vai ao encontro das pessoas, percorre com fervor missionário campos, vilas e cidades e comove-se com miséria humana (cf. Mt 9,34-35).

A experiência do movimento itinerante de Jesus assume a radicalidade da mendicância. Comblin fala da extrema fraqueza de Deus que se faz suplicante e relembra que o teólogo Juan Luís Segundo tinha predileção pela citação: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouve a minha voz e abrir a porta, entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo” (Ap 3,20).

A linguagem dos evangelhos revela a presença de Deus na pessoa de Jesus, a relacionar-se com as outras pessoas e em plena relação com o Pai. No evento Jesus, Deus se revela não como impassível, imutável, inacessível, mas ao contrário, o Deus apaixonado que vem em busca do ser humano, com entranhas de amor de mãe e de pai.

A imagem do Deus Onipotente, Autossuficiente, Imóvel, Impassível e Perfeito, é uma linguagem totalmente antagônica à dos evangelhos que diz: estive faminto, sedento, preso, nu, doente e forasteiro e você me acolheu e se solidarizou comigo (Mt 25,31-46), ou “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20).

Deus peregrino, mendigo, apaixonado, difere do conceito de imutabilidade, perfeição, onipotência e autossuficiência. Qual a linguagem que mais se aproxima dos anseios e esperanças da humanidade hoje? Volta a questão da linguagem colocada pelo papa João XXIII, como apresentar de maneira atual a perene riqueza do Evangelho de Cristo à humanidade?

³³³ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 249.

³³⁴ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 67.

3.1.3 Do Deus Onisciente, Juiz vingativo ao Deus Espírito: liberdade, Alegria e Esperança!

As três pessoas da trindade divina são Espírito. A pessoa que em nome da trindade santa age no mundo e realiza todas as obras, é o Espírito.³³⁵ Presença divina desde a criação, o Espírito pairava sobre as águas, agiu nos profetas e na Encarnação do Verbo de Deus. Ele foi prometido por Jesus aos apóstolos como aquele que faria a memória e a defesa na hora do testemunho na Igreja que nascia. Testemunho que consiste na notícia de que Deus é diferente daquilo que diziam os sistemas de poder a respeito da divindade.

Ao contrário da imagem do Deus como juiz, que tudo vê e controla pela lei dos do sistema religioso judaico, Jesus promete continuar a presença misericordiosa no Espírito que é o defensor dos pobres, dos que se abrem ao testemunho do amor e doação de vida ao próximo. Diante dos tribunais, que exercem a justiça mais a favor dos dominadores, o Espírito é enviado como advogado que concede dom da fala aos perseguidos por causa do Reino de Deus.

Comprometer-se com o projeto de Jesus, o Reino do Pai, em todos os tempos, significou colocar-se contra os poderes opressores e testemunhar o serviço gratuito ao próximo, sinal do mundo novo. Significa colocar-se na contramão da história com Jesus. Através dos séculos o Espírito recorda aos seguidores e seguidoras do Mestre as palavras e ações verdadeiras (cf. Jo 14,25-27; 16,12-15), e lhes dá o desejo e o gosto de viver, cada um em sua época, a vida que Jesus viveu.³³⁶

O Espírito transmite os ditos e os feitos de Jesus aos homens e mulheres de cada tempo. É o responsável pela tradição evangélica. Faz a memória perigosa de Jesus de Nazaré e suscita novas pessoas a assumirem a missão profética de testemunhar o Reino de Deus na história. Esta memória é “perigosa”, pois coloca o discípulo e a discípula na trilha daquele que morreu crucificado. Mas é também a trilha daquele que voltou ressuscitado. Por isto, para saber se a tradição transmitida condiz com a Tradição de Jesus, basta perceber se ela suscita nas pessoas alegria, paz, reconciliação com os outros e consigo.³³⁷

Jesus foi acompanhado pelo Espírito em todos os momentos. No Batismo, por João no Jordão, logo após conduz Jesus ao deserto e o confronta com as forças diabólicas, que pretendem confundi-lo na missão (Mc 1,9-13). Sob o impulso do Espírito, Jesus retorna à Galiléia (cf. Lc 4,14). Lançado na ação pública, a partir da sinagoga de Nazaré, já no primeiro

³³⁵ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 69.

³³⁶ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 260.

³³⁷ Ibidem, p. 237.

anúncio começam os conflitos entre Jesus e o legalismo religioso judaico.³³⁸

O Espírito orienta Jesus em duas atitudes básicas da missão. A primeira está na perspectiva messiânica do Servo Sofredor de Isaías (Mt 12,9-21). Ela caracteriza a dinâmica do Reino, como sendo o caminho da justiça, da solidariedade e da não violência. Jesus opta pelos fracos, renuncia aos poderes mundanos que dominam e exploram os pequenos. A segunda orientação, consequência e coerência da primeira, relaciona-se com o projeto de vida de Jesus, constituído como mensagem de esperança e vida nova para os pobres e oprimidos.

A ação de Jesus foi pública desde o princípio. Jesus mergulha na dor das multidões, dos humildes, trabalhadores explorados, viúvas, doentes, donas de casa, famintos. Chamou seguidores para a missão do Reino, dentre as pessoas do povo, e proclama que o Reino é dos pobres, e aos se acham donos da salvação, profetizou que seriam antecidos pelas prostitutas e cobradores de impostos no Reino dos céus (cf. Mt 21,28-32).

A mensagem do Reino de Deus, transmitida por Jesus, reanimava a esperança, a confiança e a alegria dos que a ouviam e se deixavam tocar. Eram palavras cheias de autoridade e força, pois falava do que ele vivia, e as pessoas sentiam o amor ensinado por Jesus nas ações libertadoras. Nisto era diferente dos chefes religiosos judaicos (Mt 7,28-29). Sabemos que estes eram rigorosos na exigência do cumprimento da lei e preceitos rituais. Mas não tinham uma palavra para os doentes, os debilitados e os empobrecidos e oprimidos pela ocupação estrangeira.

Aliadas do Império romano, as autoridades judaicas, não se solidarizavam com os pobres. Às situações de penúria, acrescentavam intensa exigência de pureza ritual, mas não tinham autoridade para mudar a situação (cf. Mt 7,28-29). De seu lado, Jesus falava iluminado pelo Espírito, com seu testemunho da real vontade do Pai. Assim acontece na missão em todos os tempos. A força da palavra evangelizadora, isto é, sua autoridade, dá-se pela consciência que a missão procede do Espírito, é a força do testemunho que convence.

O Espírito desperta para a adesão à pessoa de Jesus e ao projeto que emerge com Ele na história, o Reino de Deus. A força da palavra de Jesus vinha da coerência com a vontade do Pai, da intimidade que tinha com o Pai. A fé assumida como missão de testemunhar Jesus, segundo Paulo, firma-se na sabedoria e na graça de Deus, sem recursos da retórica, na fraqueza manifestada pelo Crucificado-Ressuscitado.

A tradição das primeiras comunidades cristãs, transmitida nos evangelhos, mostra o Espírito a conduzir a missão, a sair dos círculos fechados e abrir novos caminhos em busca de

³³⁸ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 220-222.

peessoas e culturas. É a novidade que do Espírito que desinstala e lança a Igreja à missão de dilatar o Reino entre as nações. É preciso disposição interior para acolher as orientações que o Espírito desperta, às vezes para onde não se quer ir.³³⁹

As pessoas tocadas por Jesus encontram verdadeira alegria e sentido para existência. O Espírito é liberdade, fala a quem quer e como quer. Lembramos a Samaritana que acolhe a mensagem de Jesus e sai a anunciar a alegria do encontro (cf. Jo 4,19-29), e na simplicidade do Pedro pescador, brota a proclamação de fé no Messias (cf. Mc 8,28-30).

O Espírito conduz as pessoas a Jesus, expressão máxima da liberdade. Abraçar a proposta de Jesus é abraçar a cruz com alegria. A felicidade e a paz que o seguimento traz, contradizem o que o mundo oferece, baseado no egoísmo. O seguimento consiste em abraçar o caminho de Jesus, no testemunho do despojamento de si mesmo e doação ao próximo, até à cruz e com Ele enfrentar a morte e proclamar a vitória da vida (Mt 10,37-39).

A pessoa do Espírito inspira os evangelhos para recordar o caminho da vida terrestre de Jesus aos que abraçam o seguimento. Ele é a memória da práxis libertadora de Jesus à tentação de esquecer a vida humana de Jesus. Sua finalidade é mostrar Jesus em seus relacionamentos de acolhida, soerguimento e convivência indiscriminada com todos. Ora, todo processo de convivência acontece no concreto dia-a-dia.

Após o século III, a existência humana de Jesus vai ser muito pouco acentuada no processo evangelizador. É a tentação de esquecer a vida humana de Jesus. É como se aquele que desceu do céu, como enviado do Pai, fosse mandado de volta ao céu, não como primícia da ressurreição, mas como um visitante inesperado, cuja presença é incômoda. A partir deste momento constroem-se certos sistemas teológicos que falam muito da divindade, mas se esquecem da humanidade de Jesus.

Construiu-se um novo discurso teológico, com desdobramentos políticos ideológicos, nos quais se fala de um todo poderoso que tudo autoriza a seus “representantes”. Com isto muitas vezes de novo, o povo é oprimido em nome da religião, mas uma religião que não omite o nome de Jesus, mas controla seu alcance.

O Concílio de Calcedônia afirmou plena presença da humanidade e plena presença da divindade em Jesus de Nazaré. Apesar disso, na Cristandade vai predominar a imagem Divina de Jesus, que será apresentado como imperador e rei do universo. O cristianismo, ao ser assumido como religião oficial e obrigatória do Império no século IV, colocou mantos e véus de rei e magistrado sobre os ombros do carpinteiro de Nazaré, escondeu a face humana de

³³⁹ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 237-238.

Deus.³⁴⁰ Isto o remove das ruas e caminhos por onde ia a encontrar as pessoas. A encarnação não é diretamente negada, mas disfarçada. Os mantos refinados colocaram Jesus ao lado dos poderosos e distante dos pobres de Deus.

Transmitiram-se na evangelização e catequese imagens de Deus muito distantes da vida do povo, especialmente dos pobres. Apresentou-se o Deus onisciente, conhecedor de todas as coisas, sabedor dos pecados de cada pessoa, e que no juízo final fará a cobrança aos que desobedeceram as leis. A grande virtude do povo de Deus é a obediência e o temor. Muitas vezes na Cristandade, enquanto se continuava a criticar o legalismo dos fariseus e publicanos, construía-se outro, no mínimo tão pesado e complexo quanto aquele.

Em vez da boa nova da alegria e da esperança, em que as pessoas se sentiam livres e desejosas de seguir o caminho de Jesus, difundiu-se uma catequese do medo, baseada no juízo final, purgatório, inferno e paraíso. Revelou-se a face de um Deus Juiz rigoroso e se ofuscou a esperança de mudança na pessoa. Grande parte das conversões não era espontânea, mais que alegria e esperança havia o medo. É como se tivessem silenciado o Espírito da liberdade.

Comblin nos diz que o grande sinal da Tradição evangélica, suscitada pelo Espírito, é a alegria. A participação ativa na comunidade e a abertura ao próximo criam felicidade, faz nascer sentimento de mais vida, esperança de vida melhor. A alegria é sinal de comunidade evangelizada. Quando os pobres, doentes e sofredores viam os sinais de Jesus exultavam no Senhor: “Um grande profeta surgiu entre nós, e Deus veio visitar o seu povo” (Lc 7,14).

Ao perceber que os pobres acolhiam a mensagem, Jesus exulta de alegria no Espírito e louva ao Pai (Lc 10, 21-24). O louvor de Jesus se dá pela confirmação da opção do Pai pelos pobres, que têm abertura para acolher o Reino. A mensagem do Reino significou vida nova para os que tinham a dignidade de filhos de Deus negada. O agir de Jesus, segundo o Espírito, trouxe vida em plenitude para as pessoas.

A ação de Jesus na história inaugurou o Reino de Deus. Cheio de fervor missionário e da energia do Espírito não temeu os conflitos com o sistema religioso do templo, que impedia aos pobres conhecerem o Deus da vida. O grande templo que Jesus realiza o serviço a Deus é formado por ruas, estradas, casas, sinagogas. Ali ele toma, por gestos e palavras, a defesa da vida do pobre, da dignidade humana. Quanto mais intimidade na oração com o Pai, mais Jesus voltava cheio de energia do alto para doar-se aos sofredores e acolher os pecadores.³⁴¹

Diante das leis judaicas, que se sobrepunham à pessoa, Jesus coloca o dom da vida em

³⁴⁰ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 239-240.

³⁴¹ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 69.

primeiro lugar. Esta é a síntese de seu projeto: “Eu vim para que todos tenham a vida, e a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Paulo evidencia essa verdade da práxis de Jesus: “a letra mata, mas o Espírito dá vida” (2Cor 3,6). “A letra é a lei, a submissão, a obrigação, o temor. O Espírito leva à vida porque liberta da lei. [...] O Espírito, isto é o agir pelo Espírito transfigura o ser humano, torna-o glorioso”³⁴².

Transcorridos 20 séculos de cristianismo, o Espírito de Deus sempre tocou pessoas que se abriram à ação da liberdade profética. Em meio às alianças com os poderosos e acúmulo de riquezas, sempre surgirão pessoas que se deixam tocar pelo Espírito. Para fugir ao luxo e à ostentação muitos irão para o deserto. Outros vão se fazer monges.

Mais tarde estas experiências também sofrerão questionamentos. Em dado momento, emergem na Europa, entre os séculos XII e XIV, as beguinas e os begardos, os mendicantes e a *Devotio Moderna*. Muita gente é declarada herege, mas com profética alegria e liberdade evangélica reanimam a esperança dos pobres. Retomam o caminho de Jesus e contagiam com o carisma do Espírito milhares de pessoas.

Já na América Latina entre os anos 1950 a 1985 emergiu o povo de Deus que, se firmou nos anos 1970 como Igreja dos pobres. Deu-se o reencontro com o Crucificado-Ressuscitado nos campos e favelas, na face dos crucificados que entraram em movimento de ressurreição.³⁴³ Através das Comunidades Eclesiais de Base, Pastorais Sociais e serviços aos Direitos Humanos, os pobres recuperaram a Palavra, expressaram seus clamores, lutaram por direitos e muitos foram até o martírio.

Compreendia-se que a efervescência das CEBs em todo continente era verdadeira ação do Espírito, que movia profetas a irem ao encontro dos pobres, morar com eles, animar e apoiar os movimentos de libertação. Cresceu a consciência e a organização eclesial e social do povo de Deus³⁴⁴, que transparecerá na temática do primeiro encontro intereclesial: CEBs uma Igreja que nasce do Espírito de Deus.

A Igreja dos pobres move-se no Espírito do Crucificado-Ressuscitado e confronta-se como Jesus com todos os poderes que oprimem e massacram a dignidade humana. Dolorosamente, muita perseguição vem dos próprios quadros da Igreja. Mas na medida em que é fiel a seu Mestre, o povo de Deus assume conscientemente a tríplice missão de Jesus na Igreja e na sociedade. As CEBs animam o povo para a missão, preparam para os sacramentos,

³⁴² COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 69-70.

³⁴³ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1982. p. 100-104.

³⁴⁴ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 242-243.

celebra fé e vida, denuncia as injustiças e corrupções, lutam por um mundo novo e têm como referencial o Reino de Deus.

Acusadas de trocar a religião por política, as CEBs constituídas por cristãos leigos têm clareza da missão de testemunhar a luz do evangelho nas estruturas sociais.³⁴⁵ Agem movidas pela força da Palavra de Deus, por uma mística profética e martirial. Reafirmam na liberdade, na alegria e na esperança do Espírito, com o profeta e mártir Oscar Romero, que “A maior glória de Deus é a vida do pobre”. Expressam no cantar a experiência da fé: “Vence a tristeza, enxuga o pranto ó meu povo, vem cantar um canto novo, Deus da vida aqui está!”.

3.2 Missão Ibiapina e Catolicismo Romanizado no semiárido – Quais imagens de Deus e qual práxis?

O Catolicismo brasileiro durante o período colonial era de cunho lusitano, devocional, totalmente autônomo, com pouca presença clerical. Havia uma relação amistosa dos padres com os leigos, cujo contato se dava uma vez por ano nas desobrigas. Como diz o historiador Eduardo Hoornaert, havia “muito santo pouco padre; muita reza pouca missa”. Os leigos estavam organizados em beatarias e confrarias.

Oficialmente, até o início do século XIX, a Igreja Católica no Brasil estava ligada à Mesa de Ordens de Lisboa. Após 1808, ficará ligada diretamente a Roma. Em meados do século emergirá com força as idéias e práticas ultramontanistas. O Concílio Vaticano I reafirmará as decisões de Trento com a centralização dos poderes eclesiais em Roma, definirá a infalibilidade do Papa.

O espírito racionalista predominará na formação nos seminários, com acento nos dogmas e doutrinas católicas, com vistas a um clero preparado para ensinar as verdades da fé e combater qualquer sombra de heresias e fanatismo. Prepara-se um exército para defender a Doutrina cristã sob o comando do papa. É o processo denominado romanização, em que a liberdade e a autonomia dos leigos católicos nas beatarias e confrarias são restringidas e controladas pelo novo clero preparado nos seminários.

A missão Ibiapina favorecia autonomia dos pobres, despertava muitas vocações leigas. As Irmãs, ou Beatas, que serviam nas Casas de Caridade não eram reconhecidas oficialmente, o que não agradou a hierarquia da Igreja, que passava por mudanças no século XIX. As obras da Caridade geraram dúvidas e inquietações na autoridade eclesiástica que, formada no estilo

³⁴⁵ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 244.

ultramontano e romanizador, pretendia implantar o modelo de disciplina, controle e obediência na recém-fundada diocese do Ceará.³⁴⁶

Ao fomentar a criação de instituições que promoviam a pessoa humana, Ibiapina foi além da perspectiva clerical da época que se restringia à ação *ad intra*. Desenvolveu a missão no serviço aos pobres, calcado na profunda oração da Igreja, na Palavra de Deus e na Patrística.

Devoto da Imaculada Conceição de Maria, Ibiapina era grande divulgador do rosário da Mãe de Deus e do Ofício da Imaculada. O missionário, que havia acrescentado para si o nome de Maria como sobrenome, por ocasião da ordenação, sugeriu aos homens na missão de Santana do Acaraú-CE a fazerem o mesmo, o que foi acolhido e adotado por muitos.³⁴⁷ As obras da Caridade moviam-se no trabalho e nos benditos à Virgem Mãe: “Frei Ibiapino deixou dois pé de árvore plantado: o terço na boca da noite o ofício de madrugada. Frei Ibiapino deixou o Coração de Maria: o terço à boca da noite Salve Rainha ao meio-dia”³⁴⁸.

Padre Ibiapina integrou na obra missionária a vivência e o respeito às devoções populares. Homem de oração pessoal e meditação da Palavra de Deus exortou o povo à busca da vida eterna através da reconciliação entre as pessoas e no incentivo às confissões, no amor à eucaristia e na comunhão fraterna e solidária. Contribuiu para que os pobres assumissem a tríplice missão de batizados.

Assumiu com liberdade, no sertão nordestino do século XIX, o jeito messiânico de ser humano, de sentir a dor do outro, se compadecer e se comprometer com ações concretas em favor da dignidade humana. É Deus quem suscita, capacita com o Espírito e envia homens e mulheres ao mundo com o seu olhar e gestos concretos de solidariedade para o meio dos pobres.³⁴⁹ Que imagens de Deus moveram a práxis de Ibiapina?

3.2.1 Imagens de Deus que moveram a práxis missionária do Padre Ibiapina

O Padre José Antonio de Maria Ibiapina foi considerado por Comblin como o maior missionário do Nordeste, o mais lúcido, inteligente e sensível à dor do povo. Desperta

³⁴⁶ BRAGA, Antônio M. da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um Padre, antropologia de um Santo*. Bauru, SP: EDUSC, 2008. p. 40-44.

³⁴⁷ ARAÚJO, Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*, op. cit., p. 371.

³⁴⁸ HOORNAERT, Eduardo. *Crônica das casas de caridade fundadas pelo padre Ibiapina*, op. cit., p. 19. “Bendito de Frei Ibiapino”, pelo estilo de vida itinerante o Padre Ibiapina que era diocesano, foi identificado com os missionários capuchinhos ou jesuítas que há muito tempo passaram pelos sertões. Este bendito é cantado pelos penitentes de Riachão perto de Petrolândia, na área do Rio São Francisco (1972).

³⁴⁹ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, op. cit., p. 35-36.

admiração o grande fervor e entusiasmo com que percorreu milhares de quilômetros a pé ou a cavalo, sem estradas favoráveis, a ponto de ficar totalmente extenuado e não poder mais andar.

O que levou o professor, juiz de direito e deputado nacional, José Antonio Pereira Ibiapina a abandonar tudo, enclausurar-se espontaneamente por três anos e dedicar-se à leitura, oração e meditação da Bíblia e da Patrística? Ordenado padre aos 47 anos, passou dois anos em Recife e Olinda como vigário geral e professor no seminário, até que estoura o grande surto do cólera-morbo a vitimar milhares de pessoas, sobretudo os mais pobres.

Padre Ibiapina pediu ao bispo a dispensa dos cargos que assumia e “foi ao encontro de Deus nos pobres abandonados do sertão”. Que força interior o fez sair da estabilidade da capital do Recife a se embrenhar no mundo abandonado e desestruturado dos sertões nordestinos do século XIX?³⁵⁰ Qual mística moveu o peregrino da caridade a optar pela itinerância e mendicância? Que apelos de Deus ele sentiu?

Assumiu uma espiritualidade encarnada. A exemplo de Jesus, esvaziou-se de todo poder e bens e encarnou-se no sertão nordestino, dominado pelo coronelismo, violência, exploração, desrespeito à mulher e ausência das instituições sociais. A presença e mensagem de Ibiapina no meio do povo de Deus significou verdadeiramente boa notícia para os pobres, doentes e famintos que viviam abandonados.³⁵¹

Revelou o rosto do Deus misericordioso que realiza a *kenósis* e aproxima-se das dores da humanidade. Movido pela liberdade do Espírito foi ao encontro de Deus nos pobres³⁵². Respeitou a oração simples do povo de Deus, através das expressões populares da fé e praticou a evangelização realmente inculturada.

Transmitiu confiança na Providência Divina³⁵³ que não abandona os pobres e os mobiliza para a solidariedade: “O pouco com Deus é muito, o muito sem Deus é nada”, “Nada faltará!”. Ele mesmo atribui à Providência a vocação que abraçara.³⁵⁴ Com a expressão “Só Deus é Grande, ninguém é pequeno” animou a confiança e autoestima dos pequeninos a contar com a força de Deus para enfrentar as adversidades da vida.³⁵⁵

Presente na vida sofrida do povo, Padre Ibiapina revelou a imagem do Deus encarnado e solidário, e convocou o povo para “as obras de Jesus, as obras da Caridade”. Nas Casas de

³⁵⁰ COMBLIN, José. Ibiapina, o Missionário, op.cit., p. 120-121.

³⁵¹ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 13-14.

³⁵² COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 260.

³⁵³ COMBLIN, José. Introdução. In: CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina*, op. cit., p. 12.

³⁵⁴ COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*, op. cit., p. 24.

³⁵⁵ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 5.

Caridade as pessoas deveriam estar ocupadas a serviço do próximo, maneira mais sublime de rezar e agradar a Deus e ser feliz. Dizia que a oração que mais agrada a Deus é realizada com as mãos.

Comblin fala de uma perspectiva sapiencial nos ensinamentos do Padre Mestre. Orientava às irmãs das Casas de Caridade a utilizarem corretamente o tempo e saber escolher o caminho do bem viver com os outros no serviço a Deus. Era uma espiritualidade prática e realista.³⁵⁶ Não separou o espiritual do material ao estimular a oração do labor, e trabalhou ele mesmo com o povo nas obras que incentivava.³⁵⁷

A preguiça é pecado mortal, por isso quem vive na preguiça está fora de Deus. Não há tempo a perder. Todas as horas são de Deus, por isso sejam empregadas todas as horas do dia nos trabalhos de casa que são de Deus, na oração, e em caminhar para a perfeição [...] Ouvi-me filhas, como a um Pai interessado na vossa salvação e não obreis se não por amor de Jesus e de Maria [...].³⁵⁸

Recupera, em plena escravidão negra no Brasil, a dignidade do trabalho humano, com possível influência da espiritualidade beneditina dos tempos que morou no mosteiro de São Bento em Olinda, supõe-se o contato com a regra “*Ora et labora*”³⁵⁹. Desse modo, revela o Deus que é glorificado pelo trabalho, que trabalhou na obra da criação e fez-se humano e trabalhador na carpintaria de Nazaré.

Revelou a imagem do Deus Pai. Comoveu-se ao ver a miséria do povo, de maneira especial das órfãs da peste e da seca. Padre Ibiapina age movido pela Palavra que revela os preferidos de Deus: os órfãos, as viúvas, os doentes e peregrinos.

As Casas de Caridade representam a presença solidária do Deus Pai que acolhe os sofredores e retirantes, abandonados e rejeitados pela família e pela sociedade.³⁶⁰ Padre Ibiapina dá instrução às irmãs a quem tem como “filhas”, sobre os benefícios da vida nas Casas de Caridade:

Os trabalhos que fazíamos no mundo ou era pra vaidade ou para proveito dos Pais e Irmãos, e aqui tudo fazemos por Deus, por esmolas às Órfãs e remediar as necessidades dos pobres, o que tudo por Deus soma um proveito espiritual [...] Na caridade todos temos um Pai que não morre, nem empobrece, que vigia

³⁵⁶ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 13-14, 22, 34-35, 48.

³⁵⁷ ARAÚJO, Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*, op. cit., p. 355-356.

³⁵⁸ COMBLIN, José. Carta de despedida do Padre Ibiapina às irmãs das casas de Caridade. In: COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 47-50.

³⁵⁹ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti; SOUZA, Francisco Roserlândio de. A irmandade religiosa dos beatos e a prática pastoral do Padre Cícero: oração e trabalho. In: INTEECLESIAL DE CEBs, 13. *Texto-base: Justiça e profecia a serviço da vida*. [s.l.]: Editora Rona, 2013. p. 65-66.

³⁶⁰ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 459.

constantemente com amor terno para suas filhas [...] Bendito e louvado seja o Santíssimo Coração do Bom Jesus! Nada nos falta para o corporal: temos sustento e vestuário; e sobretudo no espiritual [...].³⁶¹

Confiadas na Providência Divina do Pai, as Casas da Caridade do Padre Ibiapina aglutinavam as energias solidárias locais e realizavam as obras da misericórdia: dar de comer a quem tem fome, dar pousada aos peregrinos, vestir os nus, dar de beber a quem tem sede, assistir aos doentes, visitar os presos e enterrar os mortos, Padre Ibiapina organizou a solidariedade e a hospitalidade inatas no meio dos pobres.³⁶² As Casas de Caridade acolhiam as meninas e meninos órfãos, os retirantes das secas sem moradia, os doentes abandonados. Funcionavam como orfanato, escolas profissionalizantes e hospital.³⁶³ Apresenta o objetivo das Casas no Estatuto feito por ele:

Têm dous fins as Casas de Caridade desta instituição e vêm a ser educação moral e do trabalho. Recebem nessas Casas as Orphans de 5 a 9 annos sendo pobres e desvalidada. A primeira educação das Orphans é doutrina cristã, saber ler, escrever, contar, costurar, bordados, &. Finda essa educação, entrarão nos trabalhos manuaes de tecer pano, fiar no engenho, fazer çapatos e quaesquer gênero de industria que a Casa tem adoptado.³⁶⁴

A ação pastoral de Ibiapina criou união onde havia dispersão, reconciliou adversários e formou comunidade. Comblin o denomina de Pai do povo: “Ele gera um povo numa terra sem estrutura. [...] Ele é missionário porque se torna o Pai fundador do povo do interior. Ele é fator de ligação e comunhão desse povo”³⁶⁵.

Conduzia na missão estandartes do Sagrado Coração de Jesus e de Maria e a partir deles exortava as multidões ao trabalho da Caridade. A devoção aos sagrados corações foi assumida e difundida pelo Padre Ibiapina longe de um pietismo espiritualista motivou as famílias a se consagrarem no compromisso com o próximo. Levou as pessoas a conhecerem e imitarem o Bom Pastor.

Relata o cronista do século XIX sobre a espiritualidade do Padre Ibiapina: “Falo do seu coração que foi formado no Sagrado Coração de Jesus, para médico e consolador das almas, para asilo não só da orfandade, mas de todos os que se acham infelizes”³⁶⁶.

³⁶¹ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 60.

³⁶² COMBLIN, José. Ibiapina, o Missionário, op.cit., p. 123.

³⁶³ COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*, op. cit., p. 42-43.

³⁶⁴ MARIZ, Celso. *Ibiapina, um apóstolo do Nordeste*, op. cit., p. 283.

³⁶⁵ COMBLIN, José. Ibiapina, o Missionário, op.cit., p. 123-125.

³⁶⁶ CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina*, op. cit., p. 42. Nas páginas seguintes encontram-se relatos de várias construções de hospitais para atender aos pobres vitimados pelo cólera-morbo.

Despertou vocações apostólicas locais dedicadas inteiramente aos pobres e abandonados.³⁶⁷ As experiências de Deus que Ibiapina vivenciou e pregou levou as pessoas a quererem viver o que Jesus viveu.³⁶⁸

Perguntamo-nos quais as imagens de Deus emergem e convergem da práxis missionária do Padre Ibiapina na percepção de Comblin, e em que estas imagens influenciaram a práxis eclesial e vivência da fé na realidade do Nordeste.

Alguns estudiosos dos movimentos religiosos do Nordeste brasileiro não hesitam em afirmar a grande influência do Padre-mestre em personalidades que fizeram história no semiárido. O padre Azarias Sobreira, um dos biógrafos do Padre Cícero Romão Batista, chama Ibiapina de “providencial estimulador de vocações verdadeiramente apostólicas”:

Sozinho e pobre, entre os cinquenta e os setenta anos de idade, não obstante a precária saúde e a indiferença do meio, evangelizou todo o Nordeste; e sua palavra de fogo secundada por uma vida de renúncia a toda prova, sacudiu o torpor espiritual das massas, despertou as consciências adormecidas, fez fundações de largo descortino e abriu nova era nos fastos religiosos do Polígono das secas.³⁶⁹

Transmitiu o Deus da misericórdia muito mais pela sua compaixão solidária com os pestilentos do que pelos discursos. Esvaziou-se de todo poder e riquezas e encarnou-se no sertão nordestino, dominado pelo coronelismo, violência, exploração, machismo e ausência das instituições sociais.

A presença e mensagem de Ibiapina, no meio do povo de Deus significou verdadeiramente boa notícia para os pobres, os doentes e famintos que viviam abandonados nos “escuros porões” da sociedade.

3.2.2 Influxos das imagens de Deus e práxis do Padre Ibiapina no apostolado do Padre Cícero

Emerge na história da humanidade a ação do Espírito de Deus que capacita, como carisma profético da palavra, pessoas para reanimar esperança dos pobres de Deus e chamá-los a ser povo de Deus, povo sacerdotal, profético e pastoral. No século XIII, Francisco de Assis, suscitado pelo Espírito, redescobre a humanidade de Jesus como caminho dos cristãos e

³⁶⁷ CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina*, op. cit., p. 46-47.

³⁶⁸ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 260.

³⁶⁹ SOBREIRA, Azarias. *O patriarca de Juazeiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 40.

relembra à Igreja imersa no poder e na riqueza, a vocação à qual foi chamada³⁷⁰.

Durante a conquista espanhola e portuguesa na América do século XV e XVI, os missionários franciscanos e dominicanos retomam o caminho e encontram os pobres de Jesus nos indígenas. Na comunidade de Espanhola será denunciado pelo frei Bartolomeu de Las Casas o massacre feito aos nativos com documento escrito: “Sou a voz que clama no deserto”.

Foi assim com Vicente de Paula, São Bernardo, o Padre Júlio Maria e tantas outras figuras que se deixaram conduzir pelo Espírito de Deus. São minorias abraâmicas de que falava Dom Hélder³⁷¹.

Retornará em Medellin e Puebla o acolhimento da palavra dos pobres expressa através do clamor³⁷². Gritos silenciados historicamente que vieram à tona quando os pastores do povo abriram o ouvido do coração e foram ao encontro dos pobres. A fé e esperança dos pobres são reconhecidas, ainda que por uma minoria na Igreja latino-americana.

Apresentaremos a percepção de Comblin sobre a práxis pastoral do Padre Cícero no Juazeiro do Norte e quais as imagens de Deus emergentes na vivência da fé do Patriarca do Juazeiro, no contexto da Romanização do século XIX. Alguns estudiosos afirmam convictos que a práxis missionária do Padre Mestre Ibiapina influenciou na vocação e apostolado do Padrinho do povo nordestino.

O entusiasmo de Ibiapina empolgava multidões. As famílias acorriam para ouvir suas prédicas, dentre elas, Joaquim Romão e Joaquina Vicência, com seu filho Cícero. Acompanhavam a obra do peregrino da Caridade. Marcou profundamente o imaginário do menino que sonhava em ser padre a exemplo do missionário que cuidava das vítimas do cólera-morbo e das grandes secas³⁷³.

Ocorreu no Crato-CE, entre os anos de 1860-1865, fato que scandalizou o povo. Conta-se que determinado sacerdote negou-se a dar unção dos enfermos ao padre João Marrocos, que agonizava vitimado pelo cólera-morbo. O Padre Ibiapina ministrou o sacramento da unção ao padre João Marrocos, e a Joaquim Romão. Entre as pessoas edificadas com o testemunho do missionário estava o seminarista Cícero Romão Batista³⁷⁴ cujo pai, morrera nos braços do peregrino da Caridade. Ibiapina evangelizou pela palavra e

³⁷⁰ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 240.

³⁷¹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 248-253.

³⁷² COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 333.

³⁷³ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti; SOUZA, Francisco Roserlândio de. *A irmandade religiosa dos beatos e a prática pastoral do Padre Cícero*, op. cit., p. 71.

³⁷⁴ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus*. 2. ed. Fortaleza: IMEPH, 2008. p. 119, 121.

muito mais pelas atitudes junto às vítimas da peste.

Encontrar-se-á o apóstolo da Caridade, Padre Ibiapina, com o futuro Padre Cícero Romão Batista, na inauguração da primeira Casa de Caridade em Missão Velha, em dois de fevereiro de 1865: “A estas comemorações esteve presente o jovem Cícero Romão que, dois meses depois, matriculou-se no Seminário de Fortaleza, aos 21 anos”³⁷⁵. Diz-nos o Padre Azarias Sobreira, biógrafo do Padre Cícero, sobre a influência de Ibiapina:

Quem terá contribuído para despertar, no adolescente Cícero, o entusiasmo com que abraçou o sacerdócio, nele descobrindo o melhor e mais belo caminho para deter a impiedade nos albores do século XIX? Em alto relevo, parece que o incentivo por excelência lhe veio do saudoso Padre-mestre Ibiapina, como ainda hoje é lembrado pelos anciãos nordestinos.³⁷⁶

Percebemos na experiência da orfandade sofrida pelo ainda seminarista Cícero Romão Batista, a vivência da fé na Providência Divina, quando através de um sonho, o pai falecido, Joaquim Romão, fala ao filho para não desistir da vocação ao presbitério. Deus agirá no padrinho de batismo de Cícero. O comerciante Antonio Luís provê o enxoval do jovem para ingressar no seminário de Fortaleza e ajuda financeira à viúva e às irmãs órfãs.³⁷⁷

Manifesta-se na vida de Cícero a imagem do Deus presente a lhe orientar as decisões. Foi assim a decisão de ir trabalhar no Juazeiro. Deus decidiu.³⁷⁸ Chegara ao pequenino povoado de 32 casas e uma capelinha dedicada a Nossa Senhora das Dores, em 11/04/1872, para passar alguns dias e ministrar os sacramentos necessários. Confessara até altas horas da noite e já cansado parou para repousar na casa onde funcionava a escola do lugar.

Sonhou com o Sagrado Coração de Jesus. Relatou Padre Cícero aos amigos que estava ele sentado à mesa grande da escola, entrava na sala Jesus com o coração exposto, como no quadro, seguido dos doze apóstolos e puseram-se à mesa. Eis que entra uma multidão de retirantes maltrapilhos, descalços e famintos. O Coração de Jesus fala a todos sobre a ingratidão da humanidade. Dirige-se ao Padre e lhe ordena: “E você Padre Cícero, tome conta deles”³⁷⁹.

Entendera que o sonho era mesmo uma ordem do Coração de Jesus. Mudou-se para Juazeiro e por toda a vida dedicou-se inteiramente às pessoas humildes, grande parte de mestiços e negros. Combatera os vícios, abusos morais e a violência contra a mulher.

³⁷⁵ ARAÚJO, Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*, op. cit., p. 380-381.

³⁷⁶ SOBREIRA, Azarias. *O patriarca de Juazeiro*, op. cit., p. 39.

³⁷⁷ COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 10.

³⁷⁸ Ibidem, p. 11.

³⁷⁹ Ibidem, p. 12.

Alimentou a fé do povo com a palavra. Andava constantemente a pé pelos sítios a fazer missões, visitar as pessoas, pregar e atender os sacramentos, rezar novenas, terços e procissões de padroeiros.

Padre Cícero exerceu o ministério sacerdotal de maneira intensa em harmonia com o catolicismo devocional que fora iniciado desde criança. Viveu a pobreza e assumiu atitude de total desprendimento e gratuidade. Não recebia dinheiro pelos serviços prestados. Passou grandes privações econômicas, e vivia de esmolas com a mãe e as irmãs. Continuava a acreditar na Providência Divina.

Fala-se que na grande seca de 1877 a 1880 passou sérias privações com sua mãe e irmã, pois a pouca comida que dispunham era repartida com as pessoas que passavam fome. Espalhou-se por todo o sertão nordestino a notícia do padre solidário do Juazeiro do Norte, a quem acorriam os retirantes da seca.

Segundo estudiosos, Padre Cícero era leitor assíduo de São João Crisóstomo, de quem possuía as obras completas, e que absorvera inspirações para a solidariedade com as vítimas da estiagem³⁸⁰. Escreveu cartas às autoridades civis e religiosas a quem cobrava atitudes para sanar o sofrimento das pessoas vitimadas pelo flagelo.

Ganhou fama de sacerdote dedicado ao povo, disponível, bom conselheiro e de vida impecável. Tinha palavra forte e impactante que tocava os mais duros corações. Acolhia a todos em sua casa: retirantes, mendigos, ricos comerciantes, padres e estrangeiros. Havia dias que comiam à mesa com ele entre vinte e trinta pessoas.³⁸¹ Para quem vivia de esmolas, tamanha generosidade certamente advinha da fé na Providência Divina.

Padre Cícero seguiu o exemplo do Padre Ibiapina e reuniu grupo de beatas piedosas, dedicadas à oração, à caridade e à catequese. Participavam de todas as atividades da Igreja. Dentre elas estava Maria de Araújo a beata do milagre. Na grande seca de 1888, padre Cícero fez promessa de construir uma Igreja em honra ao Sagrado Coração de Jesus. Vieram algumas chuvas e as obras começaram.

Entra o ano de 1889 com grandes expectativas. Persistia a grande seca, havia se dado a proclamação da República, recebida pelos habitantes do interior como o advento do anticristo e dos inimigos da Igreja, dentre eles a Maçonaria. Pairavam ares apocalípticos. Ao mesmo tempo, o Cariri crescia economicamente graças aos engenhos de açúcar que prosperaram, o Juazeiro acompanhava o crescimento.

³⁸⁰ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti; SOUZA, Francisco Roserlândio de. *A irmandade religiosa dos beatos e a prática pastoral do Padre Cícero*, op. cit., p. 73.

³⁸¹ COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*, op. cit., p. 13-14.

Aconteceu o fenômeno da hóstia na boca da afilhada do Padre Cícero e beata Maria de Araújo, no início de março de 1889³⁸². Comblin contextualiza o momento, lembra que o Beato Antonio Conselheiro já peregrinava pelos sertões da Bahia³⁸³. Organizará o arraial de Belo Monte em Canudos sob a máxima de Ibiapina: “Grande só Deus. Ninguém é pequeno”, e opor-se-á à República que trazia a aprovação do divórcio. Conselheiro ouvira pregações do Padre Ibiapina quando trabalhou como mascate pelos interiores do Ceará³⁸⁴.

A perspectiva apocalíptica aparecia como uma das saídas da realidade nordestina, marcada pela violência, injustiças e abandono dos pobres. Alguns enveredavam pelo banditismo social do cangaço, outros como jagunços dos coronéis. A saída para os mais piedosos era a organização em grupos de penitentes, que se organizavam para rezar e trabalhar juntos. O arraial de Canudos se forma como experiência autônoma dos pobres em torno do tripé trabalho livre, oração e vida comunitária.

Comblin interpreta a emergência dos beatos e movimentos dos pobres e seus aliados como ação da profecia do Espírito de Deus na história. A verdadeira Igreja se dá no meio dos pobres, dos cristãos leigos que assumem a missão³⁸⁵. Além de Antonio Conselheiro, lembra o beato Zé Lourenço que, animado pelo Padre Cícero, formou a comunidade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, entre o Crato e Farias Brito, no mesmo estilo de Canudos: oração, trabalho livre, vida comunitária.³⁸⁶

Padre Cícero convidou as beatas preparadas pelo Padre Mestre Ibiapina nas casas de Caridade para dar aulas em Juazeiro e colaborar na evangelização, como foi o caso da beata Isabel da Luz. A organização das beatas deixada pelo Padre Ibiapina fora proibida pelo Bispo Dom Luís dos Santos, que desaprovava o estilo de missões do apóstolo da Caridade.

A práxis solidária e acolhedora do Padre Cícero aos pobres e retirantes nordestinos atraiu muita gente ao Juazeiro. O acontecimento do milagre da hóstia transformada em sangue na boca da beata teve grandes significados para os pobres, que esperavam na Providência Divina diante dos diversos males sociais e climáticos. Para a estudiosa Maria do Carmo Pagan Forti, o evento da beata é carregado de sentidos, no contexto social e eclesial do século

³⁸² Dentre as beatas acolhidas pelo Padre Cícero em sua casa estava Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, afilhada do padre. Desde a infância manifestaram-se fenômenos místicos nesta beata como levitações, exudações e estigmas. Toda a questão do Juazeiro tem como centro o fenômeno da hóstia que se transforma em sangue na boca da beata Maria de Araújo quando comungava, e foi o evento gerador das romarias ao Juazeiro. Padre Cícero é exortado pela Hierarquia da Igreja a negar o fato e, declarar que foi um embuste da beata, e se retirar da cidade.

³⁸³ COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*, op. cit., p. 15.

³⁸⁴ ARAÚJO, Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*, op. cit., p. 356.

³⁸⁵ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 242-244, 445-447.

³⁸⁶ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, op. cit., p. 243.

XIX.³⁸⁷

A beata Maria de Araújo exerce a fala e protagoniza um fenômeno extraordinário de dentro do espaço reservado aos homens consagrados, e tem como centro a Eucaristia, ápice dos sacramentos da Igreja. É uma mulher leiga e pobre que fala à hierarquia em nome dos pobres, da maneira como os pobres expressam e vivem a religião.

Houve uma espécie de identificação entre a beata leiga, pobre, descendente de índios e negros, lavadeira e costureira, com os pobres de todo o nordeste. Em plena romanização os movimentos dos leigos, beatarias e confrarias passavam por um controle do clero que entrava em conflito com o Catolicismo popular.

Abriu-se inquérito por parte da autoridade hierárquica constituída que, de acordo com a orientação eclesial da época, deveria zelar pela verdadeira e sã doutrina, evitar qualquer manifestação de fanatismo e heresia. Constituiu-se um júri eclesiástico e procedeu-se à investigação que, após um mês de trabalho, concluiu que o caso do Juazeiro constava de verdadeiro milagre, o que contrariou os objetivos do bispo.

Tornou-se o Juazeiro da Mãe das Dores e do Padre Cícero por causa da beata Maria de Araújo, centro atrativo de todos os deserdados da sociedade e da religião. Chegavam centenas de pessoas de todo o Nordeste todos os dias para visitar a beata, fazer romarias e pedir conselhos ao padrinho Cícero. Houve muitas acusações de estímulo ao fanatismo, de embuste quanto ao fenômeno da hóstia. Por fim, exigiu-se da parte da autoridade hierárquica cearense que Padre Cícero deixa-se o Juazeiro.

Padre Cícero decide ficar no Juazeiro. Aos poucos foi suspenso dos ministérios sacerdotais e torna-se cada vez mais próximo e amado do povo. Foi considerado o padrinho do povo pobre e as crianças que nasciam recebiam o nome Cícero em homenagem ao Patriarca do Nordeste. Dedicou-se em melhorar as condições de sobrevivência das pessoas com a educação profissionalizante, para superar a dependência dos trabalhadores em relação aos senhores de engenho e fazendeiros³⁸⁸.

Incentivou vários tipos de ofícios e trabalhos manuais, tinha como lema inspirador ao povo do Juazeiro: “Cada casa um santuário, cada quintal uma oficina. Porque aqui se reza, aqui se trabalha”. Desenvolveu o artesanato, a arte imagética e a agricultura diversificada quando na realidade brasileira predominava a monocultura: “Pela orientação e estímulo de Padre Cícero, o Cariri conseguiu autonomia nos produtos agrícolas básicos: arroz, feijão,

³⁸⁷ FORTI, Maria do Carmo Pagan. *Maria do Juazeiro: a beata do milagre*. São Paulo: Annablume, 1999. p. 111-129.

³⁸⁸ COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*, op. cit., p. 17-28.

milho, cana para rapadura, mandioca, etc. Estimulou a abertura de cacimbas e construção de cisternas para recolher as águas das chuvas [...]"³⁸⁹.

Cícero Romão Batista revelou ao povo do Nordeste o rosto da Divina Providência ao prover condições dignas para o bem viver através do trabalho honesto. Reunia multidões em volta da sua casa e, como padrinho dos pobres, aconselhava e rezava com eles o rosário da Mãe das Dores e o Ofício da Imaculada: "O povo consagrou Padre Cícero porque ele antes entregara sua vida aos pobres [...] E o povo pobre o reconheceu, porque viu nele o Pai dos pobres"³⁹⁰.

Para os pobres do Nordeste, o Juazeiro tornou-se sinal de salvação religiosa e econômica. Mais que um espaço geográfico constitui-se "espacialidade sagrada"³⁹¹. As romarias continuaram para visitar o túmulo da beata Maria de Araújo, que falecera em 1914 e intensificaram-se com a morte do Padre Cícero em 1934. De maneira autônoma, os pobres se organizam em nível pessoal e comunitário, nos gestos e toques das imagens, nas ladainhas e benditos, externam a liturgia romeira sem o controle religioso do clero.

Padre Cícero foi assumido como o Patriarca do Nordeste, o Pai da "Nação Romeira"³⁹² que tem os traços dos cristos crucificados pela fome, falta de terra e de saúde e pelas perseguições sofridas. Ir ao Juazeiro da Mãe das Dores e do Padrinho Cícero não é sacrifício para os romeiros, antes é uma satisfação, um refrigério e restauração da esperança e das forças para continuar as lutas pela sobrevivência. Há muita piedade, fé e alegria. Juazeiro, na palavra do Padre Cícero, tornou-se "salvação para os náufragos da vida".

3.2.3 A práxis pastoral de José Comblin no semiárido – edificar a Igreja dos pobres

Trabalhar na Igreja de Olinda e Recife com Dom Hélder e sua equipe, aguçou muito mais o espírito crítico e o compromisso com os pobres de José Comblin. Convicto de que fora negado ao povo de Deus o direito da fala, de expressar-se religiosamente a partir de sua

³⁸⁹ Ibidem, p. 43.

³⁹⁰ COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*, op. cit., p. 41-43.

³⁹¹ GUIMARÃES, Ana Teresa; DUMOULIN, Annette. Mística e espiritualidade da romaria com particular enfoque sobre a romaria de Juazeiro do Norte. In: INTEECLESIAL DE CEBs, 13. *Texto-base: Justiça e profecia a serviço da vida*. [s.l.]: Editora Rona, 2013. p. 193-195. "A espacialidade em psicologia fenomenológica é o espaço vivido, subjetivo em oposição ao espaço que se mede objetivamente. O romeiro transforma, organiza e vive o espaço em dimensões religiosas, numa 'espacialidade sagrada', uma grande liturgia [...] Hoje cerca de dois milhões de romeiros visitam anualmente a 'Jerusalém Nordestina'".

³⁹² "Nação Romeira" expressão usada pelo povo romeiro e pastoralistas que trabalham nas romarias do Juazeiro. Objeto de estudo de Tese Doutoral pela Universidade de Louvain, Bélgica pela Ir. Therezinha Stella Guimarães intitulada: *Padre Cícero e a nação romeira; estudo psicológico da função de um "Santo" no Catolicismo Popular*, publicada em 2011 por ocasião do centenário de Juazeiro do Norte.

realidade e do conhecimento da Palavra, percebia a distância e o paradoxo que havia entre a teologia no seminário e a realidade do povo.

Constatou-se que o processo romanizador, preocupado em preparar bons padres defensores da doutrina católica e controladores dos leigos, que os levasse à obediência a hierarquia, gerou uma grande distância da linguagem e do mundo de vida do povo. Alguns seminaristas advindos do meio dos pobres entravam num processo de negação das suas raízes culturais, inclusive de elitismo intelectual e passavam a desprezar e desrespeitar a caminhada do povo de Deus.

Embora no seminário de Olinda e Recife houvesse uma perspectiva progressista no ensino teológico, os estudantes não conseguiam superar o abismo que se abria entre a teologia acadêmica e o catolicismo popular.³⁹³ Surgem alguns seminaristas mais ousados e sonhadores em construir experiência de formação teológica de interação com a realidade do povo simples e humilde do campo.

Importava formar agentes de pastoral comprometidos com os pobres do meio rural, no jeito de rezar, trabalhar e lutar por dignidade. O pequeno grupo de estudantes seminaristas advindos do campo, juntamente com José Comblin, após período de reflexão iniciaram a experiência do seminário rural. Expressaram a meta do estilo de padre e agente de pastoral que desejavam “Ser pastor entre os pobres, a partir da inserção em seu meio. Aprender o serviço à Igreja e às pessoas”³⁹⁴.

Elaboraram metodologia teológica que relacionava vida do povo, Bíblia, conteúdos teológicos, comunidade e realidade. A aprendizagem se dava de maneira recíproca entre estudantes, povo de Deus e professores. O padre José Comblin acompanhava as duas comunidades do seminário rural através de visitas periódicas, em Tacaimbó – Pernambuco, e em Salgado de São Félix, na Paraíba.

A grande novidade foi articular estudo, trabalho na roça em sintonia com as angústias, alegrias e esperanças dos pobres do campo. Os seminaristas trabalham no campo pela manhã, à tarde dedicavam-se aos estudos e à noite ao apostolado na comunidade. Ouviam as pessoas sobre diversos assuntos teológicos e percebiam a fala de Deus no meio do povo. Depois retornavam à Bíblia e às leituras teológicas para reflexão e aprofundamento.

Elaboravam por fim, um discurso teológico sobre os temas a partir da fala do povo. Comblin ensinava, mas também aprendia muito e bebia do manancial da fé do povo “com

³⁹³ MUGGLER, Mônica Maria. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*, op. cit., p. 86.

³⁹⁴ COMBLIN, José. *Teologia da enxada: uma experiência da igreja no nordeste*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. p. 9.

profunda atenção e reverência”³⁹⁵. Da experiência de três anos, de 1969 a 1971, surge a mística e a metodologia teológica e pastoral que ficou conhecida como Teologia da Enxada.

A preocupação de Comblin com a formação de padres comprometidos com os pobres, mergulhados na vida do povo, era coerente com a perspectiva eclesial a qual ele investiu toda a sua vida, a Igreja povo de Deus, em que os pobres, preferidos de Deus, exercem o protagonismo de seu ministério sacerdotal, profético e pastoral.

Era necessário quebrar as cercas e muros intelectualistas que separavam os tidos “sabidos” detentores do saber teológico e os humildes simples, cuja sabedoria e fé eram tratadas como ignorantes. Além do seminário rural, dentro do processo de edificação da Igreja povo de Deus no semiárido nordestino, Comblin e uma equipe de agentes de pastoral desenvolveram outros projetos de formação intensiva do laicato para assumirem a missão de batizados na Igreja e na sociedade.

Comblin³⁹⁶ insistia na restituição da palavra aos pobres, ouvir e prestigiar a fala do povo, pois o Espírito fala por meio dos pobres. O cristianismo antes de ser fé, é palavra. Ter fé é acolher a Palavra feito carne, Jesus Cristo. Quem orienta a palavra é o Espírito, faz-se necessária a reverência da escuta do Espírito na vida dos pobres. A Palavra de Deus dirigida à humanidade situa-se dentro da história e conduz o agir humano.

A palavra tem centralidade na missão evangelizadora e atinge valor e significado na missão. É palavra dirigida por alguém a alguém, de uma pessoa, comprometida no desejo de comprometer, a quem se dirige, é proposta que pretende suscitar uma ação. Não é mera transmissão de conhecimentos. A palavra possui efeito perlocucionário: “Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam sem terem regado a terra, [...] tal ocorre com a Palavra que sai da minha boca: ela não torna a mim sem fruto [...]” (cf. Is 55,10-11).

Para que a evangelização atinja o objetivo de suscitar conversão e adesão à pessoa e ao projeto de Jesus Cristo, é importante que seja compreendida, assimilada a mensagem pelos interlocutores. Comblin aponta a necessidade da sintonia com a linguagem e a vida dos destinatários da missão. É importante a consonância e o respeito ao mundo de vida das pessoas, escutar o que Deus quer dizer através do outro. A palavra é transmitida no dia-a-dia dos pobres, não se faz evangelização eficaz de maneira episódica.

Comblin entende que a fala dos pobres foi negada e marginalizada na cristandade, não foi prestigiada no passado e ainda não o é no presente. Nem as ditas reformas lhe deram a

³⁹⁵ MUGGLER, Mônica Maria. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*, op. cit., p. 87.

³⁹⁶ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 331-332.

devida atenção, pois foram feitas por elites letradas, que se aliaram aos novos donos do poder econômico e político. As revoluções que falaram em nome do povo e se propuseram a ser a voz dos pobres o foram de maneira bastante limitada. A história constituiu-se como ascensão de sucessivas elites, mesmo na Igreja.

Contudo, os pobres sempre falaram. Desde o princípio o Espírito conduziu a palavra dos eleitos de Deus e Jesus percebeu e acolheu a ação do Espírito na Cananéia, no cego, no pescador Pedro, enfim a palavra de Deus na fala dos pequeninos. Para Comblin, o Evangelho sobrevive por vinte séculos porque nos subterrâneos da história os pobres evangelizaram.

Para ouvir o Espírito falar é preciso ir ao povo, inserir-se como Jesus no dia-a-dia dos pobres, estar em sintonia com realidade. Assim procederam alguns homens e mulheres na história. Lembramos a práxis pastoral do Padre Ibiapina e do Padre Cícero no semiárido nordestino. Comblin trabalhou por mais de cinquenta anos no Nordeste e percebeu a pujança da palavra dos dois missionários na vida do povo, pela empatia que tinham com a vida dos pobres.

Quando retornou do exílio no Chile, Comblin reúne-se com a equipe do seminário rural, agentes de pastoral, leigos e religiosos, e tomam a decisão fortalecer o povo de Deus através das Santas Missões, no estilo do Padre Ibiapina. Ir aos pobres do sertão, ouvir suas dores e necessidades, e descobrir os potenciais existentes no meio do povo para juntos encontrarem as saídas para os problemas.

Do trabalho iniciado brota o fruto da Associação dos Missionários do Nordeste (AMINE), que ainda hoje continua a animar comunidades eclesiais de base, fortalecer as organizações do povo e despertar vocações missionárias leigas no povo de Deus. Insistiu-se na dimensão comunitária da fé, na ida ao outro e experimentar Deus no face a face com os pobres. As Santas Missões Populares não querem apenas agitar as comunidades, como um fogo passageiro, mas fazer frutificar os dons que o Espírito suscita nas pessoas e comunidade.³⁹⁷

Para adubar as sementes da missão popular e ajudar a brotar novas lideranças camponesas, surge o Curso da Árvore. Brotou da metodologia utilizada nas reuniões com o povo para falar das várias dimensões da vida nas comunidades eclesiais de base. Anos depois, a formação de leigos estender-se-á também às comunidades das periferias urbanas. Era preciso formar lideranças convictas na fé para animar a caminhada do povo de Deus. O projeto da árvore teve seu apogeu nos anos 1990.

³⁹⁷ MUGGLER, Mônica Maria. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*, op. cit., p. 173-178.

A experiência do Seminário rural, as Santas Missões Populares e o Curso da Árvore, permitiram ao teólogo José Comblin conhecer e percorrer os caminhos do Nordeste onde estavam os mais humildes e simples, os pobres de Deus. Percorria até doze quilômetros a pé para alcançar os transportes mais precários nas feiras, beiras de estrada, sob o sol, chuva e poeira:

Conheceu a seca e o calor humano, a carestia e a solidariedade dos pobres, a pobreza e a beleza do semiárido nordestino. E a cada dia se apaixonava mais pelo Nordeste, amava verdadeiramente o povo dos pobres, nele descobria sempre mais a imagem de Jesus e a presença do Reino.³⁹⁸

3.3 À luz da teologia do povo de Deus e da ação pastoral do Padre Ibiapina – convites à práxis cristã hoje no semiárido nordestino

Esvaziar-se de todo poder e majestade, e criar carne humana, foi a pedagogia de Deus ao tomar a iniciativa de vir ao encontro da humanidade. Jesus comunica aos pobres o chamado a ser povo de Deus e viver na liberdade. Paulo apóstolo traduz de maneira bela esta verdade: “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1.13).

Livres de toda escravidão e idolatria, os cristãos podem comunicar à humanidade inteira sua vocação. O apego a bens, cargos, honrarias e leis impedem o caminhar ao encontro do outro e enxergar nele a pessoa de Jesus. O retorno à Palavra, ao Deus revelado em Jesus nos evangelhos, é renovado convite à Igreja a esvaziar-se de tudo o que impede o exercício do amor, da misericórdia.

Encontrar com Jesus nos evangelhos é renovado convite à Igreja ao esvaziamento de toda rigidez e pompas, fazer-se próxima dos pobres e marginalizados e revelar a face do Deus ternura amorosa e compassiva. Assumir atitude de mãe acolhedora, como o Pai Misericordioso do evangelho, fará o ser humano de hoje, aproximar-se da Igreja e responder ao chamado de Deus.

Na Igreja que se abre às ações de Jesus³⁹⁹ todos os marginalizados da sociedade encontram repouso, acolhida e liberdade para participar, expressar-se e organizar-se como povo de Deus. Descobre-se povo querido e eleito por Deus para vivenciar, no meio dos povos, a tríplice missão recebida no batismo de povo sacerdotal, povo de profetas e povo de pastores.

A liberdade propiciada pela *kénosis* permite a itinerância, a saída livre de si para servir ao próximo. Experiência que apresentamos do padre Ibiapina no semiárido nordestino. É

³⁹⁸ MUGGLER, Mônica Maria. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*, op. cit., p. 177.

³⁹⁹ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 246-260.

preciso ir aos pobres, aos que estão distantes ou foram distanciados. Constituir diálogo e comunicar-lhes a palavra que liberta. É o movimento do amor que desinstala. É o Espírito que enche os corações e abre caminhos novos através da palavra para que o Reino aconteça.

Espírito que é liberdade suscita à missão e pressupõe a resposta humana na liberdade. Convite à Igreja para desinstalar-se e abrir-se ao novo. A abertura aos sinais dos tempos foi uma das intuições fortes do Concílio Vaticano II, quando a Igreja pôs-se docilmente à escuta da Palavra. O discipulado pressupõe escuta e seguimento como lembrou a Conferência de Aparecida. Mas não basta ouvir é preciso praticar o que se aprende.

É na saída de si que a Igreja percebe as novas fronteiras da missão: questões sociais e ambientais, étnicas, novas culturas, movimentos migratórios, diálogo inter-religioso, mundo da comunicação. No entanto, a questão central do evangelho que é o Reino inaugurado por Jesus, anunciado aos pobres e marginalizados do mundo, ainda persiste. Convite renovado por Ele no evangelho.

Retornamos à práxis do padre Ibiapina no semiárido nordestino do século XIX, onde predominava a violência e o abandono dos pobres. A *kénosis* praticada por ele levou-o aos esquecidos da sociedade, aos violentados de todas as formas. E faz-nos perguntar: qual a presença da Igreja hoje junto às vítimas da violência das drogas? Quantas mães perdem seus filhos diariamente e qual a esperança dos pobres quando a justiça da terra ainda continua privilégio dos que podem pagar?

3.3.1 Pedagogia Pastoral e método do Padre Mestre Ibiapina

Há registros de que o padre Ibiapina, ao chegar aos povoados além de exortar à reconciliação, convocava a população a cavar uma grande vala e depositar nela as armas. Enterradas as armas construía-se no local as obras da Caridade.⁴⁰⁰ Entre os conselhos do Padre Cícero, aos milhares de romeiros de todo o Nordeste, ficou na memória do povo “Quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais”. E aos que desejavam converter-se orientava ao trabalho honesto e a vida penitente assumida por muitos na época.

A linguagem utilizada pelo Padre Ibiapina e pelo Padre Cícero entrava em sintonia com alma do povo sertanejo. Houve uma espécie de identificação. Comblin⁴⁰¹ diz que Ibiapina

⁴⁰⁰ ARAÚJO, Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*, op. cit., p. 309; MARIZ, Celso. *Ibiapina, um apóstolo do Nordeste*, op. cit., p. 125.

⁴⁰¹ COMBLIN, José. Padre Ibiapina a caminho da beatificação: entrevista. *Revista Vida Pastoral*, São Paulo, ano XXXVI, n. 183, p. 21-26, jul./ago. 1995.

percebeu que evangelizar não é só ir ao povo, mas pregar o Evangelho para provocar conversão. A meta de Ibiapina não era em primeiro lugar sacramentalizar, mas ir ao encontro das necessidades dos pobres, torna-se pela sua práxis, em pleno século XIX, o precursor da opção pelos pobres assumida pelo magistério latino-americano no século XX.

A ida ao encontro dos pobres suscita a ação, compromete com as dores, angústias e esperanças. Esvaziar-se e encarnar-se é fazer-se presença solidária, convite a ser Igreja pobre e servidora. O padre Ibiapina fez a opção pelos pobres, não como quem não tinha outra opção possível, mas como quem tinha todas as possibilidades na sociedade do seu tempo.

Quando a Igreja sai de si, o Espírito suscita as ações de Jesus, as obras que devem ser realizadas em cada época.⁴⁰² O padre Ibiapina recuperou a tradição cristã da opção pelos pobres, no serviço às órfãs, meninas em perigo de prostituição, doentes abandonados, famintos e idosos, mesmo criticado por muitos na época da grande seca:

A gente da Casa de Caridade deu o que pode e o que não pode, arriscando-se a morrer de fome com os retirantes, mas, confiados em Deus, resolveram morrer à fome com os pobres, mas não negar a comida ao menos uma vez por dia. A gente do mundo censurava, uns reprovando o bem que se fazia pelo mal que podia ver a Casa [...] Já tinha sido censurada a Casa, quando dava água francamente ao povo, expondo-se a ficar sem ela como ficou, mas o programa da Caridade é morrer com os pobres sequiosos e famintos, e não de vê-los morrer à sede e à fome. É essa a lei fundamental da Caridade.⁴⁰³

A pedagogia e a espiritualidade do Padre Ibiapina inspiram a Igreja dos pobres no semiárido nordestino ainda hoje. O estímulo ao protagonismo dos pobres, a autonomia das obras da Caridade através da mobilização popular nos trabalhos de mutirão e a educação profissionalizante das meninas órfãs, revelam a intuição do Bom Pastor preocupado com a vida do rebanho.

Padre Ibiapina realiza a evangelização com criatividade e entra em aliança com os pobres, os preferidos de Deus, suscita-lhes a dimensão comunitária da fé. Nas Casas de Caridade, as mulheres eram educadas e preparadas para serem educadoras nos sertões. Ibiapina recebeu o nome de Padre Mestre, ensinou o bem viver aos pobres, preocupou-se com as reais necessidades da vida do povo, construiu açudes, cacimbas, hospitais, orfanatos, cemitérios e estimulou o plantio de árvores frutíferas. Contou com as forças locais, despertou o povo pobre dos sertões para a autossustentabilidade. Estas ações inspiram e convidam à conversão a Igreja nos dias de hoje.

⁴⁰² COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*, op. cit., p. 240-241, 260, 462.

⁴⁰³ CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina*, op. cit., p. 184-185, 196.

3.3.2 Encarnação da Igreja dos pobres no Semiárido nordestino

A Igreja dos pobres no semiárido nordestino, movida pela palavra de Deus, pela teologia do povo de Deus do Vaticano II, e as opções do Magistério Latino-americano, reencontrou os rostos sofridos de Cristo nas mais diversas realidades. As pastorais sociais e organismos eclesiais mais ligadas às questões do campo, inspiram-se bastante nos ensinamentos e ações do Padre Ibiapina e do Padre Cícero.

A aliança com os pobres, o incentivo à organização e articulação em comunidades e grupos para as ações solidárias e a construção das saídas para os seus problemas, têm mudado a face do semiárido nordestino. A Igreja dos pobres possibilitou a mudança na compreensão do fenômeno da seca como castigo de Deus, e enxergou que é uma “indústria” geradora da pobreza para os pobres e por outro lado de mais riqueza para os ricos. Algo estava bastante errado, e nas últimas décadas afirmou-se que “o problema do Nordeste não é a seca meu irmão, o problema do Nordeste é a cerca do patrão”.

A Igreja dos pobres cresceu na consciência crítica através da realização de seminários, estudos sobre a realidade e constatou que a seca não se combate, que o semiárido é rico e o que se precisa é de políticas de convivência com o bioma caatinga. A partir do ensino e da prática do Padre Ibiapina e do Padre Cícero desenvolveram-se ações de coleta, recepção e cuidados com água. As cercas do latifúndio impedem o acesso dos pobres à terra e à água. A democratização dos bens destinados por Deus à humanidade é o desafio permanente.

Espalharam-se por todo o semiárido nordestino pequeninas ações agroecológicas, com o manejo adequado do solo e das plantas, sem o uso de agrotóxicos e queimadas, o replantio de árvores nativas, o armazenamento de sementes nativas, a agricultura familiar, os quintais produtivos, a rede abelha de produção de mel e as feiras livres. É uma infinidade de ações em favor da vida. As pastorais sociais entendem que a evangelização passa pelo resgate da dignidade humana através da solidariedade organizada e do protagonismo dos leigos.

O protagonismo dos pobres, dos leigos na Igreja e na sociedade, através da educação para o trabalho, da oração comprometida com a caridade, é um dos grandes legados do Padre Ibiapina e do Padre Cícero. Comblin, ao mergulhar na realidade nordestina e colocar o pé na estrada ao encontro dos pobres, redescobriu a riqueza espiritual e pastoral, guardada na memória dos pobres.

Considerou a Missão Ibiapina a mais original experiência de Igreja com o rosto dos pobres do sertão e lamenta que a Igreja envolvida no projeto ultramontano romanizador não

teve a sensibilidade de valorizar o tesouro que possuía.⁴⁰⁴ O convite à práxis misericordiosa, solidária e libertadora de Jesus Cristo, continua aberto aos homens e mulheres de hoje.

3.3.3 Proximidades entre a práxis pastoral dos Padres Ibiapina, Cícero e José Comblin

Percebemos algumas proximidades na práxis missionária destes três pastores do povo de Deus no semiárido nordestino: padres Ibiapina, Cícero e José Comblin. Mesmo tendo trabalhado em épocas diferentes, mas abraçaram a opção pelos pobres feita em primeiro lugar por Jesus Cristo e seu Pai, na força do Espírito Santo.

Aproximaram-se dos pobres da terra, dos desprovidos e negados nos direitos básicos à vida, o dom maior de Deus. Agiram movidos pela fé no Deus da Bíblia, em total compaixão pelos pobres e marginalizados, e investiram na união, formação e organização do povo de Deus. Tiveram bastante sintonia com os apelos do povo camponês mais simples e humilde.

Acreditaram na força espiritual dos empobrecidos, e favoreceram aos cristãos leigos a assumirem a tríplice missão que receberam no sacramento do batismo: sacerdotal, profética e pastoral. O padre Ibiapina assumiu a missão de modo itinerante mendicante numa verdadeira *kenósis*, seu testemunho de vida e atuação solidária contagiou milhares de pessoas em vários estados do nordeste brasileiro. Congregou comunidades em torno da oração e do trabalho em vinte e duas casas de caridade, numa verdadeira aliança com os pobres.

Já o padre Cícero Romão Batista não se distanciou do Juazeiro, exerceu seu ministério naquelas redondezas e congregou todo o semiárido nordestino, numa verdadeira “Missão Permanente”, termo utilizado por alguns pastoralistas da região. Quando se desencadeia a rejeição eclesial ao mundo dos beatos e beatas criados pelo padre Ibiapina, o padre Cícero dá um jeito de acolhê-los no Juazeiro do Norte, para colaborar no serviço da evangelização e na alfabetização dos jovens e sertanejos.

A “missão permanente” no Juazeiro caracterizou-se pela oração e trabalho, o lema era: “aqui se reza, aqui se trabalha”. Os romeiros vinham fazer penitência, ouvir os conselhos do padre Cícero, e realizar muitas orações e devoções a Nossa Senhora: ofício da Imaculada Conceição, o rosário da Mãe de Deus, e o culto ao Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria. Estas devoções foram deixadas pelo padre Ibiapina, sob o espírito do catolicismo ultramontano romanizador.

Vemos que o padre Ibiapina e o padre Cícero mesmo tendo recebido as influências do

⁴⁰⁴ COMBLIN, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*, op. cit., p. 9, 15.

catolicismo romanizador tiveram a habilidade de respeitar o mundo de vida em que foram educados na fé, que foi o catolicismo devocional de origem lusitana, e dialogaram com a linguagem dos mais simples. Dialogaram não apenas como uma estratégia missionária, mas nos seu jeito mesmo de ser e estar com os pobres.

Souberam contar com as forças e iniciativas populares dos mutirões para edificarem obras de caridade a serviço do povo de Deus, a exemplo do Bom Pastor Jesus, “o que eles têm?” (Mc 6,38). Incentivaram a dignidade do trabalho humano, e a iniciativa e criatividade das pessoas.

Enquanto Ibiapina percorreu o nordeste ao encontro dos desassistidos, com Cícero os empobrecidos do nordeste vieram ao Juazeiro em busca de uma vida melhor, de salvação espiritual e material. As duas práticas pastorais foram pautadas no exercício da Caridade promocional movida pela oração, e a não violência ativa.

A aliança com os pobres quebra a dependência dos apadrinhamentos dos grandes e gera liberdade inclusive para o agir pastoral da Igreja. A liberdade que faz ir ao encontro do outro de maneira gratuita e amorosa. Os pobres reunidos em comunidades livres criam novas relações de trabalho que respeitam a dignidade da pessoa humana, como foi o caso do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto do Beato José Lourenço, incentivado e apoiado pelo padre Cícero.

Padre Ibiapina e o padre Cícero desenvolveram uma evangelização que gerou autonomia financeira, liberdade e vida digna aos pobres, e contaram com a iniciativa que nada possuíam. Colaboraram para a formação do povo de Deus e despertaram para a possibilidade de uma nova sociedade baseada na igualdade, na fraternidade e na justiça. Esse projeto de evangelização assustou os poderes dominadores da época em que viveram o padre Ibiapina e o padre Cícero. Ainda hoje, quando a aliança para evangelizar é feita com os empobrecidos e suas organizações, continua a incomodar os que se acham donos do poder e das pessoas.

Trabalhou na mesma perspectiva evangelizadora no semiárido nordestino o missionário belga, o padre José Comblin. Investiu incansavelmente na formação de missionários leigos das comunidades eclesiais de base. Escreveu, falou e agiu de maneira profética na Igreja e sociedade, e sofreu durante a ditadura militar as consequências de sua profecia nas ditaduras do Brasil e do Chile. Acreditou na Igreja dos pobres e no potencial evangelizador dos cristãos leigos na pluralidade das realidades do mundo de hoje. Entendemos que, guardadas as diferenças de épocas, os três estilos de missão tiveram suas proximidades: a práxis pastoral de cunho promocional, educativa e profética a serviço da formação do povo de Deus e da vida e da defesa dos pobres.

3.4 Conclusão do capítulo 3

Concluimos o quarto capítulo com a convicção fortalecida de que o projeto de Deus para a humanidade é a liberdade e que esta liberdade concretiza-se na história de maneira coletiva no povo querido por Deus. A efetivação da liberdade passa pelo compromisso com a justiça, igualdade e fraternidade, sinais do Reino da vida para todos. O povo da aliança restaurada em Jesus, e libertado por ele, é constituído para comunicar profeticamente aos outros povos a liberdade com que Cristo nos libertou: livres de todo egoísmo dar o sinal do serviço (cf. Gl 5, 1.13).

Constatamos que a eclesiologia da Sociedade Perfeita ou Igreja Imperial, estava embasada em imagens de Deus construídas a partir dos conceitos filosóficos metafísicos de perfeição, imutabilidade, onisciência, onipotência, impassibilidade. A experiência do Deus bíblico libertador de escravos, que se comoveu com as dores da humanidade no passado e encarnou-se em Jesus, que se esvaziou de todo poder e se fez servo de todos, foi deixada de lado. Deu-se um distanciamento da humanidade de Jesus.

O retorno à Bíblia no Vaticano II permitiu aos cristãos reencontrarem Jesus, divino e humano, Verbo de Deus encarnado na história, próximo dos pobres, dos sofredores e marginalizados. Aproximar-se do Deus da Bíblia possibilitou a muitos membros da Igreja se reaproximarem dos pobres e, aos pobres, voltarem a confiar na Igreja e se assumirem como povo de Deus.

A vida nas comunidades eclesiais de base e a participação nas pastorais sociais, nas coordenações e articulações da Igreja dos pobres, favoreceu o florescimento de muitas lideranças leigas missionárias e proféticas. Experiência eclesial que se demonstrou madura a ponto de oferecer mártires da causa do Reino em toda a América Latina, no enfrentamento dos poderes opressores e autoritários, em nome do Deus da vida e do Reino.

À luz da teologia de Comblin percebemos as imagens de Deus que moveram as testemunhas de Jesus no semiárido nordestino. Destacamos a emergência da Igreja dos pobres no apostolado e missão do padre Ibiapina e padre Cícero, bem como, a experiência do Deus solidário, aliado dos que se abrem às novidades do Espírito no serviço do povo de Deus.

Fizemos um pequeno mergulho no rio da profética experiência pastoral e acadêmica do teólogo José Comblin, um profeta dos nossos tempos guiado pelo Espírito. Sentimo-nos como um mergulhador à procura de pérolas, e as encontramos. Fomos enriquecidos, tomamos banho de evangelho, solidariedade e esperança.

O grande desejo de Comblin é nosso desejo, de que a Igreja de Cristo se assemelhe

sempre mais ao seu esposo, na *kénosis*, no serviço, na escuta dialogal e na promoção da vida. Que a esperança dos pobres não desanime jamais, que apareçam sempre mulheres e homens com o Espírito do servo sofredor, ouvidos aguçados às dores e esperanças da humanidade. O testemunho de desprendimento missionário e de doação ao povo de Deus, aos pobres, que Comblin vivenciou e deixou sistematizado, possam entusiasmar mais e mais pessoas à pesquisa e à luta pela justiça do Reino.

CONCLUSÃO

Aproximar-se da teologia de José Comblin é fazer a experiência de Moisés ao contemplar a Deus na sarça ardente. É convite ao compromisso com o Espírito da liberdade que faz sair de si em busca do outro, do pobre, dos que foram negados na fala, na cultura e dignidade humana. É encontrar-se com o rio da profecia e da esperança que animou e anima ainda hoje mulheres e homens a comprometer-se com o Deus da Vida.

Comblin evidencia a perspectiva bíblica da categoria povo e do conceito “povo de Deus”. Retornar à Bíblia é encontrar o jeito que Deus sonhou para a humanidade, concretizado na aliança e na eleição: “Eu serei o seu Deus e vós sereis o meu povo” (cf. Ex 19,1-5; Lv 26,11-13; Jr 7,23; Ez 36,28; 2Cor 6,16ss). Imprescindível foi a contribuição do Concílio Vaticano II para que se desse o reencontro com a Palavra. Convite à Igreja a contemplar o Amado no espelho dos evangelhos e retomar o caminho.

Quem relembra à Igreja a memória de Jesus seus ditos e feitos é o Espírito. Desde a criação a trindade mantém a relação amorosa e dialogal com a obra realizada e comunica o projeto de vida ao mundo. O Deus presente na história suscitou patriarcas e matriarcas, lideranças, juízes e profetas, e por fim encarnou-se em Jesus de Nazaré, que revela plenamente o rosto misericordioso e compassivo do Pai, de maneira especial aos pobres, sofredores e rejeitados.

Desde o Antigo Testamento Deus convoca mulheres e homens para cooperarem no processo de edificação do povo. Capacita-os com o Espírito da liberdade e a palavra para enfrentar os conflitos como os que dominam e escravizam os pobres, e garante a presença libertadora “Não temas eu estarei contigo e porei minhas palavras na tua boca” (Cf Ex 3,7-10, Jr 1,4-10).

Manifestou-se aos hebreus escravos no Egito como Deus contrário a toda forma de opressão e escravidão e convocou as pessoas a realizarem aliança na liberdade. A consciência da vocação à liberdade emergiu na organização comunitária das tribos ao fazerem a memória das promessas de Deus aos antepassados: terra, família e benção (cf. Gn 12, 1-11; Sl 78).

A missão profética relembra aos pobres a descendência dos patriarcas e matriarcas e o projeto de vida para o povo escravizado. A palavra profética gera conflitos com os que oprimem e dominam e desvirtuam o nome de Deus. Jesus assumiu a tradição dos profetas e patriarcas de Israel, por isso entrou em confronto com a religião do culto e das leis que encobria e justificava o sofrimento, as injustiças e a pobreza.

A práxis de Jesus reanimou a esperança dos pobres e excluídos da sociedade judaica ao destinar o anúncio do Reino do Pai aos marginalizados pela sociedade. Voltar aos evangelhos é reencontrar Jesus, o Reino e os pobres. Nesta perspectiva, Comblin afirma que o problema da evangelização hoje não passa simplesmente por adentrar no mundo da comunicação e do marketing. A questão central de todos os tempos para a Igreja é o retorno a Jesus e àqueles que foram os destinatários primeiros do Reino: os pobres.

A opção pelos pobres não é algo secundário ou espontâneo de quem queira ou não assumi-lo na Igreja. É a opção do Deus da Bíblia, é critério evangélico. Deus escolhe os pobres não porque são os melhores, mas justamente porque são os rejeitados pelo mundo, os esquecidos e marginalizados. Estudar a teologia do povo de Deus em Comblin é encontrar-se com o Deus dos pobres que se encarnou na história, e com as pessoas que se comprometeram com eles ontem e hoje.

Para Comblin, o povo de Deus é o povo dos pobres. Os pobres sem terra, sem família e amaldiçoados pelos que detêm as riquezas e poderes do mundo, são os que carregam as promessas feitas a Abraão, retomadas pelos profetas e Jesus (cf. I Cor 1,26-29). Encontramos esta verdade na Bíblia, na Patrística e no Magistério latino-americano. A teologia do povo de Deus retorna no Concílio Vaticano II com o mergulho na Palavra, e encarna-se na Igreja dos pobres no continente latino-americano.

Destacamos três características do povo de Deus apresentadas por Comblin: liberdade, esperança e aliança. Deus constitui aliança na liberdade, não se compactua com pessoas que não sejam livres. A aliança pressupõe compromisso com valores, comportamento ético segundo os critérios de Deus. Dela brota a missão do povo eleito em ser testemunho de Deus entre os povos, em apontar sempre para o projeto de Deus. A esperança da terra livre, da fraternidade é sempre meta a guiar o povo peregrino.

Na relação com os outros povos da terra, o povo de Deus teve a tentação de acomodar-se ao modo de organizar-se socialmente e perder a dimensão escatológica. Surgem os profetas para lhes lembrar a missão. Apenas uma minoria permanece fiel ao projeto inicial. Comblin utiliza a terminologia de Dom Hélder Câmara, “são as minorias abraâmicas”, ou o “resto de Israel”, que mantém a esperança e a dimensão messiânica. Os profetas são suscitados pelo Espírito o realizador da memória.

Comblin dá grande acento à teologia do povo de Deus, contudo, reconhece que não é suficiente para expressar todos os aspectos da Igreja. O conceito “povo de Deus”, expressa algo fundamental para o futuro do cristianismo na nova humanidade que nasce no Terceiro Mundo. Diante do novo sinal dos tempos, o individualismo extremado da sociedade do

mercado, a quem só interessa consumidores, a teologia do povo de Deus convida à vivência comunitária da fé.

Revelar a fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo, significa proclamar o Deus Comunidade que quer vida plena e liberdade para os seres criados. O Filho esvazia-se e encarna-se solidário aos excluídos da sociedade e capacita, com o Espírito, pessoas com a coragem profética para formar o povo. O conceito de povo de Deus vai de encontro ao sistema que exclui, privilegia uns poucos e estimula a competição. Deus é compaixão solidária com os pobres.

A teologia do povo de Deus, ao recuperar a dimensão comunitária da fé, o compromisso com os pobres e a participação no sacerdócio comum dos fiéis, coloca a questão do poder na Igreja e na sociedade. Põe-se o desafio de uma Igreja servidora, kenótica, esvaziada de autoritarismo, aberta ao diálogo com o diferente e solidária aos sofredores.

Na Igreja povo de Deus os leigos participam, questionam e organizam-se livremente. São preparados e estimulados a cumprir sua missão nas estruturas da sociedade e colaborar nas atividades intraeclesiais. Pressupõe-se investimento na formação integral das pessoas que fazem a comunidade eclesial. A experiência da Igreja dos pobres na América Latina deu sinais concretos desta perspectiva nas Comunidades Eclesiais de base, sobretudo durante os anos 1970-1980.

Comblin investiu suas energias na formação de missionários leigos e acreditava convictamente serem eles os que de fato garantiriam a presença da Igreja no mundo atual. Leigos bem preparados diante dos grandes desafios do século XXI, que falem a linguagem possível de ser entendida pelas pessoas no dia-a-dia, no mundo do trabalho. Comprometidos com a ética na política, nas questões humanísticas, sociais, ambientais e capazes de dialogar com as questões relacionadas à reprodução e cuidado da vida.

Em sua longa peregrinação histórica, desde a saída da Bélgica em 1958 para o Brasil, a passagem pelo Chile e a ida para o Nordeste brasileiro, vivenciou uma fé itinerante, cheia de esperança profética sob os ventos do Espírito. Conheceu e colaborou na experiência da Igreja com o rosto indígena em Riobamba, Equador, ao lado de Dom Leônidas Proaño. Com Dom Manuel Larraín no Chile, durante o exílio, construiu o seminário rural em Talca, oportunidade em que sistematizou a formação da “Teologia da Enxada” no “Breve Curso de Teologia”.

A fé peregrina de Comblin o fez experimentar da rica pluralidade eclesial, fruto da liberdade do Espírito, que suscita pessoas em lugares e épocas diferentes a aderirem ao projeto de Jesus Cristo: o Reino de Deus. Aberto à novidade do Espírito entrou em contato com a Missão Ibiapina e as Romarias do Juazeiro no Nordeste brasileiro. Nasceu no teólogo

grande paixão pela originalidade das duas experiências que, de modos diferentes, reassumiram em pleno sertão a práxis de Jesus de Nazaré e sua opção pelos pobres.

Reanimar a esperança dos pobres na consciência da dignidade de povo de Deus, na autonomia para rezar, organizar-se e viver os valores do Reino de Deus em comunidade, é o legado da obra do Padre Ibiapina e do Padre Cícero. Inspirados pelos tesouros da espiritualidade e da tradição cristã os dois missionários do Nordeste, salvaguardadas as diferenças metodológicas do apostolado, tiveram a sabedoria de conciliar a doutrina católica com a fé popular. Recuperaram a tradição bíblica do cuidado, hospitalidade e promoção dos pobres, das mulheres, dos órfãos e sofredores.

Comblin afirma convicto que a Igreja dos pobres manteve-se nos subterrâneos da história, como pavio a fumar, até que servos de Deus, movidos pelo Espírito, soprassem as brasas e lhes reacendesse a chama da esperança. É o que se concretizou na práxis do padre Ibiapina e padre Cícero no Nordeste do século XIX.

Oferecem-nos, os dois missionários na pedagogia pastoral, a chave hermenêutica bíblica do trabalho. Compreenderam que a melhor maneira de agradar a Deus é a promoção e defesa da vida através da garantia do trabalho digno: “Plantarão vinhas e comerão seus frutos, construirão casas e nelas habitarão” (cf. Is 65,17-25).

Existe laboriosa pesquisa de estudiosos sobre o fenômeno religioso do Juazeiro, da pessoa do padre Cícero, da questão do milagre da beata Maria de Araújo, que poderíamos ter aprofundado na emergência da Igreja dos pobres, a partir do catolicismo popular. A riqueza de elementos culturais, teológicos e eclesiais das romarias também é motivação de muita pesquisa. Porém escolhemos analisar a emergência do povo de Deus, a partir da Missão do padre Ibiapina; e passamos de maneira breve no apostolado do padre Cícero.

Peregrinamos, através da teologia do povo de Deus em Comblin, na percepção da Igreja dos pobres na história, durante a cristandade, de que maneira o Espírito suscitou movimentos que retomaram dimensões bíblicas do povo de Deus: monaquismo, beguinagem, mendicantes, *devotio* moderna, culminando com a reforma. Percebemos de que modo o povo de Deus sobreviveu no povo dos pobres, e em que assumiu ou foi impedido de assumir sua tríplice missão, dada a forma de poder constituído eclesialmente.

Passamos pela grande espera dos pobres até o alvorecer do Concílio Vaticano II, no retorno à teologia povo de Deus e a concretização da Igreja dos pobres na América Latina. Fomos bastante enriquecidos e esperamos que o presente trabalho desperte o desejo de outras pessoas a aprofundarem ainda mais o tema. Comblin acreditava que o conceito de “povo de Deus” tem grande contributo a oferecer ao cristianismo do século XXI, na sociedade marcada

pelo individualismo.

O povo de Deus é meta, projeto não acabado que peregrina na história. Vivencia a esperança do Reino e o testemunha na profecia, na vida comunitária, na solidariedade e diálogo com os outros povos. Muito se escreveu sobre o assunto, ainda há muito o que refletir e concretizar do jeito que Deus sonhou para a humanidade viver como seu povo: na fraternidade, na justiça e no amor, para que todos tenham vida.

Urge para a Igreja povo de Deus a prática do diálogo, a exemplo da Trindade que se esvaziou e veio na pessoa do Filho ao encontro da humanidade como ser humano. A humildade e o serviço no exercício do poder de forma descentralizada, e o investimento na formação integral dos leigos. Realizar as ações fundamentais de Jesus a serviço dos pobres e sofredores a partir dos desafios de cada época, deixando-se conduzir pelo Espírito que faz a memória e abre à novidade das fronteiras missionárias.

REFERÊNCIAS

A ESPERANÇA dos pobres vive; coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003.

ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na história*. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1999. (Coleção Igreja na História).

_____. *Breve história do Concílio Vaticano II: (1959-1965)*. Tradução Clóvis Bovo. Aparecida, SP: Santuário, 2006.

_____. *História dos concílios ecumênicos*. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995.

ALMEIDA, Antônio José de. *Lumen Gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.

ARAÚJO, Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. São Paulo: Paulinas, 1996. (Coleção Testemunhas, Série Heróis).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação - referências - elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.

_____. *NBR 10520: informação e documentação - apresentação de citações em documentos*. Rio de Janeiro, 2002.

_____. *NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2011.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus*. 2. ed. Fortaleza: IMEPH, 2008.

_____; SOUZA, Francisco Roserlândio de. A irmandade religiosa dos beatos e a prática pastoral do Padre Cícero: oração e trabalho. In: INTEECLESIAL DE CEBs, 13. *Texto-base: Justiça e profecia a serviço da vida*. [s.l.]: Editora Rona, 2013. p. 65-78.

BENTO, Santo. *A regra de São Bento*. Tradução e notas de D. João Evangelista Enout. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1980.

BEOZZO, José Oscar et al. *Vida, clamor e esperança: reflexões para os 500 anos de evangelização a partir da América Latina*. São Paulo: Loyola, 1992.

_____; ALBERIGO, Giuseppe. *Herança espiritual de João XXIII: olhar posto no amanhã*. São Paulo: Paulinas, 1993.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

BORRIELLO, L. Et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2003.

BRAGA, Antônio M. da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um Padre, antropologia de um Santo*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

BROUCKER, José de. *As noites de um profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II: leitura das circulares conciliares de Dom Hélder Câmara: (1962-1965)*. Tradução Alcides Tedesco. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

BROW, Raymond E. *As igrejas dos apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986. (Coleção Temas Bíblicos).

CARVALHO, Ernando Luís T. de. *A missão Ibiapina: a crônica do século XIX escrita por colaboradores e amigos do Padre mestre atualizada com notas e comentários*. Passo Fundo, RS: Berthier, 2008.

CARVALHO, Gilberto Vilar de. O padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu povo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 43, n. 169, p. 103-133, mar. 1983.

CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Tradução Maria Yedda Linhares. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CEHILA, Georgette Desrochers; HOORNAERT, Eduardo (Org.). *Padre Ibiapina e a igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1984.

COMBLIN, José. *A força da palavra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

_____. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. Carta de despedida do Padre Ibiapina às irmãs das casas de Caridade. In: _____. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Coleção A Oração dos Pobres), p. 47-50.

_____. Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois. *Cadernos Teologia Pública – IHU*, São Leopoldo, ano V, n. 36, p. 5-28, 2008.

_____. *Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996. (Coleção Temas de Atualidade, 8).

_____. *Epístola aos Efésios: comentário bíblico/NT*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

_____. Ibiapina, o Missionário. In: CEHILA, Georgette Desrochers; HOORNAERT, Eduardo (Org.). *Padre Ibiapina e a igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 119-126.

_____. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Coleção A Oração dos Pobres).

_____. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2012. (Obra póstuma).

_____. O pobre: critério para a profecia. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de (Org.). *A opção*

pelos pobres no século XXI. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Cidadania), p. 181-201.

_____. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Temas de Atualidade).

COMBLIN, José. *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito Santo e a história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

_____. *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Biografias).

_____. Padre Ibiapina a caminho da beatificação: entrevista. *Revista Vida Pastoral*, São Paulo, ano XXXVI, n. 183, p. 21-26, jul./ago. 1995.

_____. *Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Biografias).

_____. *Teologia da enxada: uma experiência da igreja no nordeste*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

_____. *Um novo amanhecer da Igreja?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. *Vocação para a liberdade*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 3., 1979, Puebla de los Angeles, MX. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. São Paulo: Paulinas, 1984.

CONGAR, Yves. *L'Eglise comme peuple de Dieu*. *Concilium*, Paris, t. I, f. 1, p. 15-32, 1965.

COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2001.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2007.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. *Maria do Juazeiro: a beata do milagre*. São Paulo: Annablume, 1999.

GAUTHIER, Paul. *O Concílio e a "Igreja dos pobres"*. Consolai o meu povo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1967.

GUIMARÃES, Ana Teresa; DUMOULIN, Annette. Mística e espiritualidade da romaria com particular enfoque sobre a romaria de Juazeiro do Norte. In: INTEECLESIAL DE CEBs, 13. *Texto-base: Justiça e profecia a serviço da vida*. [s.l.]: Editora Rona, 2013. p. 192-209.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo*. Tradução Sérgio José Schirato. São Paulo: Paulus, 1995.

HOORNAERT, Eduardo. 5 reflexões sobre o padre Ibiapina. *ADITAL - Notícias da América Latina e Caribe*, Fortaleza, 02 maio 2011. Disponível em: <www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=56034>. Acesso em: 09 maio 2011.

HOORNAERT, Eduardo. *Crônica das casas de caridade fundadas pelo padre Ibiapina*. São Paulo: Loyola, 1981. (Coleção Missão Aberta, 5).

_____. Memória de Ibiapina, o leigo e o sacerdote. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, p. 419-430, 2006.

_____. (Org.). *Novos desafios para o cristianismo: a contribuição de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2011.

IGREJA CATÓLICA; PAULO VI, Papa (1963-1978: Paulo VI). *Evangelii nuntiandi do Sumo Pontífice Paulo VI ao episcopado, ao clero, aos fiéis de toda a Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

KONINGS, Johan. *Vade-mécum para pesquisa e redação em filosofia e teologia*, Belo Horizonte: FAJE, 2012.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004.

LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

MADEIRA, Maria das Graças Loiola; SAMPAIO, Wilson Correia (Org.). *Missionários e beatos nos sertões nordestinos: ações socializadoras e formativas (séculos XVIII-XX)*. Maceió, AL: Ed. UFAL, 2011.

MARIZ, Celso. *Ibiapina, um apóstolo do Nordeste*. João Pessoa: A União Editora, 1942.

MUGGLER, Mônica Maria. *Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito*. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2013.

NOBRE, Edianne dos Santos. *Regulamento interno para as Casas de Caridade do Padre Ibiapina*. Crato, CE: Arquivo da Cúria Diocesana do Crato, 2004.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de (Org.). *A opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Cidadania).

OTTEN, Alexandre H. “*Só Deus é grande*”: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo: Loyola, 1990. (Coleção Fé e Realidade, 30).

PADIN, Dom Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo; CATÃO, Francisco. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968: Trinta anos depois, Medellín ainda é atual?*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

PANICO, Dom Fernando. *Romarias e reconciliação: carta pastoral*. Juazeiro do Norte, CE: Gráfica Mascote, 2003.

PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 1990.

PINTO JUNIOR, Luís A. O padre Ibiapina, precursor da opção pelos pobres na Igreja do Brasil. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 34, p. 197-222, 2002.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Por uma Igreja mais humana: identidade cristã dos ministérios*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Coleção Teologia Hoje).

SCHNACKENBURG, Rudolf; DUPONT, Jacques. *A Igreja, povo de Deus*. Concilium, Paris, t. I, f. 1, p. 91-100, 1965. Traduzido da versão francesa de A. M. Seltz.

SEGUNDO, Juan Luís. *Teologia aberta para o leigo adulto*. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1975. v. 3: Nossa ideia de Deus.

SILVA, Severino Vicente da. Ibiapina – O profeta da opção preferencial pelos pobres. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 4, p. 64-66, 1984.

SOBREIRA, Azarias. *O patriarca de Juazeiro*. Fortaleza: Edições UFC, 2011. (Coleção Centenário).

SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1982.

SUSIN, Luís Carlos (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000.

VIGIL, José Maria (Org.). *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

WALKER, Daniel. *A sabedoria de Padre Cícero: conselhos, profecias e pensamentos*. Juazeiro do Norte, CE: Juaonline, 2008.

ZAVALLONI, Roberto. *A personalidade de Clara de Assis: estudo psicológico*. Petrópolis, RJ: FFB, [s.d.].